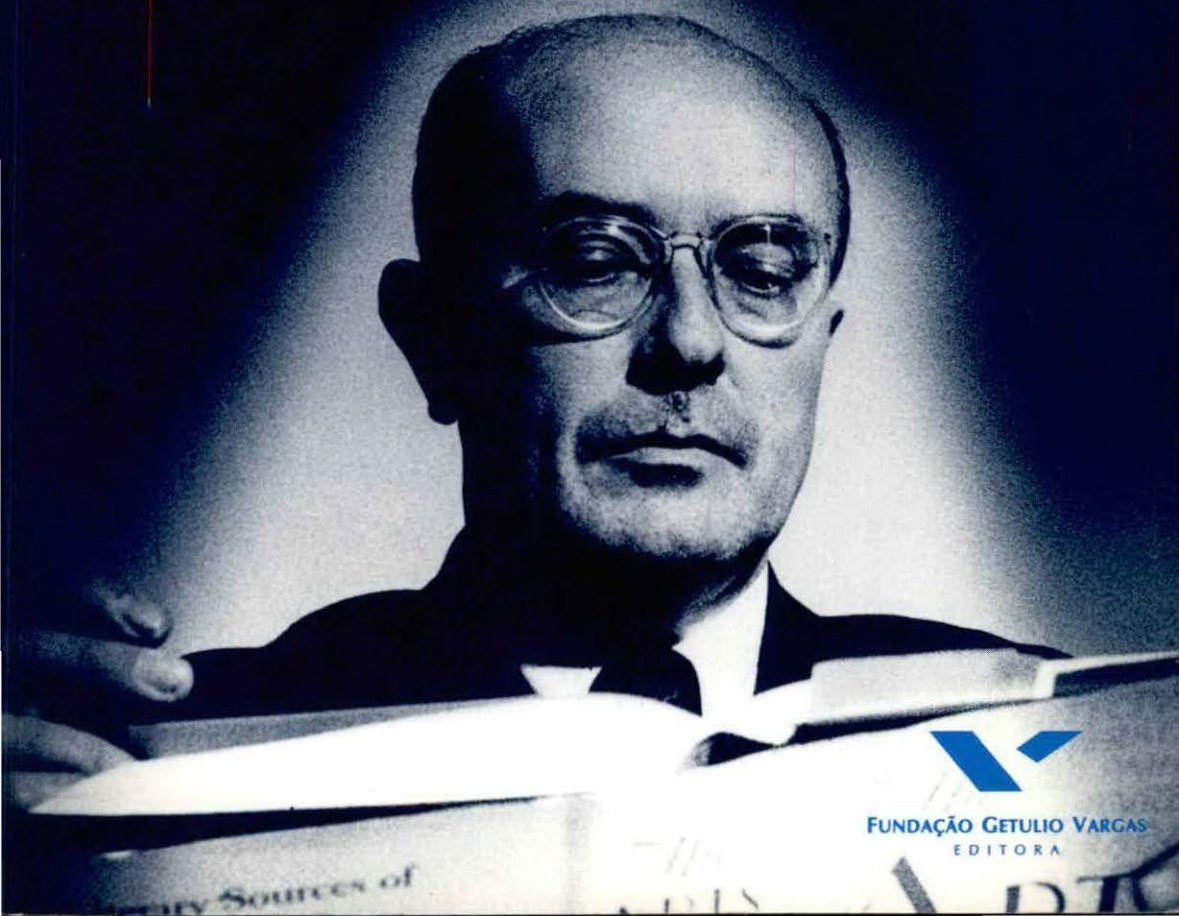


SUELY BRAGA DA SILVA E PAULO ROSAS  
ORGANIZADORES

# MIRA Y LÓPEZ

## E A PSICOLOGIA APLICADA NO BRASIL



  
FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
EDITORA

**MIRA Y LÓPEZ**  
E A PSICOLOGIA APLICADA NO BRASIL

SUELY BRAGA DA SILVA E PAULO ROSAS  
ORGANIZADORES

**MIRA Y LÓPEZ**  
E A PSICOLOGIA APLICADA NO BRASIL



FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
EDITORA

Copyright © Fundação Getúlio Vargas

Direitos desta edição reservados à  
EDITORA FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
Praia de Botafogo, 190 — 6º andar  
22253-900 — Rio de Janeiro — Brasil  
Tel.: (021) 536-9110 — Fax: (021) 536-9155  
e-mail: editora@fgv.br  
<http://www.fgv.br/fgv/publicacao/livros.htm>

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

É vedada a reprodução total ou parcial desta obra

1ª edição — 1997

REVISÃO DE ORIGINALS: Luiz Alberto Monjardim  
EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: Jayr Ferreira Vaz e Simone Ranna  
REVISÃO: Aleidis de Beltran e Fatima Caroni  
PRODUÇÃO GRÁFICA: Helio Lourenço Netto

CAPA E CADERNO DE FOTOS: Tira linhas studio

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca  
Mario Henrique Simonsen/FGV

Mira y López e a psicologia aplicada no Brasil / Organizadores:  
Suely Braga da Silva e Paulo Rosas. — Rio de Janeiro: Editora Fun-  
dação Getúlio Vargas, 1997.

152p.: il.

Inclui bibliografia.

1. Mira y López, Emilio, 1896-1964. 2. Psicologia aplicada —  
Brasil — História. 3. Instituto de Seleção e Orientação Profissional.  
I. Silva, Suely Braga da. II. Rosas, Paulo. III. Fundação Getúlio  
Vargas.

CDD-921.6

# Sumário

Prefácio	
<i>Jorge Oscar de Mello Flôres</i>	7
Apresentação	9
O ISOP no tempo de Mira y López	
<i>Paulo Rosas</i>	11
Seleção de artigos de Mira y López	57
Produção intelectual de Mira y López	105
Biografia de Emilio Mira y López	131

## Prefácio

Na qualidade de diretor executivo da Fundação Getúlio Vargas, tive o privilégio de privar com o professor Emilio Mira y López, figura admirável como pessoa humana e como profissional de alto conceito.

Em minha posição, tive ocasião de contratá-lo e apoiá-lo na criação do Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP). Desde o local onde se instalou, cedido pelo Banco do Brasil, e seu aparelhamento, até a contratação das pessoas indicadas pelo professor Mira, tudo lhe foi atendido para propiciar-lhe a grande obra que realizou.

Acompanhei os trabalhos do ISOP com interesse e fui um entusiasta de seus resultados. Submeti-me pessoalmente a todos os seus testes — de personalidade, comportamento, aptidão vocacional ou artística, inteligência espacial, verbal e abstrata —, tendo ao fim uma síntese coordenada pelo próprio professor Mira. Nos concursos da Fundação Getúlio Vargas, acrescentei, às provas de conhecimento herdadas da tradição do Departamento Administrativo do Serviço Público, os testes que eram aconselhados pelo ISOP.

Mais tarde, quando deixei o cargo de diretor executivo da Fundação Getúlio Vargas para ser diretor do Grupo Segurador Sul América, continuei cliente do ISOP, usando seus serviços em minhas seleções de pessoal e para solucionar problemas de readaptação funcional.

Além disso, continuei na Fundação Getúlio Vargas como membro de seu Conselho Diretor, onde pude acompanhar a trajetória do professor Mira e os aperfeiçoamentos e evoluções que introduzia no ISOP, inclusive

a revista *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica*, da qual, como engenheiro e administrador, fui um leitor assíduo.

Nunca me afastei do ilustre professor Mira y López, personalidade exuberante e criadora, docente nato, de convívio muito agradável, que podia considerar meu amigo. Assim, sempre com ele mantive contatos esporádicos, facilitados com a proximidade de nossos escritórios, o dele na rua da Candelária esquina de Alfândega, o meu na rua da Alfândega esquina de Quitanda.

A certa altura, era eu professor catedrático da Escola de Engenharia da Universidade do Rio de Janeiro e, quando tinha provas para corrigir, gostava de levá-las para minha casa em Petrópolis, onde as examinava tranqüilamente. Em uma dessas estadas, em fevereiro de 1964, tive a triste notícia do falecimento do professor Mira y López na própria Petrópolis, o que me permitiu prestar-lhe uma última homenagem.

Conforme se verifica desta breve introdução, excetuados os auxiliares diretos do professor Emilio Mira y López, dificilmente alguém teve com ele maior contato e por mais tempo que eu, desde a sua contratação para a Fundação Getúlio Vargas até o seu descanso final.

*Jorge Oscar de Mello Flôres*  
Presidente da Fundação Getúlio Vargas

# Apresentação

Este livro surgiu do desejo de homenagear o professor Emilio Mira y López no ano do centenário de seu nascimento. Dificuldades encontradas no início dos trabalhos impediram sua publicação em outubro do ano passado, como era nossa vontade.

Emilio Mira y López é, sem sombra de dúvida, um dos grandes nomes ligados à história da Fundação Getúlio Vargas e merecedor do respeito de todos aqueles que privaram de seu convívio profissional e dos que conhecem um pouco da história do Instituto de Seleção e Orientação Profissional — o ISOP —, que ele ajudou a criar e a transformar numa instituição de renome nacional, nas décadas de 50 e 60.

Buscamos, com este trabalho, resgatar um pouco do pioneirismo do ISOP e de Mira y López, desde o momento da criação do Instituto, em agosto de 1947, até a morte de seu primeiro diretor, ocorrida em 16 de fevereiro de 1964.

Devemos ao professor Paulo Rosas a seleção e os comentários dos artigos de Mira y López aqui republicados. Os quatro primeiros artigos foram traduzidos do espanhol por Maria da Glória Rodriguez Werneck de Castro.

A Alice Mira y López agradecemos o empréstimo de seus vários álbuns com fotos, recortes de jornais e documentos que retratam a trajetória profissional de Mira y López desde a sua chegada ao Brasil, em 1945. Sem eles este livro não teria sido possível no formato com que se apresenta. A ela agradecemos, também, a revisão das referências bibliográficas dos livros

e artigos e da biografia de Mira y López, publicadas, anteriormente, em *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica* (Rio de Janeiro, 16(2/3), abr./set. 1964).

Finalmente, transcrevo as palavras finais do texto do professor Paulo Rosas, por considerá-las fundamentais à compreensão deste livro: "O que é preciso é compreender o ISOP no tempo de Mira, em seu contexto histórico. Não importa se o termo psicotécnica já não é mais de uso corrente. Quaisquer que tenham sido as mudanças e os possíveis futuros progressos da psicologia, o ISOP no tempo de Mira será sempre um dos capítulos mais brilhantes da breve história da psicologia no Brasil".

*Suely Braga da Silva*  
Pesquisadora do CPDOC

# O ISOP no tempo de Mira

---

*Paulo Rosas*

Hermann Ebbinghaus (1910) abre sua clássica *Introdução à psicologia*, publicada em primeira edição em 1897, com uma frase extremamente feliz: "A psicologia tem um longo passado e uma breve história". Palavras muitas vezes repetidas em livros de história da psicologia, mas ainda não desgastadas.

Respeitadas as diferenças entre o quadro histórico considerado por Ebbinghaus, cujas raízes remontam ao pensamento grego, tem cabimento identificar um "passado" da psicologia no Brasil, caracterizado pela discussão de idéias, em teses e ensaios assinados por filósofos, médicos, educadores, juristas.

Como anotei em *Mira y López — 30 anos depois* (Rosas, 1995), estudos de Isaiás Pessotti (1975, 1988) e Marina Massimi, entre outros, localizam a discussão de idéias envolvendo questões de teor psicológico em autores do período colonial, até o século XIX e mesmo no início do século XX. Reproduzem, na sua maior parte, "o pensamento ocidental e, mais propriamente, europeu" (Pfromm Netto, 1981; Angelini, 1984).

## A BREVE HISTÓRIA DA PSICOLOGIA NO BRASIL

A "breve história" da psicologia no Brasil teve sua fase de laboratórios de inspiração wundtiana, psiquiátrica e, sobretudo, pedagógica. A começar com o instituído em 1897 no Pedagogium, Rio de Janeiro, por iniciativa de Joaquim Medeiros e Albuquerque; sua direção foi confiada ao médico e professor Manuel Bonfim.

De inspiração pedagógica foram, igualmente, os laboratórios criados por Clemente Quaglio em São Paulo: o primeiro, em 1909, sediado em um grupo escolar; o segundo, em 1912, na então Escola Normal da Praça da República, o qual seria reformulado e ampliado em 1914 por Ugo Pizzoli (Pfromm Netto, 1981).

Quanto aos laboratórios instalados no Rio de Janeiro, com exceção do situado no Pedagogium, estiveram mais próximos da experiência psiquiátrica. Assim aconteceu em 1907: Laboratório do Hospital de Alienados, dirigido por Maurício Medeiros, ex-aluno de Georges Dumas; em 1922: Laboratório da Liga Brasileira de Higiene Mental, criado por Gustavo Riedel e, no início, dirigido por Alfred Fessard; e em 1923: Laboratório da Colônia de Psicopatas de Engenho de Dentro, de certo o mais florescente. Também ele implantado por Gustavo Riedel, mas dirigido e dinamizado pelo psicólogo polonês Waclaw Radecki (Lourenço Filho, 1955; Pfromm Netto, 1981; Centofanti, 1981).

A breve história da psicologia no Brasil teve, também, sua pretensão teórica, desenvolvida por Waclaw Radecki: o "discriminacionismo afetivo".

Em todo caso, o que restou de mais considerável do esforço realizado pelos que se dedicaram à psicologia no Brasil antes de 1940 esteve relacionado com a psicologia aplicada ao trabalho, à saúde e à educação. Frutos de institutos, serviços e dos próprios laboratórios, foram concretizados em referência a suas vertentes médicas e pedagógicas, como tão oportunamente observou Lourenço Filho (1955, 1970).

Para viabilizar cada projeto foi preciso que pioneiros, a exemplo de Ulisses Pernambucano, Helena Antipoff, Lourenço Filho, Jaime Grabois e Roberto Mange se dedicassem ao treinamento de seus auxiliares, em grande parte portadores de diplomas de Escolas Normais: a "era normalista", diria Anita Cabral (1950). Ou, nas palavras de João Carlos Vital (1973a): "a fase heróica".

Pelo volume e importância de suas iniciativas, resalto as contribuições de Roberto Mange. Suíço de nascimento, naturalizado brasileiro, Roberto Mange foi um dos idealizadores do Instituto de Organização Racional do Trabalho (Idort), instalado em 1931. Em 1934, ministrou na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo o primeiro curso de psicotécnica realizado formalmente no Brasil. Criou o Centro Ferroviário de Ensino e Seleção Profissional e foi o principal animador da fundação do Senai. Credita-se a Roberto Mange a autoria de estudos e pesquisas elaborados entre os anos 30 e 40 sobre o fator humano no trabalho, acidentes na estiva de Santos, seleção de motoristas, cabineiros ferroviários, pessoal de escritório e trabalhadores de outros grupos ocupacionais (Bologna, 1980). Oswaldo de Barros

Santos, recém-saído da Escola Normal aos 18 anos, teve sua iniciação psicológica sob a orientação de Roberto Mange (Santos, 1980).

Jaime Grabois (Lagenbach, 1982), antigo aluno e colaborador de Radecki, pretendeu realizar um curso de psicologia no Instituto de Psicologia da Universidade do Brasil, quando de sua reabertura, em 1937. Seu projeto não foi aprovado, o que não o impediu de promover, a partir de 1940, cursos livres de psicotécnica no Rio de Janeiro.

A presença no Brasil de eminentes professores estrangeiros, seja por períodos curtos, como Henri Piéron, seja por permanências prolongadas, à maneira de André Ombredane, Jean Maugé, Roger Bastide e Paul Arbousse Bastide, contratados pela USP entre os anos 30 e 40, estimulou, principalmente aqueles que os ouviram, a sonhar com projetos acadêmicos, de ensino e pesquisa.

### **A CONSOLIDAÇÃO DA PSICOLOGIA APLICADA NO BRASIL**

Constata-se nos parágrafos anteriores que, entre 1920 e 1940, psicólogos pioneiros procuraram ultrapassar a fase dita "literária" da psicologia entre nós, promovendo a divulgação de práticas, disseminando a psicologia aplicada, treinando particularmente seus auxiliares imediatos, abrindo os olhos para contribuições mais avançadas, conhecidas através de leituras de livros e revistas produzidos na Europa e nos Estados Unidos. Conhecidas, em alguns casos, através de cursos ou "estágios".

Nas décadas seguintes, 1940 a 1960, sem abandonarem as vertentes médicas e pedagógicas que ainda os nutriam, buscaram os psicólogos definir sua identidade profissional: o que só seria concretizado a partir da regulamentação da profissão de psicólogo e da instituição dos cursos de graduação em psicologia.

O ingresso dos psicólogos na "era acadêmica" (Cabral, 1950) — quando disciplinas psicológicas passaram a compor currículos como os de pedagogia e filosofia, o que ocorreu em 1940 (Lourenço Filho, 1970) — deflagrou um novo reforço à necessidade de conquistar uma faixa própria de trabalho, afim mas não idêntica à filosofia e à educação.

### **NAQUELE TEMPO E CLIMA O BRASIL CONHECEU O PROFESSOR MIRA Y LÓPEZ**

Emilio Mira y López, médico e psicólogo com muito de educador, fez seu primeiro contato com o Brasil em 1945. Acumulava saber e experiências de vida forjadas em suas raízes catalãs; em suas vivências políticas,

científicas e profissionais; na incerteza de um pouso estável, com a qual convivia desde 1939, quando deixara a Espanha. Acumulava, igualmente, uma considerável bagagem de produções científicas, dentro das características da psicologia da época, constante de livros — vários deles pioneiros —, artigos, conferências, participações destacadas em congressos internacionais de psicologia e psiquiatria. Trazia em sua bagagem, quase concluída, sua contribuição científica e técnica mais importante: o *Psicodiagnóstico miocinético*. Tinha então 47 anos.

O primeiro contato do professor Mira com o Brasil foi proporcionado por convite da Universidade de São Paulo, do Instituto de Organização Racional do Trabalho (Idort), da Divisão de Ensino e Seleção da Estrada de Ferro Sorocabana e do Senai: o que sugere a participação de Roberto Mange.

Em São Paulo, fez conferências sobre temas psiquiátricos. De 14 de maio a 2 de junho, desenvolveu um curso de psicologia aplicada ao trabalho (Mira y López, 1945), cuja temática versou sobre o papel da psicologia na ciência do trabalho, a informação profissional, os métodos da orientação profissional, a classificação psicológica das profissões, o exame médico na orientação profissional, o exame psicotécnico e questões correlatas. Pela primeira vez apresentou no Brasil seu psicodiagnóstico miocinético. Defendeu, com insistência, que a seleção “é o complemento da orientação profissional e somente como tal deve ser considerada”.

Os temas expostos no Curso de Psicologia Aplicada ao Trabalho antecipam o que se poderia chamar de núcleos do pensamento do dr. Mira relativos aos procedimentos técnicos que devem fundamentar a prática da orientação profissional: o *conhecimento das profissões*, por meio da informação e classificação psicológica das ocupações; e o *conhecimento do orientando* (o *propositus*), através de exames médicos e psicotécnicos. Procedimentos que seriam ampliados e experimentados à exaustão no ISOP.

Estenderia à capital federal sua primeira aproximação com o Brasil. No Rio de Janeiro, faria um relato sobre o Instituto de Orientação Profissional de Barcelona — onde iniciara, em 1919, suas atividades como psicólogo — e novas conferências focalizando algumas das questões sobre as quais se debruçava desde o seu tempo de Espanha: psiquiatria, psicologia do adolescente, seleção de pessoal.

Afinidades intelectuais e afetivas começavam a se delinear, a criar laços entre o mestre experiente e um público em parte conhecendo a psicologia como disciplina de um curso de pedagogia ou filosofia; em parte contando com alguma prática em serviços afins; em parte autodidata; em todo caso, sem formação acadêmica específica, mas interessado pela psico-

## COMEÇARAM OS TESTES PSICOTÉCNICOS

"Se passar nesse exame, serei piloto e não motorista"  
— diz um candidato

A portaria do Diretor de Tráfego determinando exames psicotécnicos para os novos candidatos a chéber de aviação e a todos os motoristas causadores de acidentes, ocorreu a ser executada ontem no Instituto de Ciências e O Invenção Psicológica. Em dia anterior foram estabelecidos alguns testes a título de experimentação, porém, sem que os examinados pagassem a devida taxa. Outros, envolvendo correções em equipes humanas com a presença da reportagem do "Correio da Manhã" que, como sempre o professor Mira e outros, vai o ministro da Polícia, RBS, ao Distrito Federal.

### INDICE ADOPTADO

Antecipando as provas de testes que estava satisfatório com a medida e que atenderia aos grandes benefícios que dela resultam. Substituído sob o qual seria o índice psicológico adotado para os motoristas causadores de acidentes e para os outros povos. Informa que adotará essa medida de que estava estabelecido em Pa-



Com um projetor que imita um farol para afusar o volante, o candidato deve observar o sinalização projetada na tela.

ria e Barroeta, considerando as necessidades características e atendimento ao fato de que possuía a capital brasileira cerca de 4 milhões de habitantes, a Barroeta um milhão, o Rio que possui 2 milhões e quinhentos mil, estaria assim sendo considerado em dois milhões.

E acrescenta ainda o professor Mira e Lopez que há necessidade de a psicologia, e a mudança de regime de trabalho dos condutores, tornando temporária que o regime de "quanto quanto for" nos ônibus e lotações seja também completamente substituído, pelo de horários fixos.

### UM QUE CAPOTOU UMA AMBULANCIA

Cid Batista de Oliveira é um rapaz de 26 de 27 anos. Há cerca de cinco anos que se dedica ao volante, como motorista do Ministério da Aeronáutica, onde foi contratado a direção de uma ambulância. A condutor que presta-lhe serviços, por motivos disciplinares, o substituiu e agora, não mais havia dentro alguma — especialmente de emergência.

Desde então a vida de Cid se modificou completamente. Em razão que já não consegue dirigir, tanto, sobretudo e mais especialmente. Voluntariamente serviu, também e circunstâncias, e motorista respectiva ao controle de aviação, onde, em função de ser, serviu no 1.º de Engenharia. Posteriormente, trabalhando novamente com o controle de aviação, mas já em outra situação.

Essa uma preparação para que os exames os profissões Mira e Lopez. Não seria mais suficiente para um certo tempo nos motoristas para se voltarem, das situações laborais nos acidentes?

### O CANDIDATO AO COLETIVO

Bem mais atento que seu colega, André que há pouco tempo se encontra em atividade de gabinete dentro, Alcio Pina



A preparação deve ser feita de modo que seja capaz e de acordo com a realidade.

que possui 4 km de 23 anos, porém, não sabe como se preparar. O teste de aviação será o teste psicológico de direção de aviação, onde, em função de ser, há. Ali, então, há de ser o teste psicológico de direção de aviação.

Início da aplicação do teste PMK em motoristas. Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 4 de abril.

1951

Primeira equipe do ISOP, agosto.

1948







Mira y López.



Mira y López preparando painéis para aula no ISOP.

Material de divulgação do *Manual de orientación profesional*, de Mira y López.

## Manual de Orientación Profesional

En estos momentos tiene enorme importancia encarar decididamente el problema de la orientación profesional de la juventud. La eficiencia del destino de cada uno —y por lo tanto la del destino colectivo— depende de que cada cual realice su *vocación*. es decir, que trabaje en lo que armonice con sus particularidades físicas y espirituales.

Diagnosticar vocaciones —a veces insospechadas por el mismo interesado— es hoy una ciencia perfectamente constituida, cuyos fundamentos, técnica y aplicaciones se exponen en este "Manual de Orientación Profesional" escrito por el profesor Emilio Mira y López, autoridad de prestigio mundial en la materia.

## PSICOLOGIA PARA O POVO

### Ser e Fazer, Valer e Parecer

EMILIO MIRA Y LOPEZ

Especial para ARGUMENTOS



O Conde de Valera, a presidente Getúlio Vargas, e o presidente da Câmara Municipal de Rio de Janeiro, em uma reunião para discutir a situação política.

NA tarefa de adquirir os motivos da conduta humana, os psicólogos tendem cada vez mais a desmembrar-se das práticas filosóficas que estruturaram até pouco tempo os estudos caracterológicos e a psicologia em geral. A concepção e a estruturação que o homem apresenta para a vida são base de sua existência e geram a sua personalidade. De fato a vida humana é essencialmente a vida da personalidade e difícil decidir agora, mais do que nunca, se a vida humana é essencialmente a vida da personalidade ou se a vida humana é essencialmente a vida da personalidade.

Desde a fase aproximadamente do estabelecimento da individualidade humana, os estudos caracterológicos são os estudos mais antigos em psicologia. Desde os estudos de caráter de Plutarco até os estudos de caráter de Freud, os estudos de caráter são os estudos mais antigos em psicologia. Desde os estudos de caráter de Plutarco até os estudos de caráter de Freud, os estudos de caráter são os estudos mais antigos em psicologia.

resolvi para aqueles que acreditam que os "psicólogos" caracterológicos são essencialmente acadêmicos e constituídos de um fim. Quando são constituídos de um fim e não de um fim em si mesmos.

Por isso, em vez de estudar teoricamente a vida humana, os psicólogos caracterológicos devem estudar a vida humana em suas atividades práticas. O estudo da personalidade deve ser o estudo da personalidade em suas atividades práticas. O estudo da personalidade deve ser o estudo da personalidade em suas atividades práticas.

A vida humana é a vida humana. A vida humana é a vida humana. A vida humana é a vida humana. A vida humana é a vida humana. A vida humana é a vida humana.

Outra consequência de tal desajuste teórico é a de fazer muitos indivíduos a procurarem-se mais com sua aparência do que com sua vida. Não se trata de uma vida de "como se" e sim de uma vida de "como é". Não se trata de uma vida de "como se" e sim de uma vida de "como é".



Participação de Mira y López (primeiro à esquerda) em mesa-redonda na Rádio Globo, sobre Problemas de Trânsito e Seleção de Motoristas.

Coluna semanal assinada por Mira y López, intitulada "Psicologia para o Povo". Argumento. Rio de Janeiro, 29 de setembro.

1948

1949

Material de divulgação do primeiro número de Arquivos Brasileiros de Psicotécnica, setembro.

# ACABA DE SAIR O 1.º NÚMERO DE ARQUIVOS BRASILEIROS DE PSICOTÉCNICA

Editado pela Fundação Getúlio Vargas, sob a orientação do INSTITUTO DE SELEÇÃO E ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL, com o objetivo de divulgar os trabalhos desse Instituto e propiciar o livre debate dos assuntos ligados à psicotécnica, pelos estudiosos da matéria

Diretor — Eng. JOÃO CARLOS VITAL  
Redator-Chefe — Professor EMILIO MIRA Y LOPES  
Assinatura (4 números) ..... Cr\$ 75,00  
Número avulso ..... Cr\$ 20,00  
Número atrasado ..... Cr\$ 25,00

À venda nas principais livrarias  
Assinaturas e demais informações  
PRAIA DE BOTAFOGO, 186 — CAIXA POSTAL, 4081 — TELEFONE 46-0577



1952 Mira y López, setembro.



1951 Festa de Natal na Fundação Getúlio Vargas. Emilio e Alice Mira y López, dezembro.



logia aplicada. Motivado a absorver e aprofundar os conhecimentos necessários a sua prática.

De modo que já em agosto receberia uma proposta do Departamento Administrativo do Serviço Público (Dasp) para uma permanência mais prolongada no Rio de Janeiro. Durante um ano — de outubro de 1945 a outubro de 1946 — deveria o professor Mira y López dedicar-se com exclusividade, de seis a sete horas diárias, "pelo menos durante cinco dias por semana", dizia o convite, a um programa intensivo de treinamento de "núcleos capazes de garantir o progresso e o aperfeiçoamento das atividades específicas de aplicação da psicologia individual".

Além do Dasp, outros setores estavam interessados "em ampliar os respectivos conhecimentos em matéria de orientação e seleção profissional": o Ministério da Educação e Saúde (Divisão do Ensino Industrial e Departamento Nacional da Criança), a Universidade Rural do Brasil e o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (Inep).

O convite ao professor Mira para se responsabilizar pela realização de um curso de qualificação de pessoal para se dedicar profissionalmente à psicologia aplicada no Brasil atendia a uma demanda de setores representativos da sociedade, cada vez mais visível a partir de 1940 (Rosas, 1995), concernente à ampliação da prática psicológica e, conseqüentemente, à formação de quadros competentes.

"Ciclos de conferências" e cursos de curta duração continuavam a interessar, mas não preenchiam a lacuna decorrente da necessidade, de início quase latente, logo mais manifesta e, até certo ponto, pressionante: as Leis Orgânicas do Ensino Industrial e do Ensino Secundário, ambas de 1942, preconizavam a implantação da orientação educacional em todo o país; o Inep, criado pelo Decreto-lei nº 580, de 30 de julho de 1938, tinha, entre outras, a função de cooperar com o Dasp "nos trabalhos atinentes a seleção, aperfeiçoamento, especialização e readaptação do funcionalismo público da União" (Maia, 1944). O Senai, criado em 1942, e o Senac, em 1946, são exemplos.

O Inep, o Senai e o Senac, já foi aqui salientado, formavam seu próprio pessoal, assim como outras entidades haviam feito — e várias continuavam a fazê-lo — desde os anos 20 em vários pontos do país, para viabilizar a concretização de seus programas específicos.

Os cursos livres de psicotécnica, levados a efeito a partir de 1940, podem ser considerados, como defende Lagenbach (1982), precursores do "Curso do Dasp".

Eram iniciativas oportunas e relevantes. Contudo, não esgotavam a necessidade de conhecimentos teóricos atualizados e de treinamento me-

tódico de pessoal que se capacitasse para trabalhar no campo da psicologia aplicada — e, por extensão, da orientação educacional —, a fim de atender a um mercado já existente ou em potencial, localizado sobretudo, mas não apenas, em São Paulo e no Rio de Janeiro.

Tampouco o “Curso do Dasp” poderia esgotar a carência de pessoal habilitado para responder satisfatoriamente à demanda daquele mercado emergente mas com seguros indicadores de expansão. Não esgotou. Mas alcançou plenamente a meta proposta no convite (Silva, 1945) e que volto a citar: formar “núcleos capazes de garantir o progresso e o aperfeiçoamento das atividades específicas de aplicação da psicologia individual”.

Núcleos, alguns, já relacionados pelo Dasp, no momento em que dirigiu o convite ao professor Mira. Outros logo se agregaram: a Faculdade Nacional de Filosofia; o Senai; o Serviço de Assistência a Menores (SAM); o Centro de Pesquisas Educacionais da Prefeitura do Distrito Federal; o Centro Nacional de Pesquisas Agronômicas.

Como se vê, tratava-se de uma clientela heterogênea: 80 alunos, com histórias profissionais diferentes, divididos em equipes, também elas forçosamente heterogêneas, o que terminava por facilitar o intercâmbio de conhecimentos e experiências. Diversidade que representava um desafio didático provavelmente sem precedentes na vida do professor Mira.

Seria fácil desenvolver um curso ameno, com base apenas em aulas-conferências e algumas leituras, talvez discussões, limitado a *considerações gerais em torno de...*

Contudo, não fora este o desafio proposto nem seria isto que o professor Mira programaria realizar. Ao longo de um ano de atividades intensivas, documenta Eurídice Freitas (1973a), as aulas expositivas, necessárias para a fundamentação teórica e a sistematização dos conhecimentos, eram complementadas por seminários que “discutiam os trabalhos práticos das diferentes equipes”. Trabalhos práticos que, por sua vez, incidiam sobre o “estudo, análise e interpretação” de técnicas de exame, algumas delas bastante complexas: a autobiografia dirigida, o questionário íntimo, o psicodiagnóstico de Rorschach, o psicodiagnóstico miocinético, técnicas biotipológicas de Sheldon e Stevens, elaboração do relatório de síntese.

Não lhe faltou ousadia ao treinar profissionais de formação acadêmica heterogênea na aplicação, análise e interpretação de técnicas psicológicas sofisticadas. Mas, sem dúvida, foi essa ousadia que possibilitou àquela altura o surgimento de vocações e abriu caminhos para futuros especialistas que marcariam um dos períodos historicamente mais destacados da seleção e orientação profissional e da consolidação da psicologia aplicada no Brasil. Especialistas à maneira de Eurídice Freitas, Edith Ramos, Cecília Stramandinoli, Esther França e Silva e dos médicos Vasco Soares Vaz e Jorge Abreu Paiva.



# QUE É O ISOP?

O maior centro de psicologia aplicada da América Latina — O que todos os pais deviam saber: o ISOP encaminha com segurança o estudante para a sua verdadeira vocação profissional — Colégios que se servem do ISOP: Bennet, Anglo-Americano, Andrews, Israelita Brasileiro, Melo e Sousa e Colégio de Aplicação da F.N.F. Inst. de Seleção e Orientação Profissional



Muitos pais desconhecem por completo a extraordinária ajuda que o ISOP pode prestar aos seus filhos, que estejam indecisos na escolha de uma profissão. Justamente com o objetivo de vulgarizar entre nós esta meritória obra de tão alto sentido educativo, que vem sendo lenta, modesta, mas eficientemente realizada por um pugilo de técnicos nacionais e estrangeiros, o D. C. entrevistou o prof. Myra y Lopez, diretor do ISOP. Quantas vezes jovens estudantes debatem-se inquietos na encruzilhada da vida, que é o período da adolescência, numa confusão de ideias acerca da escolha de sua futura profissão. Quantos pais autoritários, pensando fazer um benefício aos seus filhos obrigam os mesmos a seguir carreiras diametralmente opostas às suas tendências inatas. O resultado disto são profissionais desajustados, militares, professores, médicos, etc., com fraca vocação para os carreiras que lhes foram pré-determinadas, muitas vezes até antes do nascimento. "Se for menino será militar; se for menina, será professora", são frases comuns entre nós. Entretanto, muitos fatos semelhantes poderiam ser evitados se houvesse maior compreensão e mais apoio a instituições do tipo do ISOP, não só em nosso país, como no estrangeiro, pois, diga-se de passagem, estes desajustamentos profissionais não se passam só entre nós. Não falaremos nesta reportagem das múltiplas finalidades do ISOP no campo do trabalho, colocando o trabalhador em sua melhor rendimento do trabalho; não falaremos rendimento do trabalho; não falaremos dos cursos regulares do ISOP, de duração trimestral e que são eficientemente ministrados ano após ano, e não falaremos também de tantas outras atividades do ISOP, que serão oportunamente apreciadas.

**MAIOR CENTRO DA A. LATINA**

Recebidos recentemente pelo professor Myra y Lopez e pela dr. Alfredo de Oliveira, percorremos os 3 andares do prédio que ocupa o ISOP, na Rua da Candelária, 6, onde tivemos ocasião de observar as instalações daquela Instituição: biblioteca especializada, salas de conferência e de projeção, salas de aula e gabinetes para consultas, está o ISOP aparelhado para cumprir suas altas finalidades.

Declarou-nos o prof. Myra: o ISOP é um dos Institutos mantidos pela Fundação Getúlio Vargas. Criado em 1947, em 6 anos de profícua existência o ISOP confirmou plenamente a expectativa de quantos, no território nacional ou no estrangeiro se dedicam às ingentes tarefas de ajustamento entre o trabalhador e o trabalho, de orientação profissional aos jovens que se destinam imediatamente às atividades produtoras ou ainda daqueles que devam ingressar nas escolas de nível técnico profissional ou superior.

— Constitue hoje — afirmou o professor Myra — o ISOP o maior centro de psicologia aplicada da A. Latina, já que se restringe atualmente a prática exclusiva da seleção e orientação profissionais, sendo também, a assistência psicopedagógica de sua clientela, sob a forma de orientação educacional, de readaptação profissional e do ajustamento individual no seio da família e da sociedade.

**ORIENTAÇÃO PRE-VOCACIONAL**

— Quais as escolas que mantêm contato permanente com o ISOP? Indagamos.

— Mantemos ativa cooperação com os estudantes dos colégios Bennet, Andrews, Anglo-Americano, Melo e Sousa, Israelita Brasileiro e Colégio de Aplicação da F.N.F. Quando os escolares terminam o ginásio são submetidos a um exame pré-vocacional. Após a conclusão do colégio ou científico voltam a ser examinados para confirmação dos nossos testes. Ali então o responsável pelo adolescente é cientificado das reais possibilidades e do rumo que mais convém ao seu filho.

Quizemos saber se os serviços do ISOP eram remunerados ou não:

— Os serviços dos nossos técnicos, que, aliás, diga-se de passagem, são prolongados, durante uma média de 15 dias, são gratuitos, quando fica comprovada a carência de recursos do examinando. Em caso contrário, as taxas variam de 50 a mil cruzeiros.

**NÃO HA BURLAS**

— Há possibilidade de burlar os testes do ISOP? — Esta pergunta foi respondida pelo prof. Alfredo Pereira de Oliveira:

— De modo algum. Os nossos técnicos possuem meios para detectar tal eventualidade com segurança.

Finalizando, perguntamos ao prof. Myra, qual a frequência das consultas por parte dos responsáveis pelos alunos.

— Inteligentemente, o número dos que nos procuram é ainda pequeno. Acreditamos, porém, que com o tempo aumentem as consultas por parte dos pais dos estudantes.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS

INSTITUTO DE SELEÇÃO E  
ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL

"NEM TODOS OS CAMINHOS SÃO  
PARA TODOS OS CAMINHANTES".  
(GOETHE)

1947

1947

Inauguração do ISOP – Seção  
de motoristas. Arnaldo Bretas  
(sentado) e Luiz Simões Lopes  
(em pé, primeiro plano),  
8 de agosto.



1947

Primeiro folheto de divulgação do ISOP.

Divulgação do trabalho do ISOP.  
A Noite. Rio de Janeiro, 22 de setembro.

1947

## Você gosta do seu trabalho?

O ISOP já está funcionando — Seleção e orientação profissional — "The right man in the right place" — Ouvindo o professor Mira y Lopez — Uma entidade útil aos patrões e empregados



A Sra. Laudau, sub-chefe da Seção de Seleção, quando submetia a um menino a prova de precisão de movimentos. (Texto na segunda página, segunda coluna)

**SIM!**

Você hoje já pode saber, **cientificamente**, qual o trabalho que mais lhe convém, graças às indicações e guias que o I. S. O. P. lhe proporcionará.

Para maiores informações

**INSTITUTO DE SELEÇÃO  
E  
ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL  
DA  
FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS**

**RUA DA CANDELARIA, 6 - 2.º ANDAR**

**FONE: 43-5144**

**DAS 9 AS 18 HORAS**



**1949** Conferência de abertura do Curso Psicologia da Vida Emocional, ministrado por Mira y López. Sentado, sem óculos, Luiz Simões Lopes, setembro.

Anúncio do ISOP em jornal do Rio de Janeiro, 27 de novembro.

**1947**

**1948** Comemoração do 1º aniversário do ISOP e entrega de diploma do Curso de Psicoterapia Menor, 13 de agosto.



# JA' SABE QUAL E' A SUA VOCAÇÃO?



COMO A PSICOLOGIA TEM A FE ENTRE AS DEMAIS CIENCIAS E UMA PARTE DO FUTURO A DOS PAISOS DA AMERICA DO BRASILE E O I.S.O.P. E A MIRA Y LOPEZ E SUA SENSUAL PERSONALIDADE E COMO SE FAZ A ORIENTACAO PROFISIONAL E MODO E VELOCIDADE CURSOS E DO MENTE E FUTURA MESA DE EMPREGADOS E ENVIADORES E PROVAS PSICO-TECHNICAS PARA EVITAR REASTRES NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Reportagem de ZOLA DE LACET • Fotos de A. VIEIRA



Divulgação na imprensa do trabalho do ISOP no campo da orientação profissional.



Jovem em sessão de orientação profissional no ISOP.

1955

Mira y López em seu gabinete de trabalho no ISOP.



Jovem em sessão de orientação profissional no ISOP.





**1959** Mira y López e Lourenço Filho no VI Congresso Interamericano de Psicologia. Rio de Janeiro, 20 de agosto.



Casal Mira y López (segundo e terceiro da esquerda para a direita) recebendo amigos do ISOP em sua residência de veraneio em Petrópolis.

Mira y López e João Carlos Vital na abertura do VI Congresso Interamericano de Psicologia. Rio de Janeiro, 20 de agosto.

**1959**



## JOÃO CARLOS VITAL E A PROPOSTA DO INSOP

Em 1929, o Instituto de Psicologia, criado no Recife por Ulisses Pernambucano em 1925, passaria a denominar-se Instituto de Seleção e Orientação Profissional, transferindo-se do Departamento de Saúde para o de Educação. Seus objetivos eram avançados, espelhando o pioneirismo de Ulisses Pernambucano. Em grande parte, começaram a ser concretizados, inclusive por darem continuidade ao que vinha sendo realizado pelo Instituto de Psicologia. Entretanto, em 1935 o governo do estado atribuiu a Ulisses Pernambucano e seus colaboradores pendores comunistas e subversivos e desarticulou o Instituto de Seleção e Orientação Profissional, asfixiando o projeto (Rosas, 1985).

De qualquer modo, apesar da denominação — Instituto de Seleção e Orientação Profissional — e dos objetivos perseguidos, tratava-se de uma experiência de caráter local. Por mais inovador que tenha sido o trabalho de Ulisses Pernambucano e de seus colaboradores — entre os quais destacava-se, no âmbito da psicologia, Annita Paes Barretto —, ainda que sua prática tivesse tido continuidade, é improvável que pudesse alcançar o horizonte de um serviço de dimensão nacional. Nem mesmo deveria ter sido esta sua pretensão.

Este papel seria desempenhado, quase duas décadas depois, pelo Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP), da Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro, então capital federal.

Entretanto, no interregno entre o projeto de Ulisses Pernambucano e a fundação do ISOP — o que ocorreria em 1947 —, o dr. João Carlos Vital, ocupando interinamente o cargo de ministro do Trabalho, propôs em 1938 ao presidente Vargas a criação de um Instituto Nacional de Seleção e Orientação Profissional (Insop). Por conseguinte, coube ao dr. João Carlos Vital a iniciativa de apresentar pela primeira vez no Brasil um projeto nos moldes do que viria a ser o ISOP.

Os parágrafos iniciais da exposição de motivos que acompanhou o projeto de criação do Insop eram oportunos e convincentes. Dizia o então ministro João Carlos Vital (1973a):

“O fator humano representa o papel fundamental na vida econômica dos povos. Não é possível criar riqueza e fazê-la circular, sem que os instrumentos que a promovam e movimentem sejam manejados por indivíduos capazes para o exercício dos encargos que lhes são confiados. Não só a cultura, nos seus diferentes graus, é bastante para um rendimento integral. São necessárias qualidades físicas, biológicas e psicológicas para o cumprimento cabal e para as nossas atividades profissionais.

"No Brasil, este aspecto importantíssimo na solução dos problemas econômicos tem sido descuidado. O trabalhador nacional é mal alfabetizado em sua maioria, e não se distribui pelas várias profissões, segundo um critério que lhe assegure completo aproveitamento de suas apreciáveis qualidades pessoais."

A longa transcrição dos parágrafos anteriores é justificada por sua clareza e pertinência. Apesar disso, de parecer irretorquível, a argumentação não sensibilizou o governo e o projeto foi rejeitado.

Não obstante, o dr. João Carlos Vital não desistiu de sua proposta. Aguardou uma oportunidade propícia, afinal surgida em 1947. Oportunidade que se configurou, em parte, em decorrência da própria evolução dos fatos relatados anteriormente, envolvendo iniciativas no domínio da psicologia aplicada ao trabalho e a crescente demanda da sociedade de maior número de serviços especializados e de técnicos competentes para dinamizá-los. E, principalmente, em virtude da criação da Fundação Getúlio Vargas, a qual se converteria no apoio institucional que faltava para a retomada, pelo dr. João Carlos Vital, do projeto do Insop.

## A FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS

Para compreender o ISOP, nos termos em que se deu sua implementação, é conveniente refletir sobre a criação e a estrutura da Fundação Getúlio Vargas.

No dia 4 de julho de 1944, o dr. Luiz Simões Lopes, na condição de presidente do Departamento Administrativo do Serviço Público (Dasp), encaminhou ao presidente da República pedido de autorização para promover a criação de uma entidade destinada ao estudo e à divulgação dos princípios e métodos da organização racional do trabalho.

Da circunstanciada exposição de motivos do presidente do Dasp saliento alguns tópicos (Lopes, 1944). De início, observa Simões Lopes ser "fato incontestável, colhido da experiência dos tempos modernos, que a disciplina do trabalho produtivo está sujeita a princípios racionais, que o homem pode conhecer e aplicar para mais seguras realizações de eficiência e de harmonia social".

Entretanto, prossegue, tais princípios, "além de complexos, não admitem fórmulas universais", "não há soluções acabadas, que se possam copiar e aplicar *urbi et orbi*". Tampouco "são passíveis de improvisar, ao sabor do arbítrio e da inspiração do momento".

Admite ser "notório o esforço de órgãos do Estado e de empreendimentos particulares" em busca de soluções satisfatórias para problemas tais como formação, aperfeiçoamento, orientação e seleção de pessoal.

Contudo, insiste Simões Lopes, o momento recomenda a criação de um "centro de documentação, pesquisa e divulgação dos princípios e normas administrativas, que a todas as grandes organizações de trabalho possam interessar".

O presidente do Dasp sugere que o centro em tela seja uma entidade privada, resultante e mantida pela "congregação de esforços" entre os poderes públicos e organizações particulares.

Não tardou a resposta do presidente Vargas. Pelo Decreto-lei nº 6.693, de 14 de julho de 1944, autorizou o presidente do Dasp a designar uma comissão para elaborar o projeto — inclusive minuta do estatuto — de "uma entidade que se proponha ao estudo e à divulgação dos princípios e métodos da organização racional do trabalho e ao preparo de pessoal qualificado para a administração pública e privada".

A Fundação Getulio Vargas veio a ser o produto da iniciativa de Luiz Simões Lopes e do trabalho realizado pela comissão que lhe deu a forma de projeto.

Instituída em 20 de dezembro de 1944, sua organização inicial, de 1945, incluiu entre os "órgãos estruturais centrais" um Departamento Técnico, o qual abrigava quatro divisões: a) de Estudos e Pesquisas; b) de Intercâmbio e Documentação; c) de Ensino; e d) de Organização.

Em 1946, as divisões de Ensino, Intercâmbio e Documentação e Estudos e Pesquisas ganharam mais consistência.

Em 1947, terceiro ano de seu funcionamento, a Fundação Getulio Vargas sofreu importantes alterações em sua estrutura. Limitando-me aos aspectos que interessam ao presente texto, observo que em lugar do Departamento Técnico original foram estabelecidos — no contexto da Administração Central — os departamentos de Ensino, de Pesquisa e Documentação e de Organização. Além disso, o que é mais significativo, decidiu a Fundação Getulio Vargas criar "órgãos autônomos". Em 1947, há registro de apenas um em efetivo funcionamento: Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP).

Sem haver cabimento de prosseguir discutindo a estrutura da Fundação Getulio Vargas nos anos subseqüentes, saliente-se, contudo, que a partir de 1948 o ISOP passou a assumir *status* de Departamento. Assim se manteve durante todo o período aqui estudado (FGV, documentos sobre a evolução de sua estrutura, 1945-64).

Os objetivos da Fundação Getúlio Vargas, implícitos na exposição de motivos do dr. Luiz Simões Lopes e no Decreto-lei nº 6.693/44, apontavam para a documentação, o estudo e a pesquisa no domínio da racionalização do trabalho, de sua perspectiva convencional: contribuir para o desenvolvimento nacional, na medida em que os conhecimentos a serem continuamente estocados proporcionassem às organizações públicas e privadas "mais seguras realizações de eficiência". Não obstante, refletiam também certa preocupação com as implicações humanas do trabalho, a "harmonia social".

Objetivos explicitamente definidos pela estrutura original da FGV e, sobretudo, pela absorção das modificações recomendadas por seu cotidiano: divisões ou departamentos de Estudos, Pesquisas, Documentação, Ensino, Organização. Vale dizer: formação, treinamento, especialização de pessoal. Vale dizer também: seleção, de modo a privilegiar o mérito.

Concretamente, a Fundação Getúlio Vargas se apresentava como uma entidade de caráter técnico-educativo, "visando aos problemas da organização racional do trabalho, especialmente nos seus aspectos administrativo e social". Assim aparecia — pelo menos até o final do período aqui estudado — na última capa ou em uma das últimas páginas dos *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica*, desde seu primeiro número, em 1949. No mesmo local relacionava seus objetivos formais:

- I — Prover à formação, à especialização e ao aperfeiçoamento de pessoal para empreendimentos públicos ou privados;
- II — Promover estudos e pesquisas nos domínios das atividades públicas ou privadas;
- III — Constituir-se em centro de documentação para sistematizar e divulgar conhecimentos técnicos;
- IV — Incumbir-se do planejamento e da organização de serviços ou empreendimentos, tomar o cargo de exercê-los, ou prestar-lhes a assistência técnica necessária;
- V — Concorrer para melhor compreensão dos problemas de administração, propiciando o seu estudo e debate."

Por conseguinte, dentro da estrutura da Fundação Getúlio Vargas não seria um corpo estranho ou artificial uma entidade nos moldes do ISOP. Com o ISOP, além da seleção pelo mérito, seria possível desenvol-

ver um processo mais completo, dos pontos de vista humano e social, a *orientação profissional*.

Afinal, a "velha ambição" de João Carlos Vital encontrava receptividade e apoio. É verdade que sua pretensão era, ainda mais ousada e abrangente. Propunha "criar um organismo nacional dentro dos quadros do governo federal, que abrangesse todos os aspectos de avaliação e julgamento psicológico da população brasileira", recorda Luiz Simões Lopes (1973). Na opinião do presidente da Fundação Getúlio Vargas, seria preciso começar "de maneira mais modesta e mais dentro das (...) reais possibilidades" da instituição.

O ISOP foi o primeiro "órgão autônomo" da Fundação Getúlio Vargas: "órgão madrugador", mais de uma vez repetiu Luiz Simões Lopes. João Carlos Vital, ele próprio, um dos fundadores e primeiro vice-presidente da Fundação Getúlio Vargas, foi designado presidente do ISOP (Costa, 1985).

Emilio Mira y López, convidado por indicação de Lourenço Filho, assumiu a direção técnica da nova entidade.

De março aos primeiros dias de agosto de 1947, o professor Mira y López trabalhou na estruturação do ISOP. Contou então com a colaboração dos técnicos que escolheu para, com eles, iniciar os trabalhos do ISOP.

Concluída a estruturação do ISOP, definido o pessoal que iniciaria os trabalhos, no dia 8 de agosto de 1947, "em clima de entusiástica expectativa" (Freitas, 1973a) foi inaugurado o Instituto de Seleção e Orientação Profissional, localizado no 2º andar da rua da Candelária, 6. Não tardaria a incorporar mais dois andares: o 3º e o 4º.

## OS PRIMEIROS PASSOS DO ISOP

Mira y López selecionou 10 técnicos, entre os que haviam realizado o Curso do Dasp, para com eles iniciar as atividades do ISOP: Carmen Pereira Alonso, Cecília Stramandinoli, Cinira Miranda de Menezes, Edith Ramos, Edwiges Florence, Esther França e Silva, Eurídice Freitas, Inês Besouchet e os médicos Vasco Soares Vaz e Jorge Abreu Paiva.

De acordo com a relação dos funcionários do ISOP, publicada como matéria de Redação em *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada* (1973), Aniela Meyer Ginsberg, Mariana Alvin, Glória Quintela, Leonilda D'Anniballe Braga, Augustine Landau e Simcha J. Schwarzstein participaram, igualmente, das atividades iniciais do ISOP. Até o final de 1947, Euryalo Cannabrava e Araud da Silva Bretas passariam também a se integrar aos seus quadros.

Ao longo dos quase 17 anos de permanência de Mira y López na direção do ISOP, o quadro técnico da entidade foi anualmente enriquecido de novos funcionários, seja em substituição aos que por qualquer motivo se afastaram, seja em decorrência da ampliação ou sofisticação dos serviços prestados e das pesquisas em realização.

Deve-se, ainda, lembrar nomes emblemáticos de "isopianos", vinculados ao ISOP antes de seu primeiro decênio, entre os quais os de Regina Sampaio Dias, secretária do dr. Mira; e Floripes Castilho Salzano, bibliotecária-chefe. Nomes emblemáticos de "isopianos", cujas histórias profissionais não podem ser dissociadas da história do ISOP: Alice Madeleine Galland de Mira, Mariana Alvim, Alfredo de Oliveira Pereira, Maria Helena Novaes, Francisco Campos, Isabel Adrados, Ruth Sheeffe, José Cavalière Figueiredo, Athayde Ribeiro da Silva. Outros, apesar de chegados depois de 1960, logo passaram a ter suas identidades profissionais associadas ao ISOP. Assim aconteceu com Monique Augras e, principalmente, com Franco Lo Presti Seminério.

Durante o tempo de Mira, passaram pelo ISOP, por períodos mais ou menos longos, alguns dos mais expressivos representantes da psicologia aplicada e da pesquisa psicológica no Brasil: Noemy da Silveira Rudolfer, Fernando de Villemor Amaral, Dora de Barros Cullinan, Elso Arruda, Efraim Rojas Boccalandro.<sup>1</sup>

## OBJETIVOS E ESTRUTURA ORIGINAIS DO ISOP

O ISOP foi instalado sob o lema que o dr. Mira adotara de Goethe: "Nem todos os caminhos são para todos os caminhantes".

Seu "objetivo básico", apresentado no primeiro número dos *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica* (1949), era "contribuir para o ajustamento entre o trabalhador e o trabalho, mediante o estudo científico das aptidões e vocações do trabalhador" e dos "requisitos psicofisiológicos" das ocupações. Objetivo que, implicitamente, conferia à seleção uma intenção diferente da suposta no taylorismo: *a escolha do homem certo para o lugar certo* deveria levar em conta não apenas uma compatibilização entre as aptidões do candidato e os requisitos do cargo, mas a *vocação do trabalhador*. "A seleção é o complemento da orientação profissional e somente como tal deve ser considerada" — defendera no Curso de Psicologia Aplicada ao Trabalho (Mira y López, 1945).

---

<sup>1</sup> A relação completa dos funcionários do ISOP (1947 a 1972) aparece em *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada*, 25 (1):327-33.

O "objetivo básico" do ISOP seria desdobrado, nos termos do documento citado, em três outros: "a) aplicação das técnicas de Seleção e Orientação Profissional; b) promoção de cursos (supervisionados pelo Departamento de Ensino), com o objetivo de formar e treinar pessoal no campo da psicotécnica, além de criar um ambiente de compreensão para os assuntos de psicofisiologia do trabalho; c) execução de investigações e pesquisas no campo da ciência do trabalho (ergologia)".

Como se vê, nascia o ISOP com a tríplice finalidade que perseguiria durante o tempo de Mira: atuar como um serviço de psicologia aplicada centrado na seleção e orientação profissional; um centro de formação e treinamento de pessoal para trabalhar com as técnicas de exame psicológico ("psicotécnica", conforme a expressão corrente na época); e uma instituição de pesquisa, coerentemente priorizando o estudo do trabalho humano.

Em tese, repete uma aspiração comum a outras entidades similares já existentes, inclusive no Brasil. No entanto, entrevê-se no texto uma diferença que seria, em grande parte, característica do ISOP: a promoção de cursos tinha por finalidade não apenas formar e treinar pessoal no campo da psicotécnica, mas "criar um ambiente de compreensão para os assuntos de psicofisiologia do trabalho".

Com isto reivindicava o ISOP assumir o papel de agente estimulador da formação de uma mentalidade técnico-científica em referência à "psicofisiologia do trabalho" que deveria ultrapassar os limites físicos da entidade. De fato, o ISOP foi um agente estimulador da formação de uma mentalidade diante da psicologia do trabalho humano que se projetou na sociedade. Que marcou pessoas e organizações então emergentes, inclusive algumas sem contato direto com o ISOP.

Essa diferença representava avanço significativo em relação aos objetivos formais do Instituto de Barcelona (Rosas, 1995) e era um dos produtos da criatividade e da filosofia do dr. Mira.

A "estrutura geral" então estabelecida para viabilizar o cumprimento dos objetivos discriminados compreendia seis seções:

- Seção de Informação e Secretaria;
- Seção de Investigação e Trabalho Social;
- Seção de Exame Fisiossomático;
- Seção de Exame Psicotécnico;
- Seção de Síntese Seletiva; e
- Seção de Síntese Orientadora.

A Seção de Exame Psicotécnico, por sua vez, deveria subdividir-se em cinco "seções-laboratórios": de exame da personalidade; de exame da inteligência; de exame das disposições artísticas; de exame das aptidões psicomotrizas; e de exame de "aptidões especiais".

Desde logo, observe-se que a valorização do exame médico (fisiossomático) e das disposições artísticas raramente havia sido considerada até então no Brasil e raramente viria a sê-lo fora do ISOP, pelo menos de modo sistemático, nos processos de orientação profissional.

De outra parte, as expressões "síntese seletiva" e "síntese orientadora" eram adequadas ao pensamento do dr. Mira, no momento em que elaborava a estrutura original do ISOP. Cobia-lhes de certo modo planejar as baterias necessárias a cada caso e solicitar às seções próprias a realização dos exames, cujos resultados seriam organizados de maneira coerente (síntese), assim conduzindo a conclusões conseqüentes.

Não obstante, a prática no cotidiano do ISOP logo induziu à transformação das seções de Síntese Seletiva e de Síntese Orientadora, respectivamente, em Seção de Seleção e Seção de Orientação.

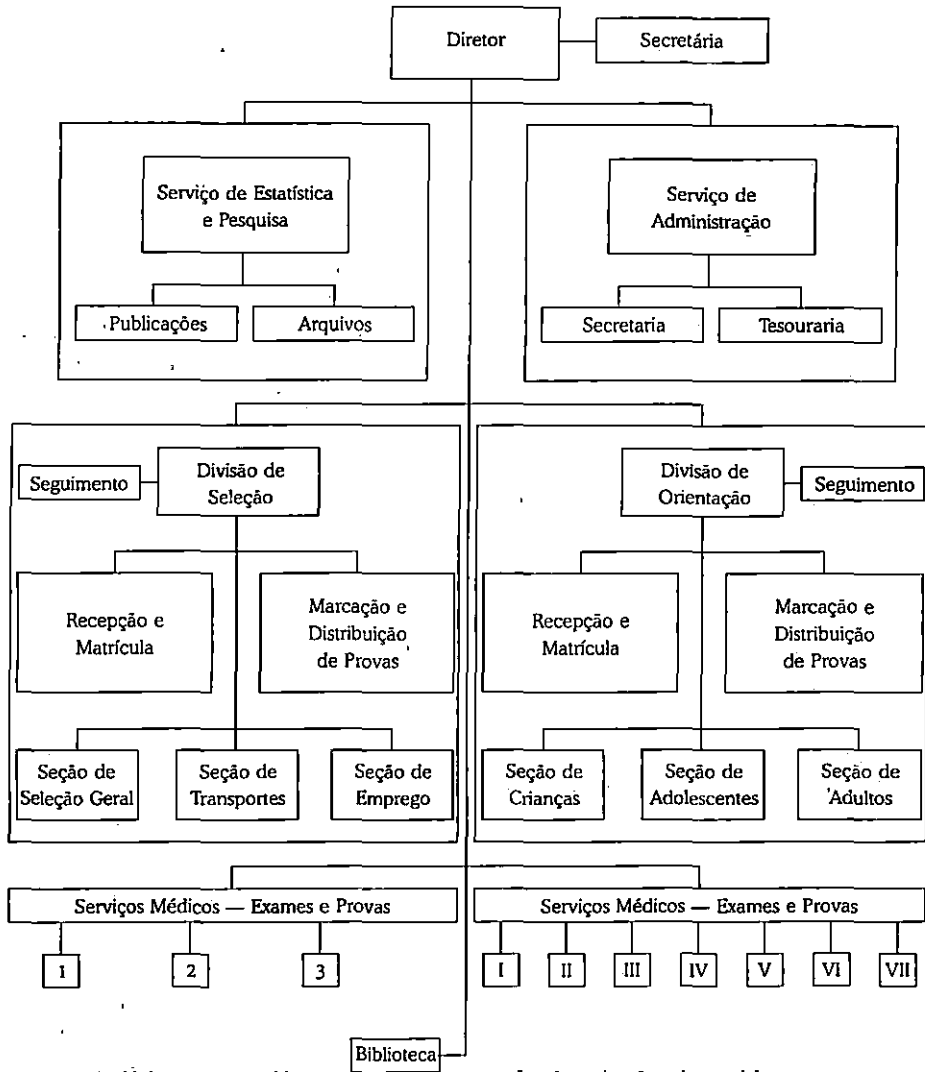
Tornava-se evidente que a estrutura original do ISOP deveria se submeter a outros ajustes. Esses ajustes não tardaram a ocorrer.

Em diversos folhetos preparados com a finalidade de divulgar a história, os serviços, os cursos e as publicações da entidade, provavelmente a partir dos primeiros anos da década de 50, os objetivos e atividades do ISOP são discriminados de modo mais conciso:

1. Realização de pesquisas de caráter psicotécnico, objetivando o ajustamento entre o trabalhador e o trabalho.
2. O estudo, a execução e a difusão dos métodos científicos de informação ocupacional, seleção profissional, concursos e classificação de pessoal, assistência psicológica no trabalho, orientação vital e orientação profissional.
3. O reajustamento e a readaptação profissional dos incapacitados para o trabalho, possibilitando seu retorno a atividades profissionais adequadas.
4. O estudo do mercado nacional de trabalho para o fim de colocação do trabalhador, com vistas a seu maior rendimento nas melhores condições técnicas.
5. A promoção de reuniões e seminários de psicotécnica. A organização e administração de cursos de formação, extensão e aperfeiçoamento de psicotécnicos e orientadores profissionais" (ISOP, s.d.).

De outro lado, sua nova estrutura, representada pelo *organograma* apresentado a seguir, é mais adequada ao que se praticava diuturnamente no ISOP.

## INSTITUTO DE SELEÇÃO E ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL



- 1 — Biotipológico e fisisomático  
 2 — Investigação clínico-psiquiátrica  
 3 — Exames suplementares

- I — Investigação psicossocial  
 II — Personalidade-caráter  
 III — Psicomotricidade  
 IV — Inteligência — aptidões mentais específicas  
 V — Aptidões artísticas  
 VI — Interesses profissionais e tendências  
 VII — Nível cultural — escolaridade

Note-se, contudo, que essa nova maneira de expor ao público seus objetivos não implicava mudanças quanto à filosofia de base. Essencialmente, os princípios que norteavam seus objetivos permaneciam inalterados.

Coerentemente, os ajustes na estrutura organizacional do ISOP não descaracterizavam a entidade. Faziam-na administrativamente mais eficiente e ágil.

Em suma, as seções inicialmente previstas foram de algum modo reordenadas e, por vezes, sofreram mudanças em suas denominações e assumiram posições mais convenientes no organograma da entidade.

Assim, o *diretor técnico* passou a contar, *formalmente*, com uma secretária e todo o ISOP, com o apoio do *Serviço de Administração*, do *Serviço de Estatística e Pesquisa e Biblioteca*. As "atividades-fins" do ISOP foram melhor caracterizadas como *divisões de Seleção e de Orientação*, internamente principais usuários dos *Serviços Médicos e Psicológicos*.

## O COTIDIANO DO ISOP

### A DIREÇÃO TÉCNICA

A autoridade moral e científica do dr. Mira, o respeito que imprimia por sua personalidade e o reconhecimento internacional de sua elevada qualificação profissional tornavam mais fácil o exercício das atribuições executivas básicas de administração do ISOP: *planejar, dirigir, controlar e organizar* os recursos disponíveis, pessoais, materiais e financeiros.

Conforme vários depoimentos, nem sempre Mira y López era uma pessoa tranqüila diante dos inevitáveis conflitos no dia-a-dia do trabalho. Contrariado, não disfarçava seu sentimento. Comportava-se, por vezes, de modo incisivo, pelo menos enérgico.

Entretanto, ainda de acordo com depoimentos dos que participavam com ele do cotidiano do ISOP, tinha a rara qualidade de saber avaliar possíveis excessos e reduzir seus efeitos no relacionamento interpessoal, realizando gestos simbólicos que desarmavam e eliminavam ressentimentos, admitindo suas "espanholadas".

Além disso, sem que se rendesse ao primeiro obstáculo, admitia rever, à luz do que aconselhasse a prática, seus projetos e decisões atinentes a procedimentos técnicos e administrativos. Assim o comprova a promoção de mudanças na estrutura interna da instituição. Sabia ele muito bem que conceder a um "setor" o *status* de divisão não se resumia a uma

questão terminológica; ampliar as atribuições das divisões de Seleção e de Orientação, no que tange à parte da prática psicotécnica, afetava aspectos relevantes do projeto original quanto à "especialização", certamente de início excessiva, de cada setor ou seção.

Tudo isso justifica que o êxito alcançado pelo ISOP, no tempo de Mira, seja explicado não apenas pela qualidade dos serviços prestados e a produção científica rapidamente acumulada, mas pelo clima organizacional lembrado à unanimidade por quantos nele então atuaram. São indicadores evidentes de que o dr. Emílio Mira y López conduziu a entidade com sensibilidade, criatividade e competência.

### O SERVIÇO DE ADMINISTRAÇÃO

O Serviço de Administração do ISOP, constituído pela Secretaria e a Tesouraria, cumpriu as finalidades convencionais às "atividades-meios" de qualquer organização: de apoio administrativo à Direção Técnica e, por extensão, aos demais setores da estrutura vigente.

### O SERVIÇO DE ESTATÍSTICA E PESQUISA

A rigor, a realização de estudos e pesquisas, seja com a finalidade de construção, adaptação ou padronização de testes, seja com a finalidade de atualização de normas ou tabelas, seja com a intenção de publicação de artigos ou apresentação de comunicações em congressos, era atividade comum a todos os técnicos que trabalhavam no ISOP. Entretanto, nem todos dominavam os conhecimentos estatísticos e metodológicos, pelo menos ao nível requerido pelos trabalhos em execução.

O Serviço de Estatística e Pesquisa, sob a direção de Alfredo de Oliveira Pereira, prestava o auxílio técnico necessário aos que a ele recorressem.

Ao Serviço de Estatística e Pesquisa era atribuída a responsabilidade pelo programa de publicações e agilização dos *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica*.

Se bem que os *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica* venham a ser tratados adiante, em um tópico específico, observo que veicularam, entre 1951 e 1954, diversos artigos de Alfredo de Oliveira Pereira, abordando temas tais como amostragem, análise de variância, correlação, escalas de avaliação dos testes, medidas de dispersão e assimetria, medidas de tendência central e assim por diante.

Os vários títulos trabalhados representam quase um "curso". Aliás, a linguagem e o estilo em que são escritos têm um caráter nitidamente didático.

### A BIBLIOTECA

Helena Azevedo dirigiu a biblioteca do ISOP, desde sua implementação até 1952, quando faleceu (Salzano, 1973). Os depoimentos indicam sua dedicação e eficiência quando da organização e instalação da biblioteca.

A partir de 1952, durante todo o restante do período aqui analisado, a chefia da biblioteca coube a Floripes Castilho Salzano. Não se contava com acervo muito numeroso nem com instalações adequadas. Entretanto, o acervo — reunindo testoteca, livros, folhetos e periódicos especializados — era cuidadosamente selecionado e, conforme depoimento da professora Alice Mira, atualizado.

De outra parte, a biblioteca do ISOP cumpriu uma função social relevante, posto que a consulta — inclusive o acesso às estantes — era franqueada ao público, em um tempo em que as bibliotecas universitárias eram ainda incipientes no que concerne à psicologia aplicada.

Ainda de acordo com depoimento da professora Alice Mira, a biblioteca representou um papel facilitador do trabalho dos técnicos do ISOP, na medida em que a bibliotecária-chefe era uma pessoa cooperadora, auxiliava na compilação de bibliografias e promovia o intercâmbio com instituições afins.

### OS SERVIÇOS MÉDICOS

Os Serviços Médicos no ISOP abrangiam tanto exames biotipológicos/fisiossômáticos, quanto investigações clínico-psiquiátricas e exames complementares, requisitados diante de exigências do caso em estudo, de seleção ou de orientação. Dispunham, inclusive, de uma sala com eletroencefalograma.

A realização de exames médicos na seleção de pessoal era considerada na Europa desde que a prática da psicologia aplicada começou a se ampliar. Raymond Bonnardel chegou a elaborar um extenso estudo sobre contra-indicações médicas para o exercício de determinadas profissões.

No *Manual de orientación profesional*, o professor Mira y López (1952) enfatizou o papel do médico na composição da equipe de técnicos encarregados da seleção e da orientação. Lembra, inclusive, que o Instituto de Orientação Profissional de Barcelona distinguia-se, "entre outros centros si-

milares da Europa, precisamente pela importância que conferia ao exame médico”.

A valorização dos Serviços Médicos no dia-a-dia do ISOP foi, portanto, uma imposição do pensamento e da experiência do dr. Mira no tocante à psicologia aplicada.

### OS SERVIÇOS PSICOLÓGICOS

Os Serviços Psicológicos, no tempo de Mira, como de resto todo o ISOP, compreenderam não apenas as tarefas convencionais, no caso, de aplicação, apuração, análise e interpretação de testes, mas, igualmente, a realização de estudos e pesquisas. Por conseguinte, se as seções de exame da personalidade, da psicomotricidade, da inteligência, das aptidões intelectuais específicas, das aptidões artísticas, dos interesses e tendências profissionais tinham uma tonalidade psicotécnica — empregando a linguagem da época —, deveriam ocupar-se também da realização de estudos e pesquisas concernentes aos testes e aos problemas e processos investigados. Deveriam ocupar-se da realização de estudos sobre a personalidade, a psicomotricidade, a inteligência, as aptidões intelectuais específicas, as aptidões artísticas, os interesses e tendências profissionais.

Isso quase sempre aconteceu. Se nem sempre aconteceu, apesar da estimulação do dr. Mira, não inviabilizou o conjunto do projeto.

O princípio era conceder às seções — posteriormente divisões — de Seleção e de Orientação melhores condições para se dedicarem a suas tarefas específicas de planejamento das baterias, inclusive entrevistas e realização das sínteses, com base nos resultados colhidos e analisados em primeira mão pelos Serviços Psicológicos. As atividades propriamente psicotécnicas, sendo reservadas aos Serviços Psicológicos, estavam entregues a especialistas, o que deveria assegurar a qualidade do trabalho realizado.

Prendia-se que a atividade final de síntese, levada a efeito em equipe — *o que ocorria nos casos de orientação* — ou por técnico suficientemente treinado e familiarizado com as provas aplicadas — *em se tratando dos casos de seleção* —, deveria eliminar possíveis riscos de esfacelamento do trabalho psicológico. Esfacelamento que, se acontecesse, comprometeria a qualidade dos processos em estudo.

Entretanto, os selecionadores e os orientadores nem sempre ficaram satisfeitos com o procedimento adotado. E, já em 1951 (Campos, 1973), “gradativamente, tanto a entrevista como a maioria das provas passaram a ser realizadas” nas próprias divisões de Seleção e de Orientação. “Apenas”, continua Campos, “algumas provas de psicomotricidade, apti-

dões artísticas e personalidade" prosseguiram como atribuições exclusivas dos Serviços Psicológicos.

Na prática, essas mudanças não esvaziaram os Serviços Psicológicos, mesmo porque os testes eram realizados também com outras finalidades. Ao contrário, o que se pode inferir é que, provavelmente, lhes proporcionaram melhores condições para a realização de estudos e pesquisas.

A excelente testoteca do ISOP era continuamente atualizada. Sob a estimulação não menos constante do professor Mira, os testes novos ou recém-adquiridos eram temas de estudos, artigos, muitas vezes cursos abertos a funcionários técnicos e estagiários do ISOP ou, ainda, a outros profissionais, alheios aos quadros da entidade.

Alguns testes ou conjuntos de testes afins foram objeto de tratamento privilegiado no ISOP, seja por determinação do dr. Mira, seja por iniciativa e comprometimento de psicólogos interessados em seu estudo. Entre os testes de personalidade, além do psicodiagnóstico miocinético, foi privilegiado o estudo do psicodiagnóstico de Rorschach, do teste de apercepção temática, das pirâmides coloridas de Pfister.

O *exame da psicomotricidade* foi regularmente realizado no ISOP através de uma "bateria-padrão" (Suchanek, 1957), envolvendo provas de rapidez (discos de Walther), habilidade manual (*tweezer*), inteligência prática (*puzzle* de Mira), percepção de formas (*formboard*) e imaginação espacial (cubos vermelhos).

Desde os primeiros anos do ISOP, o exame psicológico dos motoristas (Vieira; Pereira & Carvalho, 1953) foi efetuado com base no estudo da personalidade (através do psicodiagnóstico miocinético) e em resultados alcançados em "provas de laboratório": atenção difusa, percepção de distância e velocidade (tacodômetro), inibição retroativa, visão noturna e ofuscamento.

O setor encarregado da verificação das *aptidões artísticas* foi, desde o início, entregue à chefia de Leonilda D'Anniballe Braga. Durante o tempo de Mira, foram trabalhadas as aptidões musicais e para as artes plásticas (D'Anniballe Braga, 1957).

Provas de modelagem ou desenho livre não constituíam novidade. Entretanto, o exame do "juízo e gosto estético" (teste de Meier) bem como das aptidões musicais (testes de Kwalwasser-Dykema e Seashore) pela primeira vez eram introduzidos no Brasil, *pelo menos com a amplitude programada*.

De fato, os testes de aptidões artísticas deveriam ser aplicados tanto com a finalidade de seleção ou orientação, quanto como alternativa pa-

ra o estudo da personalidade, indicação de atividades terapêuticas ou, simplesmente, sugestão de passatempo.

A conveniência de se proceder ao exame das aptidões para o desenho, a pintura e a música é posta em relevo por Mira y López (1952) no *Manual de orientación profesional*.

### A DIVISÃO DE SELEÇÃO<sup>2</sup>

No tempo de Mira, a Divisão de Seleção do ISOP foi chefiada, inicialmente, por Symcha J. Schwarzstein: de 1947 a 1950. Após um "breve interregno" sob o comando de Augustine Landau, que a integrara desde seus primeiros momentos, coube a Francisco Campos, egresso do Instituto de Psicotécnica de Madri, a coordenação de seus trabalhos.

Sob a coordenação de Francisco Campos e a supervisão constante de Mira y López, já em 1951 a Divisão de Seleção seria desdobrada em três seções: Seção de Seleção Geral, Seção de Emprego e Seção de Transportes (motoristas).

Como se vê, não se tratava de uma subdivisão apriorística, mas de se adaptar à demanda e responder aos anseios de expansão e de pesquisa, condutores permanentes do estilo de trabalho do dr. Mira.

A Seção de Transportes ficou então sob a responsabilidade de Araud Bretas e Marcus Vinicius Machado Vieira. Teve uma atuação marcante na seleção de motoristas, sobretudo para atender à demanda de empresas. O esquema de trabalho adotado para a seleção de motoristas, de acordo com a rotina do ISOP, incluía entrevista e provas de aptidão e personalidade. As provas de aptidão incidiam, principalmente, no estudo da atenção difusa, percepção de velocidade e tempo, inibição retroativa e visão noturna, "julgadas indispensáveis aos motoristas". Para tanto eram empregados aparelhos franceses, considerados, na época, como os de melhor qualidade.

A Seção de Transportes teve seu auge com a portaria de 2-4-1951, em que o diretor de Trânsito, major Geraldo Menezes Cortez, introduziu a obrigatoriedade dos exames psicotécnicos para os motoristas de ônibus, microônibus e caminhão. A Seção de Emprego, instalada no final de 1953, não alcançou a projeção conquistada pela Seção de Seleção Geral, cujas

---

<sup>2</sup> As informações sobre a Divisão de Seleção foram extraídas, em sua maior parte, de artigo de Francisco Campos (1973).

atividades foram de certo modo identificadas às desempenhadas pela Divisão de Seleção como um todo.

Se bem que a especificidade de cada experiência conduzisse a roteiros e baterias também específicos, a Divisão de Seleção, em obediência às diretrizes recebidas de Mira y López, operava — como sempre, no ISOP — com apoio nos resultados de exames de aptidões e de personalidade (Campos, 1973). Por conseguinte, não se sacrificava a qualidade e o respeito às pessoas e empresas envolvidas a simplificações, ainda que reduzissem tempo e custos.

Francisco Campos (1973) ressalta, ainda, a criatividade, "sobretudo dos primeiros tempos", decorrente "da exuberância criadora do professor Mira e sua força de irradiação". Entretanto, muitas dificuldades se interpunham, relacionadas a tempo e pessoal.

Escreve Campos no mesmo artigo: "Aos poucos, o espírito de criatividade dos primeiros tempos, um tanto ingênuo, foi esmorecendo. Íamos tomando consciência da dificuldade e impropriedade da criação de testes sem uma estrutura adequada e, por outra parte, o mercado nacional ia-se tornando cada vez mais rico em instrumentos psicológicos, reduzindo consideravelmente a necessidade de se criar outros".

De fato, o Centro Editor de Psicologia Aplicada (Cepa), fundado em 1952 por iniciativa de Pierre Weil, Rothier Duarte e Otacílio Rainho, preenchia então uma lacuna no cenário da psicologia aplicada no Brasil. Começava-se a comercializar não apenas testes de autores estrangeiros, alguns traduzidos, adaptados ou padronizados com o concurso de técnicos do ISOP, como também provas de autores nacionais ou radicados no Brasil, incluindo-se o próprio Pierre Weil, que iniciara suas pesquisas com o teste de inteligência não-verbal (INV) em 1951, na Sociedade Pestalozzi do Brasil. Àquela altura, o Cepa publicaria os cadernos do PMK, de Mira, a bateria mecânica e os discos, de Walther, a bateria DAT (adaptação de Dora de Barros Cullinan), o inventário de interesses, de Thurstone (adaptação de Arrigo Angelini) e outros instrumentos de uso corrente entre os psicólogos.

Campos considera de somenos importância registrar o procedimento seguido na elaboração dos roteiros de seleção para cada empresa e cada cargo, uma vez que o ISOP não inovou neste caso: limitou-se a seguir as normas universalmente obedecidas.

Tenho dúvidas. Não quanto às práticas adotadas como normas pelo ISOP. Como convinha, a Divisão de Seleção fundamentava a elaboração dos roteiros de seleção, em primeiro lugar, em "informações precisas sobre o que pretendia a empresa". Em segundo lugar, procurava-se "sentir

a atmosfera da empresa": visitava-se suas instalações, escritórios, galpões, conhecia-se o estilo de administração e as condições de trabalho. Quando necessário, obtinha-se informações sobre os requisitos impostos pelas funções para as quais seriam selecionados os candidatos.

Essas práticas, sem serem inovadoras, deveriam ser seguidas. E foram. Decerto, o ISOP não era a única instituição a fazê-lo. Mas quantas o faziam ou fazem?

O esquema de trabalho obedecia, igualmente, a uma lógica consensual: inscrição e identificação do candidato, preenchimento de um questionário "de entrada", aplicação de provas individuais e coletivas e síntese. "Provavelmente", diz Campos, o "instrumento mais usado foi a entrevista".

Questionários e testes eram criteriosamente selecionados e objeto de freqüentes pesquisas. Quando estas recomendavam, procedia-se a substituições, à elaboração de novas formas e, quando não se dispunha de provas equivalentes no mercado, à construção de novos testes.

Nove questionários foram elaborados, levando-se em conta grupos específicos de profissionais. Contudo, sempre que se fazia necessário, novos questionários eram preparados. Nota Francisco Campos que os questionários eram destinados à obtenção de dados biográficos e informações sobre interesses, aspirações e prospecções do candidato e, ao mesmo tempo, serviam "de ponto de partida para a entrevista". Além disso, proporcionavam indicadores valiosos para a realização de estudos profissio-gráficos: isto, naturalmente, quando os candidatos pertenciam a grupos profissionais diferenciados.

Ao lado de testes convencionais de validade comprovada, de inteligência geral, aptidões intelectuais específicas, psicomotoras, atenção e outras no gênero, empregados conforme o caso exigisse, dava-se ênfase à "bateria EVA" (inteligência espacial, verbal e abstrata), de Mira.

No *Manual de orientación profesional*, Mira y López (1952) salienta "a importância da classificação tripartida dos rendimentos intelectuais".

Considera de utilidade "diferenciar, no complexo estrutural da inteligência, três setores que, apesar de guardarem certa relação entre si, apresentam-se coerentemente integrados em sua individualidade funcional e condicionam o rendimento básico do indivíduo no trabalho". Trata-se, teoricamente, de três fatores denominados por Mira *inteligência espacial (E)*, *inteligência verbal (V)* e *inteligência abstrata (A)*.

Com fundamento nesses conceitos, Mira y López desenvolveu uma proposta teórica consistente internamente e em referência aos conhecimentos então estocados sobre a matéria.

Em seguimento à construção teórica sintetizada nos últimos parágrafos, Mira compôs uma bateria própria (para exploração da *inteligência espacial, verbal e abstrata*), a qual foi objeto de cuidadosos estudos, inicialmente realizados em Montevideu e, posteriormente, no próprio ISOP.

Completava-se o processo com a aplicação de provas de personalidade: técnicas expressivas (PMK), projetivas (Rorschach, TAT, Zulliger), questionários e inventários (Bernreuter, Bell, Eysenck). Segundo Francisco Campos (1973), os questionários eram utilizados principalmente com finalidade de pesquisa. Obviamente, não se aplicavam todos esses testes em todos os casos. Entretanto, observa: "muito poucos foram os candidatos que passaram por seleção sem se submeterem ao PMK".

Quando o caso sugeria, eram acrescentadas provas de redação e de conhecimentos.

A elaboração da *síntese* era o momento em que o profissional se revelava mais profundamente *psicólogo*. O que se encaminhava à empresa deveria ser uma análise, não meros resultados numéricos ou redigidos em linguagem técnica e pedante. A *síntese* era "o resultado da análise e do confronto de todas as informações obtidas": dos testes, das entrevistas, das observações "incidentais".

"A experiência de vários anos de seleção e a percepção das consequências que um parecer formulado inadequadamente poderia desencadear sobre seres humanos", diz Campos, levaram a Divisão de Seleção a tentar aliviar o "trauma do fracasso", no caso dos candidatos não aproveitados, adotando certas normas na redação da *síntese* encaminhada à empresa. Normas transcritas aqui, quase como uma homenagem a Campos e a Mira, pelo sentido ético de que se revestem (Campos, 1973):

- a) dar o mínimo de informações negativas;
- b) dar essas informações negativas, quando inevitáveis, em linguagem não pejorativa; por exemplo, a palavra *inapto* foi substituída por *desaconselhável*;
- c) destacar os aspectos positivos;
- d) quando as qualidades são ambivalentes ou mesmo pouco favoráveis, mostrar o lado positivo ou positivamente canalizável dessas qualidades;
- e) evitar termos técnicos, traduzindo-os em linguagem usual e compreensível."

### A DIVISÃO DE ORIENTAÇÃO<sup>3</sup>

De início, a Divisão de Orientação do ISOP compunha-se de "duas grandes unidades" ou "serviços": de Orientação Escolar e de Orientação Individual.

A Divisão de Orientação foi concebida para se ocupar precipuamente da *orientação profissional*. Como tal, o *Serviço de Orientação Individual* atendia aos que procuravam o ISOP por iniciativa pessoal ou de suas famílias, na expectativa de dirimirem dúvidas, conflitos ou carências de informações sobre si próprios e as características das várias profissões, para chegarem a uma decisão profissional consciente.

As atividades do Serviço de Orientação Individual foram coordenadas por Inês Besouchet e Roberto Suchanek.

Entretanto, ao Serviço de Orientação Profissional e Individual, como escreve Roberto Suchanek (1953), acorriam pessoas de diferentes classes sociais, inclusive do interior e "das grandes cidades do país", com idade variando entre cinco e 60 anos e nível de escolaridade que abarcava de analfabetos a profissionais com formação universitária.

Buscavam não apenas orientação profissional, mas "orientação vital", readaptação profissional ou, simplesmente, se conhecerem melhor, submetendo-se à exploração da personalidade e a outros exames.

Por conseguinte, ao lado das atribuições que lhe eram inerentes, por seu projeto e denominação, destinou o ISOP parte considerável do seu tempo a atividades mais próximas de uma modalidade de terapia breve. Tem cabimento inferir que tal ocorria pela confluência de dois fatores: de um lado, a demanda de pessoas que necessitavam de ajuda psicológica não propriamente relacionada à questão vocacional, em um momento em que eram ainda reduzidas as opções de acompanhamento psicoterápico não-psiquiátrico no Rio de Janeiro e, de certo modo, em todo o Brasil; de outra parte, a sensibilidade do dr. Mira para o problema, sendo ele também psiquiatra, e sua competência como terapeuta.

A resposta esperada foi a que, de fato, aconteceu: sem transformar o ISOP em um centro de psicologia clínica, no sentido convencional, de psicoterapia, o dr. Mira manteve abertas suas portas para uma clientela de orientação psicológica que ultrapassava a problemática vocacional: a *orientação vital*.

---

<sup>3</sup> As informações sobre a Divisão de Orientação foram extraídas de artigo de Eurídice Freitas (1973b) pertinente à matéria e outros documentos publicados nos *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica* e em *Informativos* avulsos do ISOP.

A "orientação vital" era praticada no ISOP diante de situações de conflitos e "dificuldades de ajustamento" no meio escolar, familiar e no relacionamento social, em termos gerais. Dificuldades caracterizadas por "distúrbios da conduta": prática repetida de pequenos furtos, agressividade exacerbada, absenteísmo escolar são exemplos de distúrbios da conduta que poderiam recomendar a aplicação do processo de orientação vital.

A orientação vital tinha efeitos psicoterápicos, na medida em que ajudava o *propositus* a compreender seus problemas e a procurar reduzir suas conseqüências no plano de suas relações consigo mesmo e com a sociedade. De outra parte, se bem que não fosse uma rotina inevitável, conduzia por vezes à recomendação de posterior processo terapêutico regular, quando a metodologia apropriada seria seguida.

Note-se que, contrariamente à metodologia que psicólogos de outras tendências poderiam empregar, no ISOP, de conformidade com o modelo preconizado pelo dr. Mira, a orientação vital deveria apoiar-se nos resultados de entrevistas, informações autobiográficas e testes de personalidade (PMK, Rorschach, TAT, Koch) e inteligência (DAT, Barcelona). Apesar de não ser esta bateria obrigatória em todos os casos, era usual no ISOP e foi utilizada por Esther França e Silva (1960) no estudo de *um caso de orientação vital*, exposto nos *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica*.

O Serviço de Orientação do Escolar foi sucessivamente dirigido por Edwiges Florence, Noemy da Silveira Rudolfer e Dora de Barros Cullinan (Freitas, 1973a). Atendia a alunos de colégios com os quais o ISOP mantinha contrato e, "quando solicitado", prestava assistência técnica aos próprios colégios (Cullinan, 1953; Freitas, 1973a).

Sua clientela compreendia crianças e adolescentes, o que implicava orientação "pré-profissional" e psicopedagógica. A orientação psicopedagógica não se descuidava do aspecto vocacional, mas era acionada sobretudo na ocorrência de "casos-problemas". Casos configurados como problemas de conduta, de natureza psicossocial, familiar ou escolar, de alunos com dificuldades de rendimento e aprendizagem: "a criança que não aprende".

A Divisão de Orientação sofreu mudanças em sua organização em 1954 e 1958, quando a orientação psicopedagógica de crianças até 12 anos passou a constituir uma "seção" autônoma, sob a chefia da psicóloga Marieta Leite. A Seção de Orientação de Adolescentes, coordenada por Dora de Barros Cullinan, ficou com a responsabilidade de atender escolares entre 13 e 18 anos. Uma terceira "seção" foi instituída — Seção de Adultos —, cujos clientes deveriam ter mais de 18 anos e, portanto, não estavam necessariamente vinculados a uma escola.

Desde a formalização de sua nova nomenclatura, em 1958, até o ano do falecimento do dr. Mira, em 1964, a Divisão de Orientação foi dirigida por Ruth Sheeffer.

As considerações feitas em referência às alterações ocorridas na Divisão de Orientação — como, de resto, aconteceu na Divisão de Seleção — demonstram a sensibilidade do dr. Mira para a realidade que, concretamente, reclamava mudanças no projeto original do ISOP.

A propósito, transcrevo as palavras de Eurídice Freitas (1973b), que corroboram essa observação com a autoridade de quem acompanhou e vivenciou o processo:

“Embora o ISOP, como o seu próprio nome indica, trabalhasse fundamentalmente os processos de seleção e os de orientação profissional, a experiência de seus primeiros anos vinha demonstrando que se impunha realizar tais atividades de modo diferente do que fora inicialmente adotado em sua estruturação. De ano para ano, o ISOP foi-se adaptando a essa mudança, sendo criados seções e serviços complementares que lhe permitissem acompanhar o desdobramento do processo teórico e prático de suas atividades.”

As mudanças constatadas na estrutura do ISOP, no tempo de Mira, por mais amplas, não afetaram a concepção teórica e ética subjacente, que sustentava as práticas e a metodologia da orientação profissional ou vital.

De modo semelhante ao que foi dito em referência à seleção e à orientação vital, o exame do orientando não se limitava aos testes, com o objetivo de se aferir “traços e fatores”. Ampliava-se na exploração da personalidade, na avaliação médica, no privilegiado emprego da entrevista.

Coerentemente, Mira y López fazia valer sua experiência no Instituto de Orientação Profissional de Barcelona e seu pensamento sobre a matéria, sistematizado no *Manual de orientación profesional*.

Outra característica da prática cotidiana da orientação profissional no ISOP deve ser ressaltada. Ainda que o orientando fosse examinado por diferentes técnicos (orientador, médico, psicotécnicos) a síntese final de casos complexos e difíceis era objeto de um trabalho em equipe — as “reuniões das quintas-feiras”. Prática que não apenas reduzia a margem de erro na conclusão do caso, como possibilitava aos participantes uma rara oportunidade de intercâmbio de experiências e aprendizagem, de crescimento pessoal de cada um. Dificilmente poder-se-ia imaginar a institucionalização de mais eficiente prática de aprendizagem mútua e mútuo envolvimento dos responsáveis pelo estudo de um caso, nos termos da interven-

ção psicológica. O fato de que o modelo repetia certa tradição na história da medicina, inclusive da psiquiatria, não invalida seu caráter inovador, em se tratando da orientação profissional.

Em diferentes oportunidades, o professor Mira y López demonstrou seu interesse pela elaboração de monografias ocupacionais, como informações complementares aos procedimentos psicotécnicos na orientação profissional. Interesse explicitado quando da realização do Curso do Dasp. Manifestado, ainda, pelo destaque dado às "fichas profissiográficas", as quais ocuparam 32 páginas do *Manual de orientación profesional*. Desde 1950, os *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica* veicularam monografias e análises profissiográficas ou artigos sobre questões correlatas. Aos poucos, Leonilda D'Anniballe Braga fazia-se especialista na matéria.

Entretanto, somente em setembro de 1961, "15 anos após a seleção e a orientação profissional estarem implantadas e convalidadas" (Figueiredo & Soares, 1973), foi criado o Serviço de Informação Ocupacional no ISOP.

Antes, além das monografias publicadas, os orientadores contavam com pastas contendo recortes (fase da tesoura) sobre as profissões, cujos conteúdos, na medida em que lhes parecia conveniente, davam a conhecer aos orientandos. Com a criação do Serviço de Informação Ocupacional, os orientandos passaram a ter acesso regular às monografias estocadas.

Em decorrência do êxito alcançado com as consultas, pelos orientandos, ao material disponível no Serviço de Informação Ocupacional, os orientadores constataram que, talvez em sua maioria, os jovens que procuravam o ISOP faziam-no por desconhecerem as atribuições próprias de cada profissão e que aptidões e características de personalidade eram exigidas para seu exercício (Figueiredo & Soares, 1973).

Daí, a implantação, em 1962, de um curso de informação pré-profissional, destinado a alunos da 4ª série ginasial (equivalente hoje à 8ª série do 1º grau). Curso cujo conteúdo focalizava o conhecimento das características pessoais e das oportunidades oferecidas pelo ciclo colegial (hoje, 2º grau) e a integração dos dois conjuntos de conhecimentos. Em 1963, o ISOP promoveu um curso de informação ocupacional, desta vez dirigido a alunos do atual 2º grau. Este curso incluiu em sua programação palestras sobre "campos ocupacionais" ou profissões (Figueiredo & Soares, 1973).

Assim como acontece com os casos de seleção, o seguimento (*follow-up*) dos orientandos, uma vez encerrado formalmente o caso, é uma

experiência cujos resultados são benéficos para o orientando e importantes para a avaliação do processo e do comportamento do orientador.

Contudo, o desinteresse ou relutância dos candidatos, tratando-se de seleção, ou orientandos, tratando-se de casos de orientação vital ou profissional, em se submeterem a novas entrevistas torna a prática regular do seguimento mais uma aspiração do que realidade concreta.

Relutância ou desinteresse — talvez, no fundo, uma forma de resistência — comprovados por um estudo realizado no ISOP sobre o assunto (Sheeffer & Bessa, 1961): apenas 31,7% dos antigos orientandos, convidados por meio de uma circular — a qual foi uma outra vez dirigida a seus endereços —, admitiram voltar à instituição, para avaliação dos resultados da orientação recebida.

Ao ISOP recorreram numerosos casos de cegos, mutilados, doentes mentais, cardíacos, epiléticos e outros portadores de limitações mais ou menos graves para o trabalho ou o exercício de determinadas profissões (Novaes, 1957). Vinham por iniciativa própria ou encaminhados por instituições especializadas, em busca de orientação profissional e, conseqüentemente, de indicações para seu retorno ao mundo do trabalho. Em alguns casos, para seu ingresso no mundo do trabalho, compatível com suas limitações.

A readaptação profissional no ISOP partia do pressuposto de que "reabilitar é restaurar no indivíduo o sentimento de independência, de autoconfiança e sua posição de cidadão útil dentro da sociedade" (Novaes, 1957).

Ainda de acordo com Novaes, o processo de recuperação obedecia a "três etapas: a) orientação profissional propriamente dita; b) treinamento profissional especializado; e c) recolocação no campo adequado".

Como sempre, o respeito à pessoa indicava o caminho técnico a ser percorrido pelo psicólogo.

O dr. Mira via na psicologia aplicada, na seleção e na orientação profissionais, alcance que ultrapassava o convencional. Não alimentava preconceitos quanto ao tema a estudar à luz da psicologia aplicada nem quanto ao campo de atuação dos examinandos, desde que julgasse oportuna a ação do psicólogo. Deste modo, com a colaboração de Athayde Ribeiro da Silva, realizou no Brasil trabalho pioneiro de aplicação dos recursos da psicologia à prática desportiva: no caso, de acompanhamento psicológico da seleção brasileira que participou, com sucesso, do Campeonato Mundial de Futebol, em 1962. As idéias do dr. Mira sobre a questão e o depoimento do psicólogo Athayde Ribeiro da Silva sobre sua experiência foram reunidos em *Futebol e psicologia* (1964).

## OS CURSOS DO ISOP

O professor Mira y López era brilhante conferencista e sensível didata: assim o atestam numerosos comentários e, também, parte considerável de seus escritos (Rosas, 1995).

Por conseguinte, não deve surpreender que, desde os primeiros momentos do ISOP, tenha dado cuidadosa atenção à realização de um programa de cursos de extensão e aperfeiçoamento, o que, de resto, era um dos objetivos da instituição. Surpreendente terá sido, talvez, que tenha conseguido em pouco tempo promover o desenvolvimento de cursos de bom nível com abrangência temática que ia da iniciação estatística aplicada à psicologia e à educação, à psicologia experimental, à psicoterapia, à psicologia do desenvolvimento, à formação de psicotécnicos, de orientadores profissionais e educacionais.

Em um dos vários *Informativos* de divulgação dos serviços do ISOP, provavelmente de 1955 (Os *Informativos* eram, em geral, publicados sem data), são relacionados 29 diferentes cursos de extensão já realizados, além dos cursos de formação de psicotécnicos, de orientadores educacionais e pré-profissionais e de auxiliares de psicotécnica.

No caso do Curso de Formação de Psicotécnicos, a relação das disciplinas que compunham seu currículo é esclarecedora do que com ele pretendiam o ISOP e o professor Mira y López: *noções de psicopatologia e psiquiatria; noções de sociologia e economia; psicologia experimental; estudo do mercado do trabalho; fisiologia do trabalho humano; patologia do trabalho humano; noções de bioestatística; teoria e prática da orientação profissional; teoria e prática de seleção profissional; elaboração de sínteses e aconselhamentos; elaboração de custeios de planejamento para investigação psicotécnica.*

Os cursos realizados pelo ISOP eram, em geral, teóricos e práticos. Participavam, como docentes, além do professor Mira y López, técnicos mais experientes do ISOP. Destinavam-se, precipuamente, ao treinamento e aperfeiçoamento do pessoal da própria instituição e à preparação de novos quadros. Entretanto, eram quase sempre abertos tanto a estudiosos brasileiros quanto a bolsistas estrangeiros, "devidamente selecionados".

De 1947 até os primeiros anos de 1960, quando cursos regulares de formação de psicólogos começaram a se difundir na universidade brasileira, os cursos do ISOP podem ser considerados como a contribuição mais expressiva, por sua quantidade, qualidade e diversificação, para a disseminação da psicologia aplicada no Brasil.

Já foram destacadas aqui a intenção teórica e formativa de Wacław Radecki, Jaime Grabois e — cabe acrescentar — Nilton Campos, no Rio de Janeiro; a iniciativa da Universidade de São Paulo, trazendo ao Brasil renomados psicólogos europeus; a realização do curso de psicotécnica na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, a cargo de Roberto Mange; a inclusão da psicologia nos currículos dos cursos de bacharelado em filosofia e pedagogia; a promoção de cursos pelo Idov, o Senai e o Senac, entre outras instituições similares, com a finalidade de treinamento de seu pessoal técnico.

De outra parte, nos anos 50, registram-se históricas iniciativas no âmbito acadêmico, as quais foram antecipações à formação profissional do psicólogo, que seria instituída a partir da década seguinte.

Destaco, em primeiro lugar, uma experiência concretizada na Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul, dirigida pelos Irmãos Maristas, cujo primeiro passo foi a realização, em 1953, de um curso de extensão, preparatório ao "curso regular de psicologia". Iniciado este em 1954, tinha a duração de dois anos letivos (três, a partir de 1958) e funcionava em regime de pós-graduação. No final, os alunos que lograssem êxito recebiam um certificado de "assistente em psicologia" (Andrade; Hausen & Câmara, 1978; ver também Souza, 1980).

Em 1958, a Universidade de São Paulo dava início ao "Curso de Graduação em Psicologia", primeiro com esta denominação no Brasil. Instituído pela Lei estadual nº 3.862/57, tinha a duração de três anos letivos. Apesar de conferir diploma de "bacharel em psicologia", não outorgava a seus portadores direitos profissionais (Angelini, s.d.).

Na realidade, nenhum dos cursos mencionados, inclusive os promovidos pelo ISOP, poderiam conferir direitos de exercício profissional da psicologia, levando em conta a legislação brasileira então vigente.

É inegável a importância histórica das iniciativas de formação de psicólogos, psicologistas, psicotécnicos, orientadores profissionais e educacionais, especialistas em seleção de pessoal e outras no gênero, antes da regulamentação oficial da profissão de psicólogo no Brasil. De todas elas, no entanto, inclusive as que se apresentaram com chancela acadêmica, os cursos do ISOP é que alcançaram, na época, maior repercussão nacional.

### CONSIDERAÇÕES DE UMA ESTAGIÁRIA DO ISOP: MARISA GUSMÃO

As reflexões até aqui desenvolvidas fundamentaram-se, particularmente, em depoimentos orais, colhidos da professora Alice Madeleine

Galland de Mira e de artigos publicados nos *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica*, assinados por psicólogos que atuaram no ISOP no tempo de Mira.

Agora abro espaço para um testemunho diferente. A psicóloga Marisa Gusmão, em atenção a pedido que lhe fiz, apresentou-me um documento, cujos principais tópicos transcrevo, fazendo no final um breve comentário. Trata-se de um texto onde a emoção se confunde com revelações sobre um dos aspectos que considero mais construtivos do ISOP: o estágio. Decidi, de acordo com Marisa Gusmão, dar-lhe a forma de entrevista, para mais facilmente o inserir neste trabalho.

*Paulo — Marisa, como você conheceu o ISOP?*

Marisa — Havia eu sido aluna do Curso Intensivo de Administração Pública, da Fundação Getúlio Vargas, e tomado conhecimento, mais proximamente, do trabalho único e pioneiro que se fazia no ISOP no campo da psicologia aplicada, pelo qual, desde logo, fiquei interessada. Minha curiosidade ficou aguçada e o interesse redobrado quando a professora Eurídice Freitas, técnica do ISOP, veio ao Recife para dar um curso sobre "métodos e técnicas de pesquisas psicossociais". Participei desse curso e me aproximei muito da mestra, estimulada por suas referências e exemplos de trabalho, na rotina do ISOP.

*Paulo — Qual o passo seguinte, que viabilizou seu estágio no ISOP?*

Marisa — Naquela época, em torno de 1960, se iniciavam os Serviços de Reabilitação no Brasil, e a Divisão de Tuberculose da Secretaria de Saúde do Estado de Pernambuco, assessorada pela professora Hebe Gonçalves, assistente social, fazia estudos para verificar a viabilidade de implantar um serviço de reabilitação no Hospital do Sancho [então especializado no tratamento de portadores de tuberculose pulmonar]. O professor Paulo Rosas fora contratado para avaliar a possibilidade de implantação de um programa de treinamento profissional com vistas à reabilitação e posterior ajustamento do tuberculoso ao mundo do trabalho. Houve uma reunião entre o professor Paulo Rosas, a assistente social Hebe Gonçalves e a psicóloga Eurídice Freitas para analisar os dados obtidos. Na oportunidade, ficou acertado que seria conveniente a indicação de alguém que realizasse um estágio no ISOP, se inteirasse das técnicas de seleção e de orientação profissional, ao mesmo tempo em que se familiarizasse com o que se fazia no Rio de Janeiro quanto à reabilitação.

*Paulo — Você foi então a pessoa escolhida?*

Marisa — Meu nome foi sugerido à professora Eurídice Freitas, com a observação de que eu era portadora de diploma de pedagogia e funcioná-

ria da Divisão de Tuberculose. De outra parte, sabia a professora Eurídice Freitas que eu havia sido aluna do Curso Intensivo de Administração Pública, da Fundação Getúlio Vargas. Meu nome foi aceito.

*Paulo — Qual foi sua primeira impressão do ISOP?*

Marisa — Encaminhada pela Divisão de Tuberculose ao ISOP, fui recebida pela professora Eurídice Freitas e conduzida ao dr. Mira y López. Lembro-me bem de seu gabinete, localizado no 2º andar. Sua secretária, Regina Dias, na ante-sala, fazia a triagem das pessoas que teriam acesso ao diretor do ISOP. Ao entrar, acompanhada de Eurídice Freitas, deparei-me com a imponente figura do dr. Mira, um senhor alto, muito bem cuidado, bastante calvo e corado. Muito simpático e sorridente, depois das palavras de apresentação, dirigiu-se a mim, olhando por cima dos óculos:

*— Esperava uma estagiária e me mandam uma menina...*

*Paulo — Em seguida...*

Marisa — Eu me senti adotada... Fui entregue aos cuidados do dr. Francisco Campos, chefe da Divisão de Seleção, que passou a coordenar o meu estágio. Daí em diante, participei de todas as etapas do processo de seleção, desde a marcação até a execução das provas. Transitei pelo Serviço de Estatística e Pesquisa. Participei, ativamente, das atividades da Divisão de Orientação: de início, submeti-me ao processo; posteriormente, administrei exames e provas.

*Paulo — Você conheceu os demais setores do ISOP?*

Marisa — Sim. Passei pelos setores de Psicomotricidade, Inteligência, Aptidões mentais específicas, Interesses e Tendências profissionais. Meu estágio alongou-se ao Setor de Avaliação da Personalidade onde conheci e convivi com a inesquecível e entusiasmada dona Lilette — refiro-me a dona Alice Mira.

*Paulo — Quanto aos cursos do ISOP...*

Marisa — Sendo o ISOP um centro de formação, ministrava, em colaboração com o Departamento de Ensino da Fundação Getúlio Vargas, numerosos cursos especializados, os quais se estendiam, na maioria das vezes, por período superior ao do expediente regular. Fui, constantemente, orientada a seguir determinados cursos: psicodiagnóstico de Rorschach, psicodiagnóstico miocinético, pirâmides de Pfister, estatística aplicada à psicologia e à educação...

Paulo — No final do estágio, o que lhe parece haver ficado de mais positivo?

Marisa — Posso dizer que no ISOP me senti integrada aos objetivos da instituição. Fui olhada, exigida e muito valorizada. Depois de um pequeno incidente envolvendo estagiários, fui procurada por vários técnicos, que esclareceram não haver restrições a meu respeito. O dr. Mira, ele próprio, me fez saber que, para ele, eu era "da casa". Enfim, penso que ajudei, executando com grande empenho as tarefas que me foram confiadas. Por outro lado, o ISOP teve importante papel na minha vida. Ali aprendi muito sobre as técnicas psicológicas. Mas, sobretudo, aprendi a atuar profissionalmente. No ISOP fiz grandes amigos. Profissionais consagrados adotaram "a menina" como estagiária e a fizeram crescer e assumir responsabilidades de gente grande.

### COMENTÁRIO

Quando solicitei à psicóloga Marisa Gusmão um testemunho de sua passagem pelo ISOP, como estagiária, procurei preencher uma lacuna quanto às informações que havia conseguido levantar para compreender o cotidiano do ISOP no tempo de Mira. Eu havia reunido um apreciável volume de depoimentos escritos e publicados sobre os diversos setores que faziam o dia-a-dia do ISOP, de 1947 a 1964. Não obstante, incomodava-me pouco saber sobre o estágio. A leitura do depoimento de Marisa Gusmão mostra que dificilmente eu teria acesso a um material tão valioso, como informação, para completar o *puzzle* que venho tentando montar. O estágio no ISOP está exposto com toda a clareza.

Desde a recepção da "menina". O pronto desafio para se integrar à engrenagem da instituição. A distribuição do seu tempo entre cursos e práticas: saber e saber-fazer.

Vê-se, em seu testemunho, a presença constante do dr. Mira. O acompanhamento discreto e competente de Francisco Campos. A disponibilidade de "dona Lilette". Enfim, um estágio. Como tal, o maior ou menor aproveitamento dependia, praticamente, do estagiário. Para quem se empenhava, não faltavam os meios para aprender. Nem faltava cobrança...

O depoimento da psicóloga Marisa Gusmão é apresentado como exemplo. Na verdade, foram inúmeros os estagiários, vindos de diferentes estados do país e de países estrangeiros (Uruguai, Argentina, Bolívia, Venezuela, Guatemala etc.), que vivenciaram experiências semelhantes.

Até onde pude e soube fazer, está montado o *puzzle* para compreender o cotidiano do ISOP.

## ARQUIVOS BRASILEIROS DE PSICOTÉCNICA

Procurei, até o momento, estudar as condições culturais, sociais e, até certo ponto, políticas, que tornaram possível a concretização do ISOP no tempo de Mira. De outro lado, fiz uma tentativa de analisar o projeto do ISOP, diante da história recente da psicologia aplicada no Brasil, sobretudo a desenvolvida entre 1920 e 1940 e os caminhos percorridos nos 20 anos seguintes: 1940 a 1960. Finalmente, fiz um esforço no sentido de descrever (montar um *puzzle*) a estrutura e o cotidiano do ISOP no tempo de Mira.

Contudo, estas considerações permaneceriam incompletas sem salientar a criação dos *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica* e a participação das lutas pela regulamentação da profissão de psicologia e a instituição dos cursos de graduação em psicologia.

Instalado o ISOP em agosto de 1947, em setembro de 1949 era publicado o primeiro número de *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica*. A revista tinha como diretor, João Carlos Vital; redator-chefe, Emilio Mira y López; redator-secretário, Walther de Toledo Piza. Trazia artigos assinados por Glória Quintela (O Rorschach como catarse terapêutica), E. Mira, A. Mira e A. de Oliveira (Aplicação do psicodiagnóstico miocinético ao estudo da agressividade), Cinira Miranda de Menezes (Apreciação caracterológica de imigrantes através do psicodiagnóstico miocinético) e Augustine Landau (Estudo de certos dados de imigrantes através do psicodiagnóstico miocinético).

Compunham, ainda, o primeiro número dos *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica* uma apresentação, por Luiz Simões Lopes, e informações sucintas sobre o ISOP: criação, histórico, objetivos, estrutura geral, documentário fotográfico.

Desde o final dos anos 20 existiam no Brasil publicações periódicas, principalmente na área médica e, posteriormente, também na área pedagógica, que divulgavam artigos tratando questões psicológicas. Até 1949, a *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos* (primeiro número: 1944) era o principal veículo de que dispunham os psicólogos para publicarem seus trabalhos (Rosas, 1984).

Com a criação dos *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica*, passariam os psicólogos a contar com uma revista por sua natureza voltada para a psicologia, sem predominância médica ou pedagógica. Revista que teria circulação regular durante todo o período aqui analisado.

Em pesquisa sobre "A psicologia na SBPC" (aguardando publicação), observo que, dando cumprimento a sua finalidade, os *Arquivos Bra-*

sileiros de *Psicotécnica* privilegiaram a veiculação dos trabalhos dos seus próprios técnicos. Durante o tempo de Mira, autores como Isabel Adrados, Francisco Campos, Leonilda D'Anniballe Braga, Esther França e Silva, Eurídice Freitas, Eva Nick, Glória Quintela, Alfredo de Oliveira Pereira, Eliezer Schneider, Ruth Sheeffer, Maria Helena Novaes, Mariana Alvim, Alice Galland de Mira e, naturalmente, o próprio Emilio Mira y López, entre outros, todos vinculados ao ISOP, são nomes familiares aos leitores dos *Arquivos*.

Entretanto, outros autores, não integrantes do quadro do ISOP, encontravam nos *Arquivos* receptividade a seus trabalhos: Betti Katzenstein, Pierre Weil, Daniel Antipoff, Arrigo Angelini, Oswaldo de Barros Santos, Aniel Meyer-Ginsberg (que trabalhara no ISOP apenas em seus primeiros momentos), Elisa Dias Velloso e vários outros.

Os *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica* prestaram um serviço ao psicólogo brasileiro, publicando textos de renomados autores estrangeiros: Franziska Baumgarten, Nuria Cortada de Kohan, A. Gemelli, Maria Carbonell de Grampone, Henri Piéron, Bernardo Serebrinski etc.

De 1949 a 1964, os *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica* publicaram 384 títulos — não incluindo noticiários, comentários bibliográficos, informes da redação não assinados e matérias correlatas.

A tabela a seguir mostra a distribuição dos títulos por assunto, conforme o "Índice da matéria publicada em *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica* nos anos de 1949-68" (*Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada*, 1969).

ARQUIVOS BRASILEIROS DE PSICOTÉCNICA		
Títulos publicados de 1949 a 1964		
Assuntos	Títulos	%
Psicologia geral	20	5,21
Psicologia social	11	2,56
Psicologia do desenvolvimento	26	6,77
Psicologia educacional	13	3,39
Psicologia clínica	23	5,99
Psicologia do trabalho/orientação profissional	136	35,42
Psicometria/testes	129	33,59
Diversos	26	6,77
Total	384	100,00

Fonte: *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada* (Índice 1949-68. Apresentação por assuntos).

Por sua afinidade e levando em conta o tratamento teórico e aplicado que lhes foi dispensado no ISOP, foram agrupados os títulos atinentes a psicologia do trabalho (inclusive seleção) e orientação profissional; em um outro grupo, foram reunidos os títulos concernentes a psicometria e testes.

De outra parte, foram eliminadas as repetições de títulos, pois indicavam totais superiores aos efetivamente publicados, adotando-se como critério sua inclusão na categoria de assuntos que considereí mais adequada. Dessa maneira, todos os títulos (sete) relacionados na "Apresentação por assuntos" a psicofisiologia e a neurologia foram computados em outras categorias, nas quais também apareciam.

Feitas essas ressalvas, verifica-se que 69,01% dos títulos veiculados pelos *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica* no tempo de Mira<sup>4</sup> incidiram sobre a temática que era específica do ISOP: psicologia do trabalho/orientação profissional (35,42%) e psicometria/testes (33,59%). Sem deixar de divulgar artigos concernentes às demais áreas da pesquisa psicológica, os *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica* lhes reservaram espaço mais reduzido.

No que tange à psicologia do trabalho, são tratadas questões de caráter geral, análises profissiográficas, pesquisas sobre grupos profissionais (professores, vendedores, magistrados, chefes etc.), seleção, reabilitação, readaptação e prevenção de acidentes.

Provavelmente raros testes, entre os conhecidos e valorizados na época, deixaram de ser estudados pelos técnicos do ISOP. Entretanto, alguns não apenas foram priorizados (o psicodiagnóstico miocinético e o psicodiagnóstico de Rorschach, em particular), como tiveram seus especialistas. Quase todos trabalharam com o PMK, mas Alice Madeleine Galland de Mira e o próprio Mira y López, naturalmente, foram as referências primeiras, quando se falava do "miocinético". O mesmo acontecia com Esther França e Silva, quanto ao TAT. Com Glória Quintela e Isabel Adrados, em relação ao psicodiagnóstico de Rorschach. Com Leonilda D'Anniballe Braga, em se tratando dos testes de aptidão artística.

Não obstante, nota-se que nem todas as matérias publicadas nos *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica* mantiveram idêntico padrão quanto à fundamentação teórica e ao tratamento metodológico das pesquisas ou, ainda, à apresentação do material disponível. Isso aconteceu, sobretudo, quando a revista veiculou trabalhos de equipes de alunos, por sua natureza pouco experientes. Sem dúvida, esse fato representou uma estimulação,

---

<sup>4</sup> O dr. Mira faleceu em 16 de fevereiro de 1964. Para efeito deste trabalho, foram computados os títulos publicados até o final de 1964.

cujos desdobramentos futuros podem ter sido relevantes. O preço foi a irregularidade quanto à qualidade de certos números da revista. Enfim, foi uma opção coerente com os valores que guiaram a vida do dr. Mira, como profissional e como pessoa.

### EM DEFESA DA REGULAMENTAÇÃO DA PROFISSÃO DE PSICÓLOGO

O Curso do Dasp teve por finalidade a formação de núcleos capazes de implantar programas de psicologia aplicada no Brasil. A motivação que justificava seu planejamento e execução reafirmava o sentimento — que outras experiências já haviam explicitado — da urgência de se proceder à formação acadêmica e sistemática de "psicologistas".

Sentimento que, a partir de 1950, atingiu características de um verdadeiro movimento, já não apenas pela implementação de cursos acadêmicos de psicologia, mas em defesa da regulamentação da profissão de psicólogo.

É possível que em outros países a necessidade da regulamentação formal, conferida por lei, da profissão de psicólogo, não se apresentasse com a premência com que a questão se punha no Brasil.

No caso brasileiro, forte pressão da área médica levava à perpetuação de um estado de dependência, que ameaçava a identidade profissional do psicólogo e a autonomia científica e técnica, quanto à prática psicológica. As vertentes médicas características da psicologia como uma das ciências da saúde extrapolavam sua legitimidade, quando o problema se punha nos termos de supremacia de um profissional sobre o outro, ainda que fosse óbvia a diversidade de campos, formação e competências. No fundo, o que havia era a luta pela preservação de um mercado de trabalho, cujo preço seria a subordinação profissional do psicólogo.

Dentro das características da legislação brasileira concernente às corporações profissionais, a não-regulamentação profissional da psicologia tenderia a limitar seu desenvolvimento e a desestimular vocações.

Daí o caráter de luta e movimento que se instalou no Brasil, em prol da instituição de cursos universitários de graduação em psicologia e, ao mesmo tempo, de regulamentação da profissão de psicólogo.

O professor Mira e, de certo modo, o ISOP, engajaram-se nessa luta e nesse movimento, através da atuação da Associação Brasileira de Psicotécnica.

A Associação Brasileira de Psicotécnica (a partir de 1959 Associação Brasileira de Psicologia Aplicada) foi criada em 2 de dezembro de

1949, com sede no Rio de Janeiro. De sua primeira diretoria (Tchaicovski, 1985), faziam parte João Carlos Vital (presidente), Noemy da Silveira Rudolfer (vice-presidente), Emilio Mira y López (secretário-geral), José Moacir de Andrade Sobrinho (secretário substituto) e José da Silveira Pontual (tesoureiro), além de Theodomiro Rothier Duarte, Oswaldo de Barros Santos e Symcha Schwarzstein. Em março de 1950, João Carlos Vital e Noemy da Silveira Rudolfer foram respectivamente substituídos por Lourenço Filho e Walter Barioni.

Ainda me reportando ao artigo de Fany Malin Tchaicovski, sem minimizar o esforço que outras entidades fizeram, no Rio de Janeiro, em São Paulo e outros locais, "o primeiro passo significativo no sentido de regulamentar a formação e a profissão do psicólogo foi dado pela ABPA (então Associação Brasileira de Psicotécnica) em novembro de 1953 (...)".

Em 1954, os *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica* divulgariam o texto integral do projeto de lei e do memorial da APB, assinado por Lourenço Filho, José da Silveira Pontual, Emilio Mira y López e J. M. de A. Sobrinho: "O problema da regulamentação da profissão de psicologista e da formação regular de profissionais nesse gênero".

Em 1959, os *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica* publicariam um longo documento sobre "A formação de psicologistas no Brasil", contendo o Projeto de Lei nº 3.825-A, da Câmara dos Deputados, Mensagem do Poder Executivo e Parecer da Comissão de Ensino Superior do Conselho Nacional de Educação.

O dr. Mira já não mais circunscrevia sua ação pública à direção e aos interesses do ISOP. Emilio Mira y López estava definitivamente comprometido com o país que o recebera. País que se orgulhava — que se orgulha hoje, ao lembrá-lo — de, independentemente da nacionalidade que ostentasse, poder contá-lo como um dos seus.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conjunto das informações expostas e discutidas nos tópicos precedentes leva a algumas evidências.

Em primeiro lugar, como observou João Carlos Vital (1973), o ISOP no tempo de Mira foi "o ponto de ligação, dinâmico e flexível, entre dois momentos da psicologia brasileira: a fase heróica e a moderna".

O ISOP foi inaugurado no momento certo. Em 1938, o Insop, sua versão original, deveria ter tido o destino das grandes idéias concretizadas em um momento histórico prematuro e sob a égide do poder inadequado.

Em 1938, dificilmente contaria o Insop com pessoal competente, na quantidade requerida, para implementar um projeto da envergadura idealizada. De outra parte, ficaria o controle político, administrativo e financeiro exclusivamente na mão do governo federal. Ainda que algumas empresas participassem de sua gestão, o Estado Novo, com o poder que então detinha, não iria perder o controle de uma entidade que se propunha substituir o eficiente regime do afilhadismo pela seleção psicológica, que privilegiaria o princípio do mérito na escolha do pessoal a ser nomeado para o serviço público federal.

Em 1947, havia uma confluência de fatores favoráveis à implementação de uma organização nos moldes do Insop, desde que, como bem ponderou Luiz Simões Lopes, reduzisse seu raio de ação a limites executáveis. Seria então possível reunir grupo expressivo de "psicotécnicos" sob a liderança de um especialista — o dr. Emilio Mira y López — internacionalmente reconhecido por sua competência científica e técnica e pela coerência ética de sua conduta profissional. Especialista responsável pela formação dos "psicotécnicos" recrutáveis, através do memorável "Curso do Dasp" que ele próprio ministrara.

Em 1947 seria igualmente possível contar com o apoio institucional adequado: a Fundação Getulio Vargas. Apesar de instituída ainda na vigência do Estado Novo, a Fundação Getulio Vargas era uma entidade de direito privado. Se, como qualquer organização no gênero, não poderia estar infensa a pressões, tinha autoridade suficiente para impor limites. Associando o poder público aos interesses do empresariado quanto a dispor de pessoal competente para organizar seus quadros, perseguia o princípio do mérito na escolha do pessoal que selecionasse. Além disso, em 1947, findo o poder discricionário do Estado Novo, vivia-se um momento de expectativa e esperança.

O ISOP foi criado no momento certo. Instalado "em um clima de entusiástica expectativa" (Freitas, 1973a), nem mesmo possíveis rivalidades institucionais ou ciúmeiras regionais, se existiram, poderiam conter a força de que se revestia.

Uma segunda evidência é que, mesmo com todo o apoio assegurado por Luiz Simões Lopes, o ISOP não teria alcançado o ritmo de crescimento que marcou sua história, ano a ano, se tivesse seus recursos limitados ao financiamento liberado pela Fundação Getulio Vargas.

O ISOP aliava seus objetivos de formação e geração de conhecimentos através da pesquisa, cuja manutenção era, naturalmente, dispendiosa, à finalidade de *prestação de serviços*. Serviços técnicos, de seleção e orientação, prestados a empresas, instituições públicas, clientes particula-

res, que procuravam o ISOP por iniciativa própria. Serviços, também, na forma de cursos, promovidos para atender a uma crescente e manifesta demanda e, ainda, a necessidades latentes, surpreendidas certamente pelo *feeling* do dr. Mira.

Em terceiro lugar, a contribuição do ISOP para a implementação da psicologia como profissão, no Brasil, foi muito além de sua participação no movimento em prol da regulamentação da profissão e da institucionalização dos cursos de graduação em psicologia.

Desde sua instalação, o ISOP foi um centro estimulador de vocações, no tocante à psicologia aplicada. Os comentários desenvolvidos nos tópicos anteriores mostram, claramente, que outras entidades, inclusive de natureza universitária, também exerceram nos anos 50 um papel significativo na formação e treinamento de "psicologistas", psicotécnicos e orientadores profissionais e educacionais. Portanto, contribuíram também para despertar e fortalecer vocações no âmbito da psicologia aplicada: clínica, organizacional, escolar.

Mas, certamente, entre as "mais de mil pessoas ocupadas em serviços psicológicos" no Brasil, em 1957 (Parecer nº 412 da Comissão de Ensino Superior do Conselho Nacional de Educação, item 9), uma expressiva parcela estava no próprio ISOP ou passara por seus cursos ou estágios.

Uma quarta evidência decorrente do que foi aqui exposto concerne à coerência entre a *filosofia do homem*, implícita no pensamento do dr. Mira e a *teoria que fundamentou o "modelo" da prática psicológica* adotada pelo ISOP. De fato, qualquer que fosse o processo em questão (de seleção, orientação profissional ou vital etc.) procurava-se a mais ampla compreensão da pessoa (personalidade, inteligência, aptidões etc.), conducente a uma "síntese". Síntese que, longe de se reduzir a um somatório de resultados parciais, era um ato novo, especificamente psicológico. Valorizavam-se tanto os resultados dos testes quanto o imponderável das entrevistas e das "observações incidentais", salientadas por Francisco Campos.

O dr. Mira faleceu no dia 16 de fevereiro de 1964. Nascido em 24 de outubro de 1896, não completara 68 anos de idade. Tem cabimento supor que muito poderia ainda realizar. E realizar no ISOP.

Desde 1960, iniciara em Paris contatos com a Unesco no sentido de incorporar o ISOP, com *status* de centro de psicologia aplicada para a América Latina. Impossível prever os desdobramentos futuros das negociações iniciadas. Mesmo porque havia um grande obstáculo: o dr. Mira não era cidadão brasileiro. Em todo caso, hoje, nos termos em que funcionou o ISOP, seria um projeto precisando de transformações em face dos avanços técnicos e da multiplicidade de novos profissionais.

A partir dos anos 60 mudou o panorama da psicologia no Brasil, não apenas em decorrência da regulamentação da profissão de psicólogo e da instituição e rápida expansão dos cursos de psicologia. A psicologia vem tentando responder sem grande atraso aos novos problemas e desafios decorrentes das profundas mudanças que vêm ocorrendo nas relações internacionais; nos valores conducentes a novos modelos de organização familiar; novos modelos na estrutura organizacional, diante de avanços científicos e tecnológicos que não cessam de propor ao homem conviver com novas engrenagens e, pelo menos em parte, transferir para o psicólogo suas novas formas de ansiedade.

Isso significa, no domínio da psicologia, novos campos de especialização. Novas áreas de aplicação. Novas metodologias. Significa a necessidade de rever conceitos e o próprio vocabulário científico e técnico: o vocabulário de 40 a 60 é hoje, em grande parte, obsoleto.

Obviamente, o ISOP hoje não poderia ser o mesmo ISOP do tempo de Mira. Nos limites deste trabalho, não cabe discutir o que seria preciso ao ISOP, se ainda existisse, para responder aos desafios deste final de século. Tampouco caberia discutir as mudanças promovidas após o falecimento do dr. Mira.

O que é preciso é compreender o ISOP no tempo de Mira, em seu contexto histórico. Não importa se o termo *psicotécnica* já não é mais de uso corrente. Quaisquer que tenham sido as mudanças e os possíveis futuros progressos da psicologia, o ISOP no tempo de Mira será sempre um dos capítulos mais brilhantes da breve história da psicologia no Brasil.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Andrade, I. D.; Hausen, D. C. & Câmara, M. A. O ensino da psicologia clínica no Instituto de Psicologia da PUCRS. Campinas, 1978. mimeog. (Trabalho apresentado ao I Congresso Regional Latino-americano de Psicologia.)
- Angelini, A. Evolution and tendencies of psychology in Brazil. 1984. mimeog. (Conferência no XXIII Congresso Interamericano de Psicologia.)
- . Minha vivência do desenvolvimento da psicologia no Brasil. mimeog. s.d.
- Bologna, I. *Roberto Mange e sua obra*. São Paulo, Unigraf, 1980.
- Brasil. Decreto-lei nº 6.693., de 14 de julho de 1944. Dispõe sobre a criação de uma entidade que se ocupará do estudo da organização racional do trabalho...
- Cabral, A. C. de M. A psicologia no Brasil. *Boletim da Faculdade de FCL da USP* (119):11-51, 1950.

- Campos, F. A Divisão de Seleção. *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada*, 25(1):17-71, 1973.
- Centofanti, R. Radecki e a psicologia no Brasil. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 3(1):2-50, 1981.
- Costa, R. H. C. da. Em memória de João Carlos Vital. *Anais do IV Encontro Nacional de Psicologia e Profissionais de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, FGV/ISOP, 1985. p. 28-34.
- Cullinan, D. de B. Serviço de Orientação Escolar. Relatório anual dos diversos serviços do ISOP. *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica*, 5(1):77-80, 1953.
- D'Anniballe Braga, L. Nota breve sobre a evolução do Setor de Aptidões Artísticas. *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica*, 9(1,2 e 3):135-7, 1957.
- Ebbinghaus, H. *Précis de psychologie*. Paris, Félix Alcan, 1910.
- Figueiredo, J. Cavalière & Soares, Olavo Ribeiro A. A informação ocupacional. *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada*, 25(1):83-91, 1973.
- França e Silva, E. Um caso de orientação vital. *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica*, 12(4):89-99, 1960.
- Freitas, E. Origens e organização do ISOP. *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada*, 25(1):7-16, 1973a.
- . A Divisão de Orientação. *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada*, 25(1):73-82, 1973b.
- FGV. Documentos sobre a evolução de sua estrutura, 1945-64. (Documentos de arquivo, postos à disposição deste trabalho.)
- ISOP. O ISOP da Fundação Getúlio Vargas. *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica*, 1(1):7-16, 1949.
- . Instituto de Seleção e Orientação Profissional. Rio de Janeiro, FGV, s.d.
- Lagenbach, M. A psicologia aplicada no Rio de Janeiro: início de uma profissão (1938-1962). Rio de Janeiro, PUC, 1982. mimeog. (Dissertação de Mestrado.)
- Lopes, L. S. Criação de uma entidade destinada ao estudo da organização racional do trabalho. 1944. (Exposição de motivos encaminhada ao presidente da República.)
- . Homenagem ao dr. João Carlos Vital. *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada*, 25(1):125-6, 1973.
- Lourenço Filho, M. B. A psicologia no Brasil. In: Fernando Azevedo (org.). *A ciência no Brasil*. São Paulo, Melhoramentos, 1955. v. 2, p. 263-96.

- . A psicologia no Brasil nos últimos 25 anos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada*, 23(3):143-51, 1970.
- Maia, J. Provas mentais na seleção dos servidores públicos. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos* 1(1):73-83, 1944.
- Mira y López, E. *Psicologia aplicada ao trabalho*. São Paulo, Senai, 1945. mimeog.
- . *Manual de orientación profesional*. Buenos Aires, Kapelusz, 1952.
- & Silva, A. R. da. *Futebol e psicologia*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1964.
- Novaes, M. H. Aspectos da reabilitação profissional. *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica*, 9(1,2, e 3):157-74, 1957.
- Pessotti, I. Dados para uma história da psicologia no Brasil. *Psicologia*, 1(1):1-14, 1975.
- . Notas para uma história da psicologia brasileira. In: *Quem é o psicólogo brasileiro?* Brasília, Conselho Federal de Psicologia, 1988. p. 17-31.
- Pfromm Netto, S. A psicologia no Brasil. In: Ferri, M. G. & Motoyama, S. (orgs.). *História das ciências no Brasil*. São Paulo, EPU-Edusp, 1981. v. 3, p. 235-76.
- Rosas, P. A psicologia na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 65(150): 314-36, 1984.
- . Contribuição de Ulisses Pernambucano e seus colaboradores para a psicologia aplicada no Brasil. *Psicologia*, 11(3): 17-33, 1985.
- . *Mira y López, 30 anos depois*. São Paulo, Vetor, 1995.
- Salzano, F. C. A biblioteca. *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada*, 25(1):99-103, 1973.
- Santos, O. de B. Modernas técnicas de orientação e seleção de pessoal. O trabalho de Roberto Mange nesse setor. In: Bologna, I. *Roberto Mange e sua obra*. São Paulo, Unigraf, 1980. p. 357-73.
- Sheffer, R. & Bessa, N. Resultados parciais de um estudo de seguimento realizado no ISOP. *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica*, 13(2):5-12, 1961.
- Silva, B. Carta ao professor Mira y López, em 13-8-1945.
- Souza, E. L. P. Etapas e crises de crescimento da classe de psicólogos no Rio Grande do Sul. *Revista da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul*, 4(7):5-11, 1980.

- Suchaneck, R. Serviço de Orientação Profissional e Individual. In: Relatório anual dos diversos serviços do ISOP. *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica*, 5(1):80-2, 1953.
- . Os exames especiais de psicomotricidade. *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica*, 9(1,2 e 3):209-19, 1957.
- Tchaicovski, F. M. Breve notícia da Associação Brasileira de Psicologia Aplicada. *Anais do IV Encontro Nacional de Psicologia e Profissionais de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, FGV/ISOP, 1985. p. 37-40.
- Vieira, M. V. M.; Pereira, A. de O. & Carvalho, A. V. O exame psicotécnico de motoristas no Distrito Federal. *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada*, 5(4):41-50, 1953.
- Vital, J. C. Editorial. *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica*, 25(1):5-6, 1973a.
- . A idealização do ISOP. *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada*, 25(1):105-7, 1973b.

# Seleção de artigos de Mira y López

---

*comentados por Paulo Rosas*

## COMENTÁRIO AOS TEXTOS 1 E 2:

*A psiquiatria na guerra.* Buenos Aires, Médico-Quirúrgica, 1944 (edição original em inglês, 1943). *A psiquiatria na guerra* é, provavelmente, o trabalho de Mira y López que melhor sintetiza suas vivências, durante a Guerra Civil Espanhola, sua experiência psicológica e psiquiátrica. É um retorno às origens do PMK e à reflexão ética que perseguiu por toda a vida. Os textos apresentados dão a dimensão da síntese mencionada. Síntese escrita, como escreve o próprio Mira y López, referindo-se à II Guerra Mundial, "en una atmósfera de guerra, miles de millas por el continente americano".

## TEXTO 1: O SIGNIFICADO DA GUERRA

A guerra, segundo a *Enciclopédia Britânica*, "é uma luta entre sociedades humanas — primitivamente, entre tribos selvagens; no mundo civilizado, entre nações". Sua explicação envolve a análise dos termos de sua definição e requer a ajuda de ciências que tratam de seus diversos elementos: da biologia, para explicar a luta; da sociologia, para explicar o Es-

tado; e das ciências históricas, para traçar a evolução, em conexão com a do Estado, das Forças Armadas e das diversas formas de seu emprego.

Não é de se estranhar que a palavra psicologia e seus derivados não estejam sequer mencionados na definição precedente. A enorme influência dos fatores psicológicos nos motivos, incidências e resultados da guerra só foi reconhecida ultimamente.

Em época tão recente como a da I Guerra Mundial, acreditava-se que as forças combatentes estavam simplesmente ocupadas em uma disputa física ou mecânica; os fatores psicológicos só eram aceitos se estivessem incluídos na estratégia militar, propriedade exclusiva do estado-maior. De acordo com esse ponto de vista, o conhecimento técnico, mais uma determinada quantidade de homens e materiais, conduziria automaticamente à vitória ou à derrota, segundo os valores correspondentes do inimigo. Não há muito tempo Napoleão disse: "Deus está do lado que tem melhor artilharia".

Entretanto, as condições atuais diferem enormemente das do tempo de Napoleão. Naquela época, soldados semiprofissionais lutavam sem se importar com os motivos daqueles pelos quais lutavam; muitos cidadãos permaneciam totalmente indiferentes e distanciados dos detalhes do conflito. A população estava tão afastada do combate que se pode dizer que a moral civil não existia.

Hoje as guerras são de interesse vital e imediato para todo o povo de uma nação em luta; transformaram-se em um acontecimento total e global. A luta já não está confinada à linha de fogo, mas se estende a todos os setores da vida; já não é travada por mercenários profissionais, mas por todos os cidadãos. Além dos combatentes, há legiões de espões, agentes secretos, guerrilheiros, quintas-colunas etc., que utilizam armas psicológicas invisíveis e sutis.

Assim, já não é possível ocultar o papel da psicologia. Pelo contrário, ela tem se tornado tão importante que em vários dos países chamados beligerantes há ministérios especiais dedicados a isso, os chamados ministérios de Propaganda e Informação, que seria mais apropriado denominar de Guerra Psicológica.

Uma vez que estamos de acordo com as vantagens de aplicar conceitos psicológicos à administração da organização militar, qual é o papel que desempenharão os psiquiatras? Embora pareça estranho, apesar de terem sido os primeiros a chegar, os psicólogos viraram moda atualmente, enquanto os psiquiatras permanecem indecisos em relação a sua própria função. Foi amplamente comprovado na I Guerra Mundial que os psiquiatras deveriam começar uma campanha de higiene mental tão logo fos-

se declarada a guerra, para prevenir desordens mentais, inaptações, delinqüência e outros contratempos. Cabe indagar se estão cumprindo plenamente sua tarefa. Não acredito que ela tenha sido totalmente valorizada. Os líderes militares consideram que o homem (soldado) médio é normal e, portanto, pertence à esfera da psicologia normal. Mesmo partindo dessa suposição, esquecem que esse homem vai afundar durante a guerra em situações anormais, para as quais suas formas habituais de reação são inadequadas. Até poderíamos afirmar que, quanto mais sangrenta e ferozmente conduzida for a guerra, torna-se mais normal conduzir-se anormalmente. Voltaremos a este ponto mais adiante.

Todo homem tem certas possibilidades de desenvolver reações anormais, que seriam consideradas patológicas em tempos de paz. Um dos melhores chefes do Exército Republicano Espanhol me disse uma vez: "Acho que durante a guerra todo mundo fica transtornado, nervoso e talvez ligeiramente louco. Não é estranho, pois, que se encontre um número crescente de loucos. Simplesmente não há um fundo apropriado para estabelecer a comparação". A tarefa que o psiquiatra deve executar durante a guerra aumenta em importância ao invés de diminuir.

Não é possível estabelecer limites artificiais entre os deveres do psicólogo e os do psiquiatra. Cada um necessita do outro e deve trabalhar com espírito de cooperação. Considerando-me tanto uma coisa como outra, nunca me perguntei qual dos dois seria mais indicado para resolver determinado problema. O trabalho em equipe resulta eficiente para tratar de doenças do ponto de vista psicossomático. Por que deveríamos renunciar a ele no tratamento de assuntos tão complicados como seleção de recrutas, manutenção da moral etc.?

Mesmo quando o psicólogo estiver bem equipado para medir as aptidões específicas, o psiquiatra está muito mais bem preparado para calcular a resistência de um indivíduo a determinado esforço. Mais ainda, prevenir e evitar a fadiga prematura de um chefe sobrecarregado de trabalho é muito mais importante que fazer uma classificação regular de 100 recrutas.

### *INTERPRETAÇÃO PSICOLÓGICA E PSIQUIÁTRICA DO FENÔMENO DA GUERRA*

O primeiro passo para captar o significado psíquico da guerra foi dado por um grande homem que, não sabendo denominar-se psicólogo ou psiquiatra, inventou um novo nome: psicanalista. A psicanálise pode

servir muito bem de ponte para unir a brecha existente entre a psicologia e a psiquiatria.

Segundo Freud, a guerra pode ser considerada "uma espécie de neurose coletiva" ou "uma tentativa para descarregar periodicamente o excesso de impulsos libidinosos reprimidos". Ambas as interpretações pressupõem que a repressão tem um duplo significado, pois é, ao mesmo tempo, fonte e efeito da civilização. Freud afirma textualmente: "a consciência é o resultado da renúncia intelectual". Por sua vez, contudo, a consciência pede novas renúncias e assim se forma um círculo vicioso que conduz a humanidade antes a sofrer do que a aproveitar sua cultura. Freud escreve com pessimismo que a nossa chamada civilização é culpada, em grande parte, de nossa miséria e que seríamos muito mais felizes se pudéssemos retornar às condições primitivas.

Partilhando dos pontos de vista de Freud — os quais não tenciono discutir —, é interessante lembrar que há mais de 2 mil anos Plotino disse: "O amor insatisfeito se converte em raiva". Ambos os autores coincidiriam em afirmar que a guerra não significa a ausência, mas antes a privação do amor. O ponto de vista não é, pois, tão negativo como parece.

Para o psicólogo prático, a guerra é um período durante o qual a vida humana sofre uma completa revolução. As relações morais, legais, econômicas, sociais e até materiais são alteradas de acordo com as novas necessidades. Rompem-se hábitos, afetos e crenças.

Durante a guerra deve-se repetir o processo de aprendizagem infantil com relação aos ajustes básicos da vida. Quem estará mais bem preparado para conduzir essa emergência, senão aqueles que mais sabem sobre o mecanismo da aprendizagem humana? Falta aos alunos a plasticidade mental da infância: são de diferentes idades, níveis culturais e, freqüentemente, não desejam ser ensinados. Deve-se esperar resistência, dificuldades e fracassos; por isso o governo tem de procurar professores mais eficientes e métodos mais didáticos para a nova arte de viver a guerra.

A mudança se torna mais difícil nos países democráticos, especialmente naqueles cujo padrão de vida é alto e confortável. A necessidade e o desespero, segundo uma antiga lei psicológica, impulsionam o povo a lutar; a auto-satisfação, o "conforto" e o luxo o tornam conservador e pacífico. Isso explica por que a França e a Holanda foram vencidas muito mais rapidamente que a Grécia e a Iugoslávia. Essa lei também esclarece por que as massas dos países do Eixo, que viveram sob circunstâncias adversas durante muitos anos, adaptam-se tão rapidamente às condições de guerra.

O psiquiatra, por outro lado, dedica-se preferentemente ao estudo das relações patológicas humanas, individuais e coletivas. Considera a guerra como uma reação coletiva anormal, que conduz à substituição das formas sociais avançadas de conduta por outras mais primitivas. Todo o progresso da mente humana foi obtido subordinando a força à razão, a opressão à liberdade, e o instinto à ética. Ninguém pode se sentir livre até adquirir o controle de seus desejos corporais; através de toda a história do homem, o direito da força foi lentamente substituído pela força do direito.

Na guerra, a violência, a força mecânica e até a brutalidade prevalecem sobre a persuasão e a razão. O mesmo ocorre com a loucura. Como consequência, os psiquiatras, se fossem simples observadores profissionais, contemplariam a guerra como uma psicose nacional, que afeta a mente coletiva. Então poderiam sentar-se e observar com calma os bandos beligerantes, e até poderiam trasladar-se de um lado a outro, para comparar melhor as reações dos grupos opostos, adquirindo assim dados mais valiosos.

Contudo, os psiquiatras não são somente observadores curiosos, mas cidadãos que devem desempenhar uma tarefa fundamental. Como médicos, sua obrigação é aliviar os sofrimentos. Dado que a guerra traz consigo tantas penalidades, têm de reprimir seus desejos de investigação e se dedicar a objetivos mais concretos, que discutiremos nas páginas que se seguem.

### ASPECTOS SOCIAIS E BIOLÓGICOS

Os biólogos têm uma explicação muito simples para a guerra; segundo eles, trata-se simplesmente de um caso particular — certamente lamentável — da luta pela existência, tão antiga e difundida como a própria vida. De acordo com o ponto de vista de Lamarck, o animal forte sobrevive e o frágil perece. Mas essa lei só é verdadeiramente correta quando tratamos com organismos carentes de inteligência. Nicolai, num livro sobre a biologia da guerra, nega sua validade no homem. Naquele dia remoto em que o jovem e forte guerreiro caiu de joelhos diante do frágil e velho mago, o homem se converteu em algo mais do que um simples organismo natural: descobriu o reino dos valores. Sob um enfoque realista, a guerra nas condições atuais significa a sobrevivência dos fracos — que são excluídos do serviço militar —, não a dos fortes. Por isso, quando Hitler recorre à biologia para justificar sua afirmação de que a guerra é um fim humano natural, demonstra mais uma vez estar errado.

No entanto, não podemos esquecer que o homem também é um animal natural, que conserva ainda sinais de sua violenta e cruel ascendência; não é por acaso que temos dentes caninos. Por isso os biólogos podem contribuir com sugestões para garantir as fontes físicas e fisiológicas de energia. A Guerra Civil Espanhola provou que, se isso for esquecido, até a melhor moral de guerra pode falhar; por isso os alimentos estão sujeitos a bloqueio. Aqui, entretanto, não é este um problema que nos atinja, e desejamos simplesmente ressaltar a insuficiência de todas as tentativas biológicas para explicar a guerra de um ponto de vista puramente naturalista. A mesma inaptidão caracteriza todos os esforços realizados pelos sociólogos para dar explicações religiosas, econômicas ou políticas sobre ela. Mas, em se tratando de um fenômeno humano, não pode ser bem compreendido se não levarmos em conta todos os fatores complexos que integram a vida humana. Os sociólogos continuam ocupados discutindo qual das diferentes teorias de organização política e social pode melhor explicar e, se possível, prevenir as guerras. Desejo que a sociologia aumente seu prestígio num futuro próximo, mas acredito que isso acontecerá na medida em que nela se infiltrarem a psicologia e a psiquiatria.

### A CONCEPÇÃO HUMANISTA

Vamos elaborar, finalmente, uma síntese. O homem tem sido descrito como "uma perpétua, oscilante e instável síntese de antinomias". Sua vida é a expressão de forças em conflito, e sua conduta, o resultado inevitável. No homem, existe sempre algo mais do que a luta *pela* vida; existe também uma luta *dentro* de sua vida.

Os seres humanos não estão simplesmente em conflito com seus congêneres; estão também em conflito com eles mesmos. A guerra significa uma forma de comportamento que altera, em cada indivíduo, a proporção relativa dos problemas internos e externos; por isso, durante o conflito, algumas pessoas se modificam para melhor e outras para pior.

A característica geral mais importante da guerra consiste em privar o homem de suas dimensões espirituais e transcendentais, e em limitá-lo à vida natural mais simples e selvagem, na qual o único fim é garantir a sobrevivência.

A guerra significaria simplesmente um prejuízo para a humanidade se não tivesse como finalidade uma melhoria nas condições de vida. Os dirigentes das nações beligerantes são forçados, portanto, a prometer grandes mudanças culturais, econômicas e sociais como prêmio pela vitó-

ria. As pessoas querem saber não somente *contra o que se luta*, mas *para que se luta*.

"Do ponto de vista humano, a guerra é um acontecimento crucial e fundamental na história da humanidade, do qual depende o destino de povos e nações durante séculos e do qual emergem mudanças progressivas e regressivas. A forma de vida anterior a ela nunca poderá ser restaurada."

### FINS DA PSIQUIATRIA NA GUERRA

A psiquiatria deve desenvolver sua máxima eficiência para obter a melhor adaptação dos recursos humanos com o mínimo de sofrimento, tanto na zona de guerra como na retaguarda. Várias opiniões têm sido emitidas recentemente com relação aos fins concretos desse dever. O professor Overholser, nos EUA, o professor Moreno, no México, e o professor Pacheco e Silva, no Brasil, as descreveram. Acho conveniente discutir tais fins com certo detalhe, pois não existe acordo completo acerca de seus limites.

A maioria dos objetivos da psiquiatria na guerra deve ser obtida por meio do trabalho em equipe, por parte de psiquiatras e outros profissionais, como psicólogos, psicanalistas, sociólogos, chefes-militares etc. A supressão de interferências e implicações deve ser cuidadosamente considerada por todas essas categorias, visando a obter o máximo de benefícios. As principais tarefas a executar são:

- a) adaptação da população ao esforço de guerra, de acordo com sua capacidade e energia mental;
- b) profilaxia mental da população militar e civil durante a guerra para manter seus membros adaptados a seus trabalhos e para prevenir a depressão mental;
- c) cuidado apropriado com aqueles indivíduos ou grupos que se tornam mentalmente doentes ou exaustos, apesar das medidas preventivas;
- d) readaptação contínua de convalescentes mentais para prevenir recaídas;
- e) manutenção de uma moral de guerra elevada.

Vejam como essas diferentes metas podem ser alcançadas e qual é o papel apropriado do psiquiatra.

### ADAPTAÇÃO DA POPULAÇÃO À GUERRA

Este objetivo é tão ambicioso que não pode ser atingido sem um plano perfeito e sem a integração do trabalho de todos os peritos responsáveis por ele. Uma análise prévia das exigências e necessidades deveria ser realizada para adequar os recursos humanos às situações de emergência. Não obstante, essa análise é impossível sem uma informação exata dos recursos e intenções do inimigo.

Penetrar em tal labirinto ultrapassa o propósito deste livro. Limitar-nos-emos, pois, a estudar o problema da seleção de pessoal militar e civil. A frase *the right man in the right place* é, talvez, mais aplicável em tempos de guerra do que em tempos de paz. Não pode restar nenhuma dúvida de que os psicólogos devem providenciar as bases para uma localização adequada dos indivíduos em todos os níveis da maquinaria bélica.

Mas os psiquiatras também têm algo a dizer nessa ocasião. Não devem esperar que os chamem para dar conselhos. Sua função não deve ser concebida como simplesmente negativa, de estabelecer quem não deve empreender um trabalho de guerra determinado. Pela sua experiência em tratar os homens partindo de um ponto de vista global e por seu particular conhecimento da tipologia e da caracterologia, os psiquiatras estão mais bem preparados para determinar a capacidade de ação de determinado indivíduo e predizer seu rendimento e eficiência sob condições de esforço anormais.

Por outro lado, não há linha divisória entre a reatividade normal e anormal de um indivíduo determinado. Todo mundo carrega em seu interior ambas as potencialidades. Trata-se de um problema de princípio, mais do que de qualidade ou essência, o que determina a conduta apropriada ou inapropriada do indivíduo. Portanto, deveria existir uma colaboração íntima entre o psicólogo e o psiquiatra; essa união permitiria melhores diagnósticos do que se ambos trabalhassem separados. O primeiro poderia medir as capacidades, aptidões e habilidades vocacionais do indivíduo; o segundo poderia medir seu poder para usá-las. O problema do desajustamento psicopático — apesar dos cuidadosos testes psicológicos — não se incrementaria, pois não só seria possível para os peritos determinar a utilização mais apropriada para cada indivíduo, como também determinar quando, onde e durante quanto tempo ele estará capacitado para desenvolvê-la.

Os psicólogos parecem interessados nos traços comuns e superficiais da mente: mais do que tratar com os exaustivos problemas das relações psicossociais sob condições opressivas de vida, ocupam-se em orde-

nar os valores relativos aos instrumentos mentais. Os psiquiatras, ao contrário, estão mais interessados na avaliação prática e imediata da eficiência individual, quando uma influência injuriosa ou nociva, herdada ou adquirida, perturba a integração do conjunto de hábitos mentais. As possibilidades de compensação, supercompensação, deslocamento, transferência, inibição temporária etc. dos moldes de reação devem ser cuidadosamente consideradas no diagnóstico.

Resumindo: favorecemos a soma e não a subtração de esforço. Não se trata de como psicólogos, autoridades de classificação e psiquiatras deveriam colaborar: eles *devem* colaborar, a não ser que se queira perder tempo e trabalho no processo seletivo.

### A HIGIENE MENTAL NA GUERRA

A higiene mental é outro objetivo em torno do qual os "oficiais de moral" (*moral officers*), os psicólogos e os psiquiatras devem se unir e trabalhar juntos. Aqui, os últimos desempenham o papel mais importante. Nada afeta mais negativamente o ânimo coletivo do que a visão de pessoas enlouquecidas pela guerra. Embora pareça estranho, a média dos civis e soldados suporta melhor a notícia de que um de seus amigos foi ferido ou morto do que internado em um hospital para doentes mentais. Um homem teme mais perder a razão do que seu corpo ou até mesmo de que sua vida; qualquer perturbação mental significa, especialmente em tempos de guerra, um poder psíquico desmoralizador.

Os piores resultados, porém, ocorrem quando uma pessoa não é reconhecida como desequilibrada e seus delírios são aceitos pelo grupo. Por causa da crescente sugestibilidade da maioria, essas pessoas semiloucas são talvez mais perigosas que o verdadeiro psicótico e podem ser usadas com grande êxito pelos quintas-colunas. Por isso é tão importante controlar e observar constantemente não só as personalidades psicopatas previamente determinadas, mas também aquelas que não são reconhecidas como tais. Essa é a tarefa que o serviço de higiene mental deve desenvolver tanto na frente como na retaguarda.

Acreditamos que ninguém negará o terceiro objetivo da psiquiatria na guerra: o cuidado com desajustamentos mentais — tanto como na paz. O tratamento, no entanto, é um pouco diferente do que em épocas normais; em um país pacífico não se registram epidemias de neuroses, estados coletivos paranóicos etc., tais como ocorrem na guerra.

No quarto objetivo — readaptação e colocação dos pacientes mentais curados — encontramos de novo a necessidade do trabalho em

equipe com psicotécnicos e oficiais encarregados de centros de recuperação. Os psiquiatras devem ajudar calculando a possibilidade de recaída e sugerindo a atmosfera psicológica mais apropriada para esses pacientes.

Talvez seja mais importante a contribuição dos psiquiatras para a obtenção do quinto objetivo: a manutenção da moral de guerra. Antes de chegarmos a sua análise concreta, devemos, porém, traçar um esboço das características mais exacerbadas que caracterizam a vida nos tempos de guerra do ponto de vista da psicologia dinâmica.

### *INFLUÊNCIAS REMOTAS E IMEDIATAS DA GUERRA SOBRE A VIDA*

Há muitas formas de guerra, assim como são distintas as pessoas nelas envolvidas. As diferenças de origem, raça, cultura, temperamento, inteligência, posição econômica e social são responsáveis por atitudes tão diversas. Apresentaremos o que deve ser uma perspectiva abstrata e formal do campo, dado que não se pode negar que, uma vez juntos, o pobre não reagirá como o rico, o jovem e saudável como o velho e doente, nem o homem feliz como o desgraçado.

Entretanto, para todo cidadão a guerra implica uma troca de deveres e direitos, um deslocamento de propósitos e uma ruptura de hábitos, afetos e crenças. Por isso tentaremos descrever algumas das diferenças mais importantes das formas de vida em tempos de guerra e de paz.

Em termos gerais, em tempo de paz, as relações interpessoais se desenvolvem num ambiente de confiança, delicadeza e amizade, enquanto em tempo de guerra estão impregnadas de desconfiança e dureza. Em tempo de paz, um homem raramente está aborrecido e, muito menos, atemorizado; mas em tempo de guerra é um luxo estar tranqüilo e de bom humor. A existência, nesses tempos, pressupõe uma regressão psicológica às condições primitivas de vida emotiva que prevaleceram na primeira infância, quando as atitudes negativas, de temor e raiva, predominavam sobre as positivas, de simpatia e amor.

Esse retrocesso provém principalmente do fato de que a guerra não se limita a privar o indivíduo de seu conforto e diversões usuais; ela rompe, sobretudo, com o passado e requer a rápida criação de novos hábitos. Ao mesmo tempo, coloca o indivíduo cara a cara com o desconhecido, impedindo-o de fazer planos para o futuro. Ninguém sabe, ao se levantar pela manhã, o que lhe poderá acontecer até o anoitecer: pode ver-se privado de sua liberdade ou de suas propriedades, transferido para outra cidade, ferido, morto ou até impossibilitado de dormir na mesma cama da noite anterior. Apesar da incerteza — o fator mais temido e depressivo —

deve continuar com seu trabalho como se não existisse o perigo e, ainda mais: deve mostrar-se entusiasmado em relação ao futuro, sorridente e esconder suas dúvidas e temores. As pessoas estão, dessa forma, mergulhadas em um presente perigoso, difícil, incômodo, incerto e complicado; e o que é pior, privadas de liberdade e iniciativa pessoal. Uma vez que na guerra tudo que não é proibido tende a ser obrigatório, há uma absorção progressiva do indivíduo pela máquina bélica. Não é, portanto, estranho que o crescente gasto de energia mental coloque o cidadão médio em um estado de nervosismo e o impulsione a agir com dureza, perdendo, portanto, sua espontânea gentileza. A perda da liberdade pessoal é, naturalmente, mais marcada na vida dos soldados, pois eles estão ligados a suas respectivas unidades do exército.

### *A LEI DO TUDO OU NADA*

Por causa da súbita mudança do quadro ambiental de referência e do deslocamento das sustentações, básicas e aparentes, de sua atividade mental, o indivíduo especula consideravelmente, no começo de sua nova vida, só para alcançar a mesma incerteza sobre seu futuro. Finalmente, desiste e se abandona à forma de vida espontânea, natural e irracional (afetiva) que prevalecia nas fases primitivas da evolução humana. Ou bem obedece às ordens docilmente, sem tentar absorvê-las; ou bem luta com rebelião contra seu encurralamento. As pessoas que vivem sob as condições de guerra estão expostas a repentinos choques emocionais e se tornam, conseqüentemente, mais sugestionáveis. É mais fácil predizer seu comportamento; obedece à lei do tudo ou nada que caracteriza as formas mais simples de vida; o organismo ou permanece insensível e não é afetado pelo estímulo, ou reage da forma mais enérgica.

Um dos problemas mais difíceis ocorre quando os encarregados da instrução de novos recrutas encontram o tipo médio, ou apático e inibido ou excitado e nervoso, dado que esses homens sofrem um aumento de tônus emocional, criando fortes pulsões que restringem seu pensamento. É bem sabido que os estados emocionais tingem com seu tom de sentimento peculiar todos os níveis das atividades intelectuais do indivíduo, durante um longo período. Quando está assustado, seus pensamentos são medrosos; não importa o que pensar, suas conclusões serão sempre pessimistas. A escola de Pavlov explica esse fato dizendo que as emoções básicas, por estarem ancestralmente ligadas a situações de vida ou morte, têm o máximo poder de se irradiar para o cérebro, excluindo assim a possibilidade de uma mudança voluntária por meio do discernimento.

Para fins militares, é prudente tomar conhecimento dos temores individuais específicos, ódios e afetos de cada soldado. Os soldados devem ter um completo domínio de suas emoções básicas. Devem guardar o ódio contra o inimigo, mas não contra seus superiores; evitar cuidadosamente certos perigos e desprezar outros; sentir amizade e cordialidade em relação aos seus companheiros e ao mesmo tempo estar alerta para denunciá-los em caso de traição. O que é pior, devem estar prontos para obedecer cegamente às mais extravagantes ordens de seus superiores e, ao mesmo tempo, ter iniciativa, determinação e espírito de racionalização. Por isso, um dos mais proeminentes soldados espanhóis republicanos assim resumiu a situação: "Os oficiais devem estar loucos. Mandam que nos comportemos como selvagens e meia hora depois como gente civilizada; duas horas mais tarde como animais e, em seguida, de novo como seres humanos refinados. Leva muito tempo converter-se em acrobata mental e tenho medo de perder a razão nesse processo de aprendizagem".

### *DISSOCIAÇÃO DO SER E DA APARÊNCIA*

Outro aspecto importante da readaptação social na guerra é a súbita mudança de prestígio e poder de muitos homens. Frequentemente, como resultado de sucessos casuais, os indivíduos tornam-se heróis nacionais e objeto de admiração geral. O humilde sapateiro converte-se em superior ao dono da oficina; o rapaz ascensorista, agora brilhante cabo da aviação, dita ordens ao homem de negócios que certa vez o despediu do emprego. Não se sabe nunca quem está dentro de um uniforme nem se pode prever como se conduzirá. Tudo o que se sabe é se tem mais ou menos poder de chefia. As pessoas devem ser julgadas pela aparência e não pelo valor pessoal. Essa peculiar dissociação do ser e do parecer (aparência) aumenta a dificuldade do ajustamento psicológico em tempos de guerra.

No entanto, o homem médio possui uma plasticidade mental incrível e pode relevar esses obstáculos se estiver totalmente convencido da necessidade de fazê-lo. Não é fácil chegar a essa convicção. Se for ignorante, não compreenderá o "porquê" dos pedidos que lhe façam; se é inteligente, apresentará uma dúzia de "poréns". Logo, deve-se proporcionar uma enorme quantidade de informações sobre a guerra e estimular as discussões sobre suas motivações filosóficas, cobrindo ângulos de diversas ideologias. Para todos os cidadãos da nação, apesar de suas opiniões políticas e religiosas, deve existir a crença de que não há outro recurso senão lutar. Devem estar convencidos de que é preciso "fazer" a guerra, e não, simplesmente, suportá-la.

Se esse objetivo for atingido, as pessoas desejarão envolver-se, ao invés de fugir do espírito da guerra. Construir a convicção necessária requer o trabalho coletivo dos melhores cérebros do país, especialmente daqueles mais bem preparados em psicologia, psiquiatria, sociologia, filosofia, ética, direito e até política.

### EFEITOS REMOTOS DA GUERRA

Quando se suporta uma guerra durante vários anos e seu fim é incerto, surge outro perigo: as pessoas perdem seu interesse por ela e se tornam mais apáticas e deprimidas. Já nada mais lhes importa, agem como autômatos. Nem as boas notícias nem as más afetam aqueles que só desejam tranqüilidade e paz.

Observamos esse estado no fim da guerra da Espanha, quando o pacto de Munique apagou a única esperança de ajuda externa. Esperança que teria permitido aos republicanos suportar a falta de comida, munições e sono e a perda de seus lares.

Nos meses que se seguiram a outubro de 1938, até no caso de um acidente nas ruas de Barcelona era praticamente impossível despertar os instintos de curiosidade e solidariedade, antes tão fortes entre os catalães. Mais impressionante ainda era que as próprias vítimas permaneciam indiferentes, sem pedir ajuda, embora estivessem gravemente feridas.

Quando surge um tal estado de estupor (que os franceses chamam de *n'importequ'isme*, o que poderia ser traduzido como "tanto se me dá"), a guerra realmente acabou. Não importa se esse estupor aparece na frente ou na retaguarda. Em qualquer parte significa o fim da luta, dado que, se não for possível ao exército resistir enquanto a retaguarda se afunda, esta também não pode oferecer resistência quando o exército está moralmente destruído.

Antes que aconteça esse desastre, há muitos sinais a indicar sua proximidade. Para preveni-lo, podem ser aplicadas fortes medidas psicoterapêuticas. Isso será discutido no fim do livro. Aqui trataremos do obstáculo mais importante que acontece no começo da guerra: o medo. Numerosos países sucumbiram sem lutar — mesmo quando quiseram enfrentar os invasores — porque um terror coletivo paralisou o povo e os governantes. Pode-se evitar muitos erros no início da guerra se os novos soldados conseguirem controlar o medo. Portanto, no próximo capítulo nos dedicaremos a analisar essa emoção básica e os métodos para prevenir seus efeitos desastrosos entre indivíduos e grupos.

## TEXTO 2: CONCEPÇÃO EXPERIMENTAL DA CONDUTA MORAL

A conclusão geral deste trabalho — apresentado no Congresso da Associação Americana para o Progresso das Ciências, em Chicago, em 1933 — era que toda conduta humana está pautada por três atitudes fundamentais de reação, correspondendo cada uma delas a uma emoção básica: defesa-medo; ataque-cólera; criação-amor. O objeto ou o estímulo desencadeado por tais reações é encontrado no interior do organismo ou no mundo exterior.

Considerada a partir de um ponto de vista biológico e natural, a conduta humana não é moral nem imoral. O valor moral lhe é atribuído posteriormente, sempre que se considera de um ponto de vista psicossocial. Isso significa que o valor ético de uma ação não depende somente de seu resultado, motivos e finalidades, mas, principalmente, de um referencial do mundo que escolhermos para julgá-la. Por exemplo, as ações de Hitler são simultaneamente elogiadas e condenadas por milhões de pessoas educadas.

No entanto, há um critério genérico para avaliar a conduta social, independentemente do contexto histórico em que é observada. Nesse aspecto me atrevo a dizer que a conduta humana baseada no medo representa a forma mais primitiva e antiga da moral. Quando um indivíduo faz ou deixa de fazer alguma coisa, por temor às conseqüências de proceder de outro modo, não podemos esperar que ele aproveite ao máximo seus recursos mentais, já que essa conduta não obedece a uma motivação primária e espontânea, pois o indivíduo está mais preocupado em evitar o castigo ou o perigo do que em obter um êxito real em suas ações. Nesse sentido, a educação clássica obteve êxitos na consecução de um certo número de hábitos sociais, porém fracassou substancialmente na conquista da felicidade humana.

Quando a conduta é impulsionada pela cólera, o indivíduo pode utilizar plenamente seus poderes, mas estes estão dirigidos para uma finalidade destrutiva. A felicidade só se consegue mediante o sofrimento de algo ou de alguém distante de seu autor. Esse alguém pode, por sua vez, ser estimulado pela vingança e mais cedo ou mais tarde causar um prejuízo, pois bem sabemos que não existe inimigo pequeno.

Somente quando o indivíduo atua sob a influência do amor é capaz de criar algo que não pressuponha nenhuma perda ou diminuição alheia. Assim, em vez de luta e rivalidade, despertar-se-ão a paz e o espírito de cooperação. O amor induz à efusão, o medo, à infusão, e a cólera, à confusão. Mesmo quando o indivíduo pratica o amor a si mesmo (narcisismo ou auto-erotismo, que é, naturalmente, a pior forma de amor), é mais aproveitável para a humanidade do que quando odeia a si mesmo.

Como já dissemos no primeiro capítulo, a vida humana é tão complicada que, diante de qualquer objeto ou situação, se produzem misturas das três atitudes reativas primárias, donde, às vezes, a dificuldade de interpretar a conduta humana a partir do ponto de vista ético.

Outra conclusão geral do trabalho que comentamos era que não existe uma oposição radical entre as formas extremas da conduta moral. Podemos observar péssimas e ótimas ações em uma mesma pessoa. Tudo o que podemos afirmar é que as conseqüências sociais da conduta individual — e isso implica também a medida de sua responsabilidade — dependem fundamentalmente de: a) força de seus impulsos; b) grau de inteligência; c) influência pessoal sobre o grupo social e o poder desse grupo. Conseqüentemente, há pessoas que não podem ser nefastas nem benéficas mesmo que se proponham a isso; porém outras o são sempre, embora não o queiram.

Se isso for realmente assim, e acredito que seja, temos de esperar grandes mudanças nos valores morais quando a vida da população passa da paz para a guerra. E ainda temos de esperar maiores mudanças se a guerra se transformar em revolução.

Essas transformações não podem ser objeto de uma qualificação geral, cada vez que alguns hábitos e traços sociais se modifiquem para o bem ou para o mal. Com esses qualificativos (bem e mal) desejo expressar a promoção ou a diminuição dos *valores sociais*, tais como amizade, solidariedade, simpatia, honestidade, generosidade, tolerância, cordialidade, sinceridade etc. Se considerarmos o indivíduo ao invés do grupo, ficaremos surpresos ao ver que determinado indivíduo, que era amável e gentil em seu escritório ou oficina, agora se transforma em um ressentido, ciumentoso, desconfiado ou sarcástico na trincheira de combate. Ao contrário, o mau elemento da cidade — briguento, grosseiro, petulante — mostra-se agora outra pessoa, quando veste o uniforme.

Talvez seja esta a razão pela qual consegui o máximo número de doadores de sangue entre os criminosos e o mínimo entre os estudantes de direito. Por isso, a única forma de evitar confusões é identificar a moral de guerra com a determinação de chegar à vitória militar sobre o inimigo nacional, dentro ou fora do território nacional. Desse ponto de vista, tudo que acelere ou assegure a vitória é bom e tudo que a dificulte é negativo.

### FINS DA MORAL DE GUERRA

Tratarei deste tema repetindo o que escrevi em colaboração com o professor Douglas Fryer para seu próximo livro de psicologia militar.

A filosofia das nações democráticas inclui normas legais, éticas e religiosas, de pacifismo e não-agressão a indivíduos e grupos. Em compensação, a filosofia dos estados totalitários justifica a guerra em luta contra outras nações. Uma democracia se agarra a seus hábitos de paz, adquiridos na infância, mesmo quando julgar necessário uma mudança de conduta para torná-la mais agressiva. O Estado autoritário é agressivo na paz; a guerra, para ele, não é mais que um episódio de sua agressividade nacional.

Dáí, talvez seja necessário mudar a atitude pacifista dos povos democráticos, para adaptá-los à guerra. É preciso estabelecer uma reversão de suas convicções, de modo que a sobrevivência individual e do grupo se liguem ao resultado de sua participação na guerra.

Mudança tão significativa só ocorrerá se forem explicados com detalhes os objetivos da guerra, proporcionando ao indivíduo e ao grupo democrático o treinamento necessário para tal fim. São pontos básicos para essa moral de guerra democrática: a) são maiores o perigo e o prejuízo para soldados e civis que enfrentam um inimigo totalitário, tanto no caso de querer iludi-lo como de lutar contra ele; b) é melhor obedecer às ordens e leis oficiais do que tentar burlá-las, mesmo em casos que possam parecer erradas; c) o inimigo é não só mau como frágil; será derrotado, independentemente da situação aparentemente adversa dos acontecimentos; d) a vitória representará tudo de bom, e a derrota, tudo de mau; a vitória só será conseguida sacrificando o presente individual e coletivo em nome do futuro. Com ela virão não só a paz como a prosperidade e a felicidade — a realização de ideais e uma vida utópica.

O primeiro dos pontos citados exige a demonstração prática, aos civis e soldados, de que eles sofrerão mais riscos de serem mortos, feridos e maltratados, se se entregarem, do que se tratarem de destruir o inimigo. Todo soldado deve combater até o final, esteja entre seus camaradas ou sozinho, na frente ou atrás das linhas inimigas. O civil deverá permanecer em sua comunidade e obedecer às normas ditadas pelas autoridades, mesmo que seja a completa destruição de sua propriedade individual no caso de vir a ser ocupada pelo inimigo.

Para conseguir o segundo objetivo, de aceitação da autoridade, a imprensa, o rádio e todas as organizações sociais devem ser mobilizados com o fim de mostrar o quanto significa, em tais condições de emergência, a obtenção de uma fortaleza nacional homogênea e controlada. Essa convicção é construída com a celebração e comemoração de datas nacionais, desfiles e discursos patrióticos; a participação se estabelece a partir da formação de juntas e comitês de defesa civil.

Todos esses objetivos se resumem no lema que imperou na República Espanhola durante a guerra: Um pacifista é hoje um desertor, amanhã poderá ser um inimigo. Deve, portanto, ser tratado como tal.

O terceiro objetivo (superioridade sobre o inimigo) se estabelece entre os soldados e civis por meio do desenvolvimento e da sustentação de atitudes e sentimentos patrióticos de fé e de orgulho diante de fatos heróicos nacionais. Contribuem para isso a exibição de filmes em que se reproduzem os melhores feitos bélicos nacionais, cerimônias em honra dos heróis, condecorações e prêmios pelo esforço de guerra, profusão de bandeiras e apresentação do poderio militar nacional e a irradiação de programas bélicos.

O quarto objetivo — uma utopia pós-bélica — é mais difícil de ser estabelecido, uma vez que os indivíduos demonstram seu receio de aceitar hipotéticos benefícios futuros em pagamento por sacrifícios presentes. As opiniões e os critérios políticos podem ser tão diversos entre os cidadãos de uma nação que resulte quase impossível encontrar um programa completo de pós-guerra capaz de satisfazer a maioria. Quando existe uma aliança de vários Estados, um programa dessa natureza resulta mais difícil ainda.

Para evidenciar tais diferenças é necessário um reajuste governamental, isto é, a criação de um governo de união nacional, à semelhança do que ocorreu na Inglaterra, na França e na República Espanhola. Desse modo, todos os grupos sociais da nação acreditam que suas idéias ou fórmulas de organização social terão uma consideração prevalecente no futuro. Também devem ser promovidas reuniões das sociedades científicas e dos clubes sociais, para discutir o problema da reconstrução. Mas no momento, e diante da emergência, todos devem esquecer seus próprios desejos e apressar-se em aumentar suas obrigações para com a sociedade: "O sacrifício é inevitável para conquistar a vitória e a felicidade futuras". "O que no momento parece ruim será, no fim de contas, o melhor". Esses são os lemas que melhor se encaixam nessa finalidade. Uma declaração de objetivos de guerra aceita pela maioria é o aglutinador utópico preferível; exemplos desse tipo podem ser encontrados nos famosos pontos de Wilson (1918), Negrín (1938), Roosevelt e Churchill (1941).

Se os indivíduos e os grupos podem ou não realizar seus desejos é uma questão secundária na emergência nacional. Os inteligentes e equilibrados entenderão e desejarão um bom desenlace da guerra, mesmo acreditando que depois disso não se poderá viver tão bem como antes. Uma vez reconhecida como inevitável a questão da guerra, deve-se aceitar também a necessidade da vitória.

## COMO INTEGRAR A MORAL

Embora as guerras hoje em dia sejam globais ou totais, existem diferenças no caráter moral das zonas militares de combate e das zonas civis de retaguarda. Pode-se afirmar, *a priori*, que nas primeiras a moral é mais elevada, devido: a) à seleção dos combatentes, já que só são aceitos homens física e moralmente aptos; b) à acumulação do poder militar — canhões, tanques, aviões etc. — que transmite confiança na invencibilidade; c) à existência de um sentimento de camaradagem e cooperação que faz com que o indivíduo se sinta protegido e estimulado pelo seu grupo.

Na retaguarda, ao contrário, reúnem-se os frágeis e os doentes; os covardes também conseguem, freqüentemente, permanecer nela, mais ou menos camuflados; há maior heterogeneidade de opiniões e distensões de laços sociais, de modo que a propaganda inimiga pode ser mais facilmente difundida.

Há muitos exemplos concretos para demonstrar que a retaguarda constitui, por fim, o ponto pelo qual se quebra a moral dos combatentes. Foi o que ocorreu na Alemanha, em 1918, e na República Espanhola, em 1939. Muitos soldados resistem melhor a seus próprios sofrimentos do que à idéia de prolongar os daqueles que amam, se continuarem combatendo. Se não recebem notícias, pensam no pior; se as notícias que recebem são muito lacônicas, aborrecem-se com o censor; e se a correspondência não é censurada, percebem que suas famílias desejam tê-los de volta. Essa força de absorção do combatente pela retaguarda pode minar mais a moral do exército que a própria pressão do inimigo.

Ao contrário, os que estão na retaguarda preocupam-se mais com o que acontece com seus queridos combatentes (filhos, irmãos, maridos, pais, noivos etc.) que com os perigos de invasão ou da escravidão, pois, como a maioria da população não consegue imaginar com precisão o futuro nacional no caso de uma derrota, vive com a única preocupação de: "Onde está"? "Estará vivo ou morto?"

O problema é, pois, como integrar a moral de modo a que cada zona reforce a outra. Previamente adiantei a idéia de dar uma atenção especial a uma zona intermédia entre as duas, já que essa (chamada retaguarda do exército) é uma ponte na qual se misturam as notícias e as ações, apesar de todos os meios de prevenção que possam ser utilizados. No caso dos Estados Unidos, essa ponte está representada pelas zonas costeiras de ambos os oceanos.

A organização mais importante para manter a moral de guerra deve, portanto, situar-se nessa zona e, sempre que a mistura for inevitável,

tratar de controlá-la adequadamente. A primeira medida será vigiar atentamente o elemento feminino da mesma, já que este é que melhor divulga as notícias inconvenientes de um e outro lado. Uma segunda medida será distribuir, nessas zonas, um número de agentes detectores para isolar aqueles que falam demais ou dizem coisas prejudiciais. A luta contra os rumores é tão importante como a luta contra o inimigo, mesmo que, às vezes, por razões de tática militar, seja conveniente difundir rumores falsos (contra-rumores) para desorientar os espíões.

Uma terceira e importante medida é o controle da correspondência. Como a censura deve estar localizada nessa zona intermédia, é aconselhável ter instruções impressas que serão dadas privada e verbalmente aos que a cruzam em uma ou outra direção. Essas instruções incluirão especialmente os seguintes pontos: a) evitar qualquer informação que possa ser usada pelo inimigo se este ler a carta; b) não intranquilizar aqueles que trazem relatos desagradáveis; pelo contrário, é preciso dar-lhes uma impressão mais favorável de seu estado de espírito; c) avançar de três ou quatro dias a data da carta para que pareça mais recente quando a receberem; d) enviar fotos sorridentes e não esquecer de incluir uma boa piada, se for possível.

Com respeito à transferência de pessoas da retaguarda à zona de exército para distrair as tropas e, vice-versa, enviar à retaguarda um herói da frente, sempre é desejável fazê-lo, com a condição de que essas pessoas sejam selecionadas com habilidade. Contudo, na Guerra Civil Espanhola foi preferível organizar emissões pelo rádio da frente e para a frente (na retaguarda) a transferir artistas de uma zona para outra.

A condição mais importante para elevar a moral de toda a nação é dar-lhe uma informação clara e concreta do que está em jogo na guerra e do que está em risco em caso de uma derrota. Essa informação não se pode basear em frases brilhantes nem em afirmações abstratas, mas em fatos sólidos. Cada cidadão, civil ou soldado, deve saber como seria o curso de sua vida se o inimigo ganhasse. Essa informação não deve ser dada por políticos histriônicos nem por funcionários pagos pelo Ministério de Propaganda, mas, se for possível, por personalidades de relevo científico. Quase todos os professores universitários da Espanha republicana se prestaram voluntariamente a essa tarefa, e essa é uma das razões pelas quais agora estão no exílio. Nunca houve na história um contato tão grande entre os melhores cérebros da nação com seu povo e com o exército, como na Guerra Civil Espanhola. Assim conseguiram explicar até aos soldados e civis mais desajeitados o que estava acontecendo no mundo e por que estavam combatendo. Inclusive conseguiram convencer o povo

de que uma morte imediata seria preferível a outra lenta e futura, mais uma eterna ignomínia. Como os cidadãos têm um enorme respeito pelos cientistas e sabem que não lhes mentirão, como estes possuem um grande crédito e valor psicológico, devem ser usados não só de acordo com suas capacidades estritamente técnicas, mas também de acordo com seus poderes humanos de persuasão.

### PERSUASÃO, SUGESTÃO E COERÇÃO

Já foi dito que sempre que o povo *teme* as conseqüências da derrota, *odeia* os líderes inimigos, responsáveis pela guerra, e *ama* as conseqüências da vitória, sua moral é ótima.

Há três meios de dirigir o comportamento humano: apelar para a razão (persuasão), apelar para o sentimento (sugestão) e apelar para o dever (coerção). O primeiro deve ser usado em sua máxima extensão pelos homens mais eminentes da nação e, em primeiro lugar, como foi indicado, pelos universitários e pesquisadores mais capazes. O segundo deverá ser empregado pelos artistas (especialmente os escritores) e pelos sacerdotes. O terceiro ficará a cargo do governo oficial e será regulamentado pela lei e pela polícia.

Os psicoterapeutas afirmam que nem a simples persuasão, nem a sugestão, nem a coerção ou a proibição são suficientemente efetivas para fazer com que um homem resista ao poder de seus impulsos e forças subconscientes. Três escolas psicanalíticas rivais tentaram utilizar uma dessas armas para readaptar os indivíduos psicopatas: os freudianos, que dão ao paciente, de uma forma fria e neutra, a maior quantidade possível de informação; os junguianos, que criam neles o convencimento de que possuem energias novas e ilimitadas (e portanto trabalham predominantemente no terreno da sugestão mítica); e os adlerianos, que enfrentam severamente o paciente e lhe recordam seus deveres sociais, advertindo-o que nunca terá paz e satisfação se não se comportar corretamente. Cada uma dessas escolas tem seus partidários e consegue êxitos e fracassos, segundo o tipo de personalidade sobre o qual atuam. O bom psicoterapeuta sabe como combinar em cada caso a dose apropriada de informação (persuasão), inspiração (sugestão) e exortação (compulsão ou coerção), para chegar aos melhores resultados

O entusiasmo pela luta não é suficiente porque, mesmo quando for desejável, pode ser perdido repentinamente. O *convencimento* é necessário para produzir a fria determinação de continuar a guerra quando já

passou o entusiasmo. Também se requer a *submissão a uma disciplina estrita* que deriva da aceitação do conceito do dever.

Devido à grande difusão das ideologias políticas no mundo, é difícil haver uma pessoa que não tenha sua própria filosofia política e, portanto, que não mereça ser informada e convencida das *razões* da luta. Não falar nesses assuntos é tão ingênuo como não falar dos problemas sexuais com os adolescentes: estes os descobrirão apesar da censura dos pais. Por isso o povo formará sua opinião, mesmo quando os líderes políticos permaneçam em silêncio e se recusem a discutir as questões fundamentais.

A melhor maneira de divulgar a sugestão é racionalizá-la. Os alemães são, sem dúvida, mestres nessa arte; usam com aparente minuciosidade princípios lógicos nos quais envolvem sua propaganda devido a um truque que consiste em partir de premissas falsas e ocultar outras verdadeiras. Esse procedimento é semelhante ao que age nos cérebros paranóicos, e todo mundo sabe como é difícil, às vezes, demonstrar que essas afirmações estão erradas.

Essa classe de propaganda sugestiva deve ser apresentada em forma impressa e com ilustrações. As pessoas acreditam mais facilmente no que vêem escrito do que no que ouvem, e aceitam como fidedignos os dados estatísticos e os gráficos, embora todos saibamos como é fácil deformá-los.

Os cartazes e anúncios bem desenhados também podem ter um tremendo efeito de sugestão. O tom cômico é superior ao trágico. Assim, por exemplo, o inimigo não deve ser pintado como um monstro ou como um animal feroz, já que essa imagem é mais capaz de assustar que de entusiasmar a média dos cidadãos. Pelo contrário, deve ser ridicularizado e menosprezado. Um legenda muito breve, se possível em verso, aumenta seu efeito. Russos e espanhóis usaram essa forma de propaganda sugestiva com grande habilidade. Por isso não é de se estranhar que o primeiro prêmio de um concurso internacional para escolher o melhor cartaz a favor da vitória nas Nações Unidas tenha sido ganho por um artista espanhol, Renau, antigo diretor de belas-artes, em Madrid, atualmente exilado no México.

O efeito estimulante de um cartaz intitulado "Franco nunca será Franco" é um bom exemplo desse tipo de propaganda. O *führer* espanhol aparecia por trás de uma parede, sustentando-se sobre uma plataforma, apenas mantida por soldados alemães, italianos, portugueses e mouros; suas pernas tremiam e sua mão segurava convulsivamente a plataforma enquanto sua cabeça aparecia por cima da parede, gritando: "Viva a Espanha!" A Espanha era representada por um touro agonizando, na parte infe-

rior do cartaz, esmagado por todo o embuste anterior. Enquanto a parede era composta por um conjunto de bispos, generais e banqueiros. O sangue do touro, derramando-se entre o amarelo do trigo e o púrpura do céu, formava a bandeira republicana que surgia, finalmente, flamejando pelos ventos da liberdade e da democracia. Essa composição possuía os caracteres de simbolismo, humor e realismo, que os alemães resumem com o qualificativo de *Anforderungscharakter*, ou seja, valor "incitante". De fato, quem o olhasse se sentiria estimulado para a luta e satisfeito com a visão.

Devemos dizer uma palavra a respeito do terceiro fator: a coerção. Não quero negar sua eficácia, mas desejo fazer constar que é menor que a dos outros dois, embora se possa acreditar o contrário. Se for imprescindível aplicar esse último recurso — por leis e ordens sancionadas com penas severas —, é preferível aplicá-lo pelo menos abertamente em vez de usá-lo de modo clandestino ou secretamente. Assim, por exemplo, os alemães não ocultam o fuzilamento de seus reféns, e graças a isso conseguem governar centenas de milhões de europeus que os odeiam. O governo não deve atuar secretamente, nem tem por que disfarçar suas intenções, como fazem os bandidos profissionais.

Só há um meio de evitar o uso dos freios coercivos: assegurar aos cidadãos a compreensão e a aprovação das razões dos sacrifícios que lhes são pedidos. Isso, por sua vez, se obtém quando os que lhes pedem tais sacrifícios são os primeiros a realizá-los. Assim, por exemplo, tanto as privações como o racionamento devem ser compartilhados não somente pelo povo, mas também pelas autoridades; as únicas exceções serão determinadas não pela hierarquia oficial e social, mas pelo tipo e intensidade do esforço que cada um é chamado a realizar. Durante a guerra da Espanha, qualquer moça que trabalhasse em uma fábrica de munições recebia mais comida que eu, já que necessitava uma ração extra para seus esforços musculares e eu não.

A igualdade e a justiça na exposição ao perigo e ao sofrimento são talvez os fatores mais importantes para manter elevado a moral da população nas mais duras condições de guerra. Esse fato tem sido compreendido pelos melhores guerreiros e líderes da história. Temos de admitir que Hitler também o conhece e extrai dele o máximo de vantagens.

#### AVALIAÇÃO DA MORAL COMBATIVA DE SOLDADOS E CIVIS

Ninguém é considerado vencido até que se convença disso. Enquanto se mantiver ativo o propósito de combater, existe sempre uma

possibilidade, inclusive nas piores condições materiais, de continuar a luta e chegar à vitória. Portanto, a avaliação periódica da vontade combativa, ou moral bélica, nacional é tão importante quanto a realização de uma alta produção bélica. A história nos dá abundantes exemplos para demonstrar que a decadência da moral pode ser relativamente independente do estado de fadiga física e da exposição estratégica do exército em dado momento.

Podemos usar dois meios diferentes para explorar a moral coletiva: a observação e a experimentação. O primeiro pode ser direto ou indireto. O segundo pode consistir em técnicas verbais ou motoras. Minha experiência é favorável ao uso da observação indireta e das provas motrizes coletivas.

Os métodos de exploração da opinião pública durante a paz não servem agora, uma vez que as leis de defesa nacional impedem a manifestação dos sentimentos opostos aos desejados oficialmente. Por isso as entrevistas, questionários e discussões, assim como as provas verbais, podem dar-nos alguma informação sobre o estado intelectual e emocional, mas não nos poderão confirmar uma visão exata da determinação coletiva de continuar a guerra.

Para compensar essas deficiências durante a Guerra Civil Espanhola, experimentei vários meios de observação direta da moral coletiva na população civil e militar. Seguindo a linha de investigações prévias (ver *New directions in testing affectivity, Proceedings of the Ninth International Congress of Psychology*, Yale University), primeiro usei os dados estatísticos como índice: por exemplo, o número de bebidas vendidas, o número de assistentes aos espetáculos públicos, a percentagem em diversos serviços de voluntários, as cifras em campanhas de contribuição conduzidas em áreas urbanas experimentalmente selecionadas etc.

Logo comecei a organizar a pesquisa experimental, e uma de minhas primeiras tentativas consistiu no extravio deliberado de vários cartões de racionamento em que os nomes dos proprietários podiam ser facilmente substituídos. Anúncios nos jornais pediam seu retorno; supunha-se que o número dos não devolvidos estaria na razão direta da queda da moral. A experiência falhou por falta de cooperação dos empregados que controlavam a distribuição de alimentos.

Uma segunda tentativa nesse sentido foi a publicação nos jornais do seguinte anúncio: "Precisa-se de pessoa jovem, de boas maneiras, para cuidar de senhora idosa e acompanhá-la, eventualmente, ao exterior. Pede-se entrar em contato com a caixa postal 1.276". Solicitava-se a todos os aspirantes que mandassem seus dados pessoais; calculava-se que o número

de respostas aumentaria em razão direta do desejo de escapar às sanções da guerra. Quando a experiência estava em seu apogeu, informei-me de que era muito mais fácil obter os mesmos dados investigando a percentagem de desertores do exército, de pedidos de dispensa médica ou de ajuda social. Todos esses dados estavam em diferentes mãos e me pareceu impossível reuni-los; mas não foi assim e resultaram, portanto, excelentes indicadores das variações da moral coletiva em cada momento.

### ÍNDICES DE MORAL

Quando a guerra já estava no terceiro ano, percebi que eu havia descuidado de outro meio de averiguar a moral da população e do exército: a análise dos tópicos espontâneos de conversação e das reações dos ouvintes às chamadas "piadas exploratórias", difundidas pelo rádio. Também a velocidade com que rumores, favoráveis e adversos, fabricados como experiência difundiam-se nas cidades era um bom índice. Resumindo toda a experiência da guerra e do exílio, acho conveniente citar os principais sinais da boa e da má moral de guerra, julgadas pela conduta diante dos acontecimentos.

A boa moral de guerra se evidencia em: a) alta percentagem de alistamentos voluntários para os cargos de perigo em combate; b) contribuição de dinheiro intensa e espontânea em campanhas de coleta popular; c) número expressivo de cartas, projetos, sugestões e invenções oferecidos voluntariamente às instituições oficiais para aumentar a eficiência do exército nacional em sua luta; d) exibição, na retaguarda, de vários tipos de insígnias, bandeiras, retratos e emblemas militares; e) grande venda de músicas, cantigas, romances, discos e recordações patrióticas; f) aclamações e aplausos aos representantes das Forças Armadas ou do Estado, em sua apresentação pessoal ou em sua efígie; g) piadas otimistas e anedotas depreciativas sobre o inimigo; h) ausência de rumores; i) crédito e confiança totais nas notícias oficiais e nas palavras-de-ordem dos dirigentes nacionais; j) planos e projetos para a reconstrução no pós-guerra.

A diminuição ou a mediocridade da moral de guerra podem ser deduzidas dos seguintes indícios: a) aumento das alegações e solicitações legais para furtar-se a riscos e obrigações da guerra; b) aumento da tendência especulativa para assegurar a riqueza individual mediante negócios também legais (monopólios, câmbio de moeda, açambarcamento etc.); c) aumento das discussões sobre objetivos de guerra e estratégia, com críticas à política governamental; d) aumento do número de organizações de ajuda e socorro e de agências que se aproveitam da superstição e das credences mágicas e

individuais; e) indiferença progressiva à literatura de guerra; f) falta de assistência em reuniões, revistas e desfiles das Forças Armadas; g) piadas sobre os próprios defeitos da organização nacional; h) resistência à aceitação de notícias oficiais e fácil difusão de rumores a respeito de perdas bélicas ou desavenças entre os chefes militares e políticos etc.; i) tolerância diante da aparentemente ingênua afirmação de que a guerra é absurda e não pode ser ganha, uma vez que todos perdem com ela (esta é a primeira fase do ataque dos pacifistas e negociadores); j) aparecimento das neuroses de guerra como problema nas forças em combate.

Supondo que a diminuição da moral nacional se acentue cada vez mais, aparecem novos e alarmantes sinais como arautos da derrota. Tais sinais quase sempre se observam inicialmente na retaguarda e daí se infiltram lentamente na zona militar, promovendo o colapso dos combatentes. Podemos resumi-los assim: a) queda contínua da curva de produção, apesar da progressiva severidade das medidas adotadas para aumentá-la; b) aumento injustificado dos preços de alimentos e objetos, visto que os comerciantes não querem trocá-los por moeda e preferem estocá-los; c) desaparecimento total das iniciativas privadas conducentes a ganhar a guerra; d) desinteresse completo por discursos, arengas e cerimônias de propaganda bélica; e) desconfiança e passividade ou resistência a cumprir as últimas disposições oficiais referentes aos diversos aspectos da vida nacional; f) aparecimento de folhetos pacifistas, cartazes escritos à mão (*basta de guerra — queremos a paz* etc.); g) aumento das demissões e renúncias espontâneas daqueles que ocupam cargos de direção, dando lugar a desorganização e paralisação das atividades burocráticas; h) aumento de suicídios e delinqüência; i) aumento do número das neuroses de guerra na retaguarda e das baixas mentais entre oficiais e chefes; j) aumento injustificado do número de prisioneiros perdidos pelas unidades militares; k) aparecimento, nas tropas, de agudas saudades do lar. Esta é uma aflição especial que pode fazer desertar os combatentes que, desejando tornar a ver seus familiares, se escondem na retaguarda à espera do fim da guerra. Mais que uma deserção, essa fuga vem a ser uma reinserção do indivíduo no núcleo familiar, ao qual retorna pela sua regressão ao nível infantil, buscando proteção em vez de dá-la.

### AVALIAÇÃO DA CAPACIDADE COMBATIVA INDIVIDUAL

Quando há uma vontade, nem sempre há um caminho. Mais de um cidadão desejaria ser herói nacional, mas sua ambição fracassa por causa de oportunidade, inteligência ou coragem. O que importa realmen-

te na situação bélica não é tanto o que o indivíduo deseja fazer, mas o que realmente faz; por isso é conveniente ter, em dado momento, um índice objetivo da eficiência combativa individual. Até que ponto essa eficiência se deve a traços constitucionais, ao amor próprio, ao sentido do dever, à ação de um excitante etc. não nos interessa, contanto tal que exista.

Sempre me chamou a atenção a importância que os chefes militares dão à aparência marcial de seus soldados. Insistem uma e outra vez em que estes se movimentem, cumprimentem e marchem ao mesmo tempo de um modo uniforme e quase com precisão automática, como se fossem autômatos. O general Moltke disse a respeito: "Me deixem ver como marcham pela estrada os exércitos e lhes direi qual deles será o vencedor". Para chegar a esse controle muscular, todos os exércitos dedicam um tempo e uma energia consideráveis ao treinamento físico dos recrutas, ensinando-lhes especialmente a "quadrar-se" e "plantar-se" como verdadeiros soldados. Atrevo-me a dizer que a diferença na forma de caminhar e de ficar de pé é a mais importante entre os civis e os militares.

Ao estudar a teoria motriz da consciência e pensando do ponto de vista da psicologia dinâmica (ou "topologia", como Kurt Lewin a chama), convenci-me não só de que existe uma arte da expressão, mas de que pode haver uma ciência da expressão e de que um estudo cuidadoso das posturas e dos gestos de qualquer indivíduo pode ajudar a descobrir suas atitudes mais íntimas, inclusive se tem a intenção de simulá-las ou disfarçá-las. As intenções individuais são, de fato, *in-tensões*, ou seja, tensões internas que ficam gravadas na esfera muscular; por isso se compreende que os chefes militares tratem de obter a mais perfeita distribuição de tensões musculares nos corpos de seus soldados.

Naturalmente, todos os trabalhos realizados na esfera da fisiognomonia, da quirologia e da grafologia, assim como os realizados por pintores e produtores de filmes (especialmente do cinema mudo) se justificam com esse critério; acontece a mesma coisa com a teoria de James-Lange. Inclusive podemos agora compreender o benefício da terapia ocupacional em psiquiatria: a realização de novos movimentos desfaz as formas distorcidas de reação muscular que se haviam fixado e estratificado no indivíduo, criando assim a possibilidade de uma mudança favorável de suas atitudes e critérios.

Pensando assim, resolvi, em 1935, criar algum meio de explorar o esqueleto caracterológico mediante a análise das tensões musculares involuntárias do indivíduo. Naquela época, eu trabalhava com o método da expressão motriz de Luria para controlar a sinceridade da testemunha e usando um monômetro especial como detector de mentiras (descrito

no livro *Psicologia jurídica*). Surpreendeu-me o fato de que a longitude dos movimentos tendia a cair nos indivíduos inibidos e a aumentar nos excitados, independentemente das perguntas e respostas observadas na experiência.

Infelizmente, em julho de 1936 começou a Guerra Civil Espanhola e tive de interromper meus trabalhos nesse ponto até que, em junho de 1937, para selecionar os aspirantes à aviação militar, construí em Barcelona um aparelho ao qual chamei de axiestereômetro, destinado a medir a precisão da percepção quinestética do espaço. Nesse trabalho, obtive resultados surpreendentes, que renovaram minha antiga preocupação e me levaram a descobrir o que chamo de princípio geral da psicomiocinese. Antes de enunciá-lo, descreverei o aparelho e resumirei os resultados iniciais que me proporcionou seu emprego nos aspirantes.

### O AXIESTEREÔMETRO

Esse instrumento (figura 1) consiste num eixo cilíndrico de metal, de uns 60cm de comprimento por 2cm de diâmetro, calibrado em milímetros. Dois anéis, um móvel e outro fixável, passam ao longo do cilindro; o inferior serve para medir a distância limitada pelo superior e permanece à altura em que a pessoa o deixar, independentemente da posição do instrumento. Este pode ser submetido à rotação ou fixado em posição a cada 45° nos cinco planos básicos: horizontal, sagital, vertical, oblíquo direito e oblíquo esquerdo, permitindo assim 40 medidas.

Para chegar a essa mobilidade, o eixo metálico é inserido pela sua extremidade central num duplo corpo múltiplo. O modelo primitivo desse corpo foi objeto de uma melhoria notável pelo professor Calcagno, da Universidade de La Plata, mas seus detalhes de construção não são essenciais para compreender os fatos que destacaremos a seguir.

O indivíduo senta-se num banquinho giratório e põe-se de pé diante do instrumento, cuja altura é graduada para permitir que a extremidade central do eixo axímetro corresponda ao nível do apêndice xifóide. Começa-se por obter as medidas do plano vertical, usando a mão dominante do indivíduo e dando-lhe estas instruções: "Veremos com que precisão você pode medir uma distância neste eixo sem a ajuda da visão. Por favor, segure este anel (inferior) entre seus dedos e movimente-o lentamente, de cima para baixo, três vezes entre o topos, para ter uma impressão da distância que os separa". O examinador ensina o que pede e continua: "Agora vou colocar um quebra-luz e deslocar o anel superior e peça-lhe para movimentar o inferior, tomando-o entre o polegar e o dedo mé-

dio, de modo a repô-lo no nível em que estava o anel superior, isto é, à mesma distância. Essa operação deverá ser repetida três vezes para obtermos a média de seus erros”.

O examinador deverá assegurar-se de que o indivíduo se mantenha numa posição correta durante a experiência, anotar os resultados no gráfico (figura 2) e dirá: “Agora o eixo será colocado em diversas posições. Em cada uma delas, continue fazendo a mesma coisa, isto é, medindo a distância da base do anel superior, deixando o anel móvel no lugar deste”.

Antes de obter as medidas do outro plano ou com outra mão, permite-se ao indivíduo renovar visualmente a impressão da distância do modelo. Depois do plano vertical, mede-se no sagital, depois no horizontal e finalmente nos oblíquos; nestes, as medidas serão tomadas com a mão correspondente a seu hemisfério; ao contrário, quando o eixo rotar sobre o plano sagital, as medidas serão tomadas sucessivamente com ambas as mãos.

Figura 1  
AXIESTEREÔMETRO

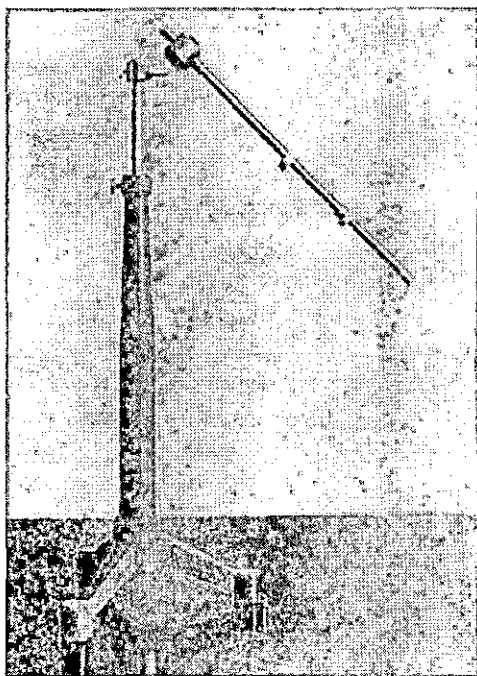
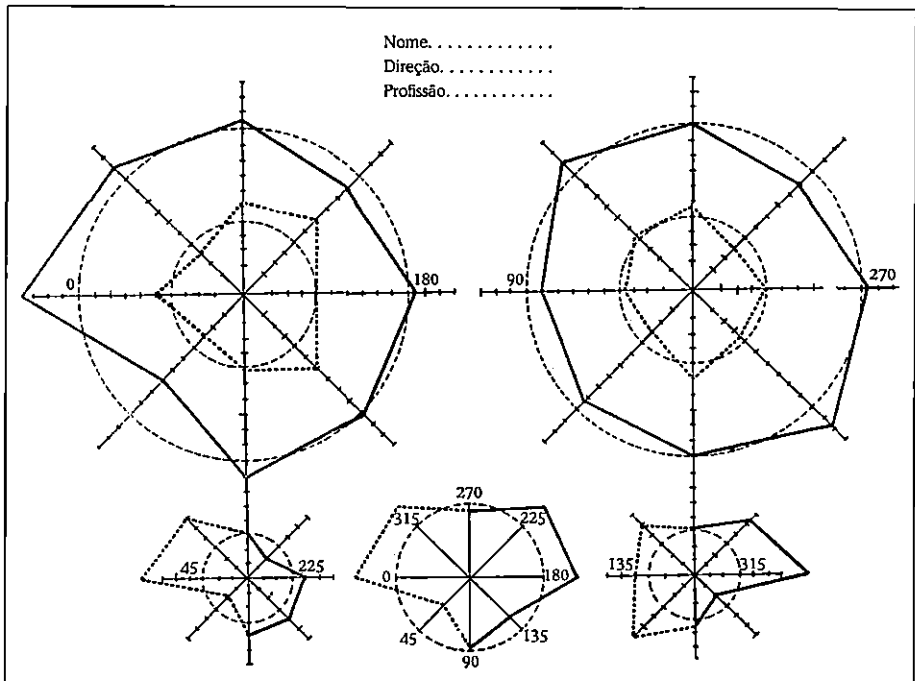


Figura 2  
GRÁFICOS ESTEREOMÉTRICOS (ESTEREOGRAMAS)



Para evitar a fadiga resultante da atenção, faz-se uma pausa de cinco minutos no meio da pesquisa. Se o indivíduo dá mostras de nervosismo, distração ou cansaço, é preferível realizar a prova em duas sessões. O mais importante a lembrar é que se deve evitar o deslocamento do corpo durante a experiência.

### RESULTADOS COM OS AVIADORES

Ao começar a usar, no Instituto Psicotécnico de Barcelona, o axiestereômetro com os aspirantes da aviação militar, era minha intenção correlacionar os resultados dessa prova com os do exame de labirinto. Esperava que o coeficiente fosse alto e supunha, também, que a curva de frequência dos erros no axiestereômetro corresponderia à clássica de Gauss. Mas nenhuma dessas duas expectativas teve fundamento. Cada indivíduo possui um perfil estereoquinético peculiar, e os examinandos que cometiam erros tinham diâmetros muito distantes da média. A figura 2 mostra um desses perfis nos cinco planos (a linha de pontos corresponde à mão esquer-

da), e é fácil observar como são especificamente irregulares, mas constantes, as configurações nos diâmetros horizontal e oblíquo esquerdo e direito. Pensando que essas diferenças na estimação quinética podiam estar relacionadas com um fator caracterológico, comecei a comparar os gráficos dos candidatos que tinham o mesmo tipo de personalidade (segundo as provas de Rorschach, Bernreuter e Jung Rosanoff), cotejando-as depois com as de outros indivíduos de personalidade idêntica, mas anormalmente exagerada. Assim pude observar que alguns traços fundamentais de caráter, que se expressavam no predomínio de uma atitude fundamental de reação, faziam com que os indivíduos realizassem os movimentos com uma facilidade singular, o que assegurava a satisfação dos propósitos implícitos nessa atitude, dificultando, em compensação, os opostos.

Percebi também a maior constância dos resultados obtidos com a mão menos dominada pelo indivíduo. O doutor Werner Wolff trabalhava então em meu instituto, e isso me permitiu relacionar esse fato com sua própria descoberta de que toda a metade esquerda do corpo (com exceção dos canhotos) expressa melhor a vida inconsciente, enquanto a direita tem mais relação com a vida consciente e portanto é mais variável. Quando tratei de explicar com esse critério o significado das formas anormais nos estereogramas, obtive uma correlação quase completa entre essa interpretação e a história clínica psicológica dos indivíduos.

Não é de estranhar que, quando a guerra da Espanha acabou, eu quisesse continuar com essa linha de pesquisa e o fizesse no Hospital Maudsley de Londres, aproveitando a ajuda da Society for Protection of Science and Learning e a gentileza dos professores Charles Myers, Mapother e Aubrey Lewis. Como resultado desses trabalhos, apresentei, em outubro de 1939, uma comunicação preliminar à Royal Society of Medicine, intitulada *A new method of exploring the conative trends of personality: miokinetic psychodiagnosis*. (Esta comunicação foi publicada em *Proceedings of the Society*, seção de psiquiatria, fev. 1940, p. 172-94). Infelizmente, não pude corrigir as provas, pois no intervalo viajei para a Argentina, e com isso as cifras e os gráficos estatísticos contêm alguns erros de datilografia.

Uma vez instalado na Argentina, continuei com a pesquisa, com a ajuda valiosa dos doutores R. Mekgar, C. Coronel e Ortiz González (este último publicou, em 1942, sua tese de doutorado na Universidade do Chile sobre *O psicodiagnóstico miocinético de Mira y López*). Experimentando com mais de mil indivíduos normais e anormais (delinquentes, psicopatas etc.), creio possuir um novo princípio e técnica de pesquisa da eficiência e do equilíbrio mental que serão especialmente úteis para os psiquiatras que irão lidar com um grande número de doentes em condições de emergência, como acontece na guerra.

## O PRINCÍPIO DA PSICOMIOCINESE

Como indicamos nas páginas anteriores, esse princípio estava implícito nos trabalhos de Gall, Darwin, Chevreul, Mosso e nos mais recentes conceitos de Grepieux, Klages, W. Stern, Lewin, Downey, Wolff, Allport, Vernon e E. Strauss. Estes e muitos outros autores insistiram na importância dos movimentos expressivos para conhecer as peculiaridades do temperamento e do caráter individuais (ver, por exemplo, o livro de Allport e Vernon publicado em 1993, *Studies in expressive movement*). Storch propôs o termo *miopsique* para designar o setor funcional do sujeito que dispõe a integração das energias destinadas à execução de seus propósitos fundamentais; por outra parte, segundo Watson, nem o mais simples pensamento pode ser realizado sem a colaboração da esfera muscular. No livro *Sinn der Sinne*, E. Strauss escreve o seguinte: "Podemos dizer seriamente que o movimento está no músculo? É claro que não; também não está nos nervos, nas células ganglionares, nas circunvoluções cerebrais, no feixe piramidal ou em qualquer outro sistema palidal ou cerebeloso. Nem mesmo o achamos nas partes passivamente movimentadas. Que significam, pois, na realidade, expressões como: *um movimento, o movimento e os movimentos*? Com que direito vamos considerar os movimentos como algo meramente mecânico? A contração muscular é um processo intra-orgânico, mas o movimento é uma função das relações entre o indivíduo e seu mundo".

Assim, o princípio geral da psicomiocinese, do qual deriva meu psicodiagnóstico miocinético, torna-se compreensível e pode ser formulado da seguinte maneira:

O espaço psíquico não é neutro; todos os movimentos executados — voluntária e involuntariamente — pelo homem adquirem um significado peculiar, de acordo com a direção com que são realizados. (Por exemplo, em nossa cultura ocidental, o movimento da esquerda para a direita tem um significado progressivo, enquanto o da direita para esquerda parece regressivo.)

Toda atividade mental pode ser considerada como uma sucessão de mudanças posturais: se o equilíbrio mental for alterado, sua distorção deve tornar-se evidente nos movimentos individuais, tanto mais quanto melhor consigamos eliminar as tentativas voluntárias de compensar essa atividade momentaneamente.

Por conseguinte, se pedirmos a um sujeito para executar pequenos movimentos oscilatórios nos planos fundamentais do espaço, sem controle visual, os deslocamentos que se observam indicar-nos-ão o predomínio relativo de suas tensões musculares e, portanto, nos darão uma idéia de suas atitudes predominantes de reação.

### COMENTÁRIO AO TEXTO 3

*Psicodiagnóstico miocinético*. Buenos Aires, Paidós, 1957.

A primeira edição do *Manual do PMK* — do qual foi selecionado o primeiro capítulo — é uma obra madura, exposta em linguagem didática e segura, posto que o teste estava com sua padronização concluída. Aperfeiçoamentos e ajustes futuros não comprometem o valor histórico e documental do texto.

### TEXTO 3: CARACTERIZAÇÃO

Trata-se de uma prova ou reativo mental, de expressão gráfica, que se propõe detectar o que podemos chamar de “forma atitudinal” do indivíduo com ela examinado, ou, se se quiser utilizar um termo mais expressivo, porém menos exato, seu “esqueleto psíquico”, ou seja, suas tendências fundamentais de reação, que constituem suas peculiaridades temperamentais e de caráter.

Storch chamou de “miopsique” o conjunto de dispositivos que asseguram a adaptação psicomotriz (instintiva) ao ambiente. Tais dispositivos permanecem latentes ou invisíveis enquanto a atividade mental flui na zona “conativa” de seu ciclo (isto é, na fase que conduz do desejo à decisão), mas podem, não obstante, evidenciar-se mediante exame do tônus postural. Isso é praticamente o que se propõe realizar o teste miocinético, mediante a execução de diversos tipos de movimentos nos diversos planos do espaço. Sua fundamentação teórica encontra-se na chamada teoria motriz da consciência, de acordo com a qual qualquer intenção ou propósito de reação é acompanhada por uma modificação do tônus postural, que tende a favorecer os movimentos destinados à obtenção do objetivo e inibir os movimentos contrários.

### ANTECEDENTES E FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Por volta de 1828, o marquês de Chevreul reproduziu uma experiência de Gall para demonstrar que bastava pensar um movimento para criá-lo na realidade. Ele dava aos indivíduos um prumo (um pequeno cilindro de chumbo amarrado a uma corda fina) e lhes pedia para imobilizá-lo, mantendo o braço estendido horizontalmente e pressionando a extremidade distal da corda entre o indicador e o polegar. Quando o peso para-

va de balançar, pedia-lhes que fechassem os olhos ou imaginassem qualquer movimento linear, em diversas direções (retilínea, oblíqua, circular etc.), mas ao mesmo tempo esforçando-se por manter imóvel o braço e os dedos para que o prumo permanecesse parado. Pois bem: poucos segundos depois este começava a oscilar, e pela direção e a intensidade de seu percurso se podia inferir o tipo de movimento que o indivíduo estava imaginando.

Algumas décadas depois, virou moda nos salões o jogo que consistia em descobrir um objeto que fora previamente escondido por qualquer circunstante. Este devia segurar pela mão uma outra pessoa, que atuaria como se fosse um médium e trataria de localizá-lo. Quase sempre o jogo acabava com a descoberta do objeto, e a explicação era simples: quem o havia escondido não podia evitar uma contração da mão quando o suposto médium se aproximava do esconderijo e, dessa maneira, guiava e orientava involuntariamente a busca.

No fim do século passado, os estudos fisiognômicos iniciados por Lavater voltaram a aparecer, com melhor sistematização, ao mesmo tempo que se realizavam os primeiros ensaios grafológicos. Aqueles e estes obedeciam ao mesmo princípio: *a substância se manifesta na forma, e a vida se exprime no movimento.*

Já em nosso século, o cinema permitiu demonstrar como é possível acompanhar e compreender o curso dos mais diversos processos discursivos e emocionais de um ser humano na base da simples observação de sua pantomima (referimo-nos sobretudo aos filmes que se tomam sem que o indivíduo perceba que está sendo filmado, durante um interrogatório, por exemplo). Quase simultaneamente, a teoria motriz da consciência, lançada por William James e ampliada por M. F. Washburn, Jacobson e G. Madinier, é aceita por um número crescente de psicólogos, e começam a aparecer testes para estudar as características pessoais por meio de sua expressão motriz. (Para uma exposição clara e precisa da teoria motriz da consciência, pode-se consultar a monografia de Nina Bull, *The attitude theory of emotion*. New York, 1951.)

Harriman, em seu novo *Dicionário Psicológico*, define a teoria motriz da consciência como sendo aquela segundo a qual *a consciência é uma função derivada da atividade muscular mais ou menos implícita.* (No original inglês, se expressa assim: "*Consciousness (awareness) is the result of more or less implicit muscular activity and a psychic (not-physiological) function*".) Por sua vez, Washburn, no livro *Movement and mental imagery*, escreveu: "Todos os casos da chamada imaginação quinestésica são na realidade casos de sensação motriz de excitação periférica, resultado da execu-

ção leve de movimento". E posteriormente acrescentou: "A representação de um movimento não existe independentemente das sensações dele provenientes".

L. V. Max submeteu essa teoria a uma comprovação experimental, obtendo fotografias de correntes de ação na musculatura periférica de pessoas surdas, enquanto dormiam calma e tranqüilamente, quando eram submetidas a um estímulo externo e quando sonhavam. Os resultados obtidos demonstraram que a passagem da vigília ao repouso era acompanhada por uma diminuição progressiva dessas correntes, indicando assim a progressiva diminuição ou inibição da resposta motriz (fato que também foi comprovado nos indivíduos dotados de audição normal).

Em 1930, Jacobson publicou trabalhos nos quais demonstrava a enorme importância das variações do tônus muscular para determinar o curso dos processos intelectivos, afetivos e conativos (voluntários). Eis aqui a tradução de algumas conclusões: "A contração específica dos músculos é não só concomitante a certas atividades mentais, como resulta essencial para sua ocorrência, porque a imaginação de um determinado ato não pode ser obtida se os músculos que o realizariam estiverem totalmente relaxados". "Se ampliarmos 80 vezes as fotos do braço de um indivíduo que pensa tê-lo imóvel, mas que imagina movê-lo, perceberemos que *realmente* o braço apresenta oscilações de uma amplitude que varia de 0,07 a 0,32 milímetros".

Em 1931, Allport e Vernon publicaram seu excelente estudo dos movimentos expressivos, no qual, com uma sólida e ampla base experimental e estatística, demonstram que as experiências ou testes psicomotores são tão constantes e tão válidos em seus resultados como os testes de inteligência. Assinam também nessa obra que é possível empreender o estudo científico do valor expressivo dos gestos gráficos por meio de linhas ou figuras geométricas simples. Afirmam, finalmente, que "existe uma evidente correspondência (congruência seria a tradução literal) entre os movimentos expressivos e as atitudes, traços e valores e demais disposições da personalidade interior".

Em 1931, J. Downey apresentou uma série de provas gráficas psicomotrices que obteve um sucesso extraordinário. Seu livro *Will and temperament tests* e suas idéias foram logo esquecidos, sob o impacto dos chamados testes projetivos, mas autores de grande prestígio como Thurstone e Eisenck opinam que esse esquecimento é injusto. Thurstone escreveu a respeito: "Grande parte dos psicólogos considera provavelmente que o primeiro trabalho de June Downey foi superado e constituía uma pista falsa. Acho que ele teve uma idéia exata ao estudar o temperamento por métodos experi-

mentais em vez de fazê-lo por meio de questionários. Provavelmente seria proveitoso retomar esse rumo, mesmo que não fosse preciso usar só a escrita como recurso de investigação (*Discurso presidencial*. Detroit, Associação Americana de Psicologia, Seção de Avaliação e Medida, 9-9-1947).

Anteriormente, nos chamara a atenção o efeito terapêutico obtido em numerosos casos de neurose mediante a ginástica médica associada a exercícios de relaxamento; também nos surpreendera favoravelmente o êxito da chamada terapêutica ocupacional (que, mediante o movimento muscular, produz uma mudança das atitudes e tensões quinéticas determinadas pelo conflito mórbido). Assim, estávamos preparados para aderir à teoria motriz da consciência e por isso, já em 1933, começamos a usar testes filmicos e testes situacionais na exploração da personalidade, enquanto tratávamos de encontrar algum recurso mais simples para poder estudar suas tensões, por meio da expressão motriz.

Em 1936, construímos um aparelho (que chamamos de "axiestereômetro") para investigar a memória muscular dos aspirantes a piloto da aviação republicana espanhola. Surpreendeu-nos o fato de que os erros que esses candidatos cometiam ao serem submetidos a exame não estavam distribuídos de acordo com a curva de probabilidade normal, mas se acumulavam em determinados pontos, correspondentes a direções determinadas do espaço, de modo que ao serem representados graficamente — em forma de "estereogramas" — davam lugar a figuras ou perfis originais e peculiares de cada indivíduo. Era necessário, portanto, admitir a existência de um fator responsável pelo desvio sistemático dos erros pessoais em determinadas direções e vetores (o que equivale dizer que os indivíduos tendiam a subestimar o movimento realizado em determinadas direções e a superestimar o executado em outras). Este fator, por exclusão analítica, foi identificado como sendo a diferença do tônus postural preexistente nos diversos grupos musculares que eram postos a trabalhar durante a prova. Isto é, a atitude muscular (fórmula das tensões posturais) com que cada indivíduo enfrentava a prova interferia com seu desejo de exatidão e o levava ao erro, quando pensava estar executando movimentos da mesma amplitude.

Não foi difícil, porém, obter correlações altamente significativas entre o tipo de caráter de cada indivíduo e o tipo de seus estereogramas (ou seja, entre suas atitudes dominantes de reação e a modalidade de seus erros no teste axiestereométrico). Dessa maneira, conhecendo as atitudes mentais básicas, podíamos predizer o sentido dos desvios a serem observados no teste e vice-versa.

Em 1939, elaboramos no Maudsley Hospital, de Londres, um plano de pesquisa que fora aprovado previamente pelo professor Henri Piéron: tratava-se de ver se os desvios sistemáticos que havíamos constatado na apreciação quinestética do espaço, em relação aos diversos tipos de caráter, podiam ser confirmados em grupos de doentes mentais que, sofrendo síndromes psiquiátricas bem delimitadas, pudessem oferecer, de modo exagerado e indiscutível, os traços atitudinais que havíamos observado na prova em relação com os diversos tipos de desvio (agressividade ou auto-agressividade, depressão ou elação, extroversão ou autismo etc.). Ao mesmo tempo, tentávamos obter uma técnica que permitisse prescindir do uso do axiestereômetro e que fosse compatível com o comportamento dos doentes mentais, sempre desconfiados diante de qualquer situação experimental.

Foi assim que se desenvolveu o teste miocinético, cuja primeira apresentação — teórica e prática — foi feita na Royal Society of Medicine de Londres, em outubro de 1939, tendo sido publicada em seus *Proceedings* de fevereiro de 1940. Eis o que comunicamos na ocasião, como síntese de nosso trabalho:

As *intenções* individuais, ou seja, os propósitos, estão acompanhados de *in-tensões*, ou seja, de tensões musculares. Os grupos de músculos que devem realizar fundamentalmente os atos projetados se hipertensionam, ou seja, se preparam de antemão para sua contração com o conseguinte aumento de seu tônus, enquanto os antagonísticos, ou seja, aqueles cuja ação se oporia à realização intencional, relaxam, se distendem e diminuem consequentemente seu tônus.

Se se desejar que um indivíduo se sinta com boa disposição para uma ação agressiva ou combativa, será necessário induzi-lo a tomar uma atitude ou postura capaz de favorecer a execução dos movimentos desse tipo, e eis a razão pela qual, em todas as épocas e culturas, os chefes militares insistiram tanto em obter de seus soldados a "postura marcial", em que existe um aumento do tônus postural dos músculos extensores.

Uma razão análoga serve de explicação para os êxitos da fisiognomonia, da quirologia e da grafologia, assim como constitui a base da arte expressionista e, sobretudo, do cinema mudo e da pantomima. A teoria de James-Langue não é, pois, tão disparatada como parece à primeira vista. Por um lado, como já foi indicado, o êxito das terapias ocupacionais e convulsivas poderia ser explicado porque nas primeiras a execução de novos movimentos destrói as pautas ou clichês já estratificados e rígidos que, por assim dizer, plasmam e tornam crônico o conflito mental. Por outro lado, a chamada síndrome de Fenichel (cansaço, astenia alternada com manifestações espasmódicas, algias musculares etc.), demonstra a coexistência perfeita dos sintomas de situação conflitiva no plano mental e no plano fisiomotor.

### O PRINCÍPIO DA MIOCINESE

O espaço psicológico não é neutro. Nele, todo movimento adquire, além do efeito mecânico, uma significação particular, de acordo com sua direção vetorial; por exemplo, na cultura ocidental, os movimentos da esquerda para a direita, de baixo para cima ou de dentro para fora (com respeito ao corpo de quem os executa) adquirem uma tonalidade "progressiva", enquanto os efetuados nas respectivas direções inversas parecem ter um significado regressivo. Por outro lado, qualquer atividade mental considerada de um ponto de vista objetivo é uma sucessão de atos que se desenvolvem sobre plataformas de atitudes previamente formadas; assim, cada mudança de comportamento implica também uma mudança das tensões musculares e altera sua fórmula de equilíbrio. Portanto, *o desequilíbrio psíquico e o desequilíbrio miocinético são dois aspectos extremos de um mesmo processo individual* e, por conseguinte, é possível fazer interferências recíprocas a partir de qualquer um deles. *As perturbações das tensões psíquicas se manifestam no domínio dos movimentos musculares*, podendo tornar-se evidentes sempre que se consiga eliminar a ação corretora — momentânea e voluntária — do indivíduo.

### O PRINCÍPIO TÉCNICO DO PMK

Provém do precedente e pode ser formulado assim: "Se induzirmos um indivíduo a executar pequenos movimentos oscilantes nas direções fundamentais do espaço, sem permitir-lhe controlar pelo olhar a extensão e a direção, observar-se-ão desvios sistemáticos em tais movimentos, com relação ao grupo muscular predominante. Esse grupo, por sua vez, nos indicará o propósito de ação dominante no indivíduo, no plano do espaço considerado". Se o indivíduo tiver uma atitude dominante de fuga ou recuo, terá hipertensionado os músculos que asseguram a obtenção desse propósito e, assim sendo, tais músculos (flexores ou adutores) o obrigarão a desviar-se no momento em que forem postos em jogo alternativo com seus opostos (que asseguram o ataque e a expansão).

### O PRINCÍPIO DA DISSOCIAÇÃO MIOCINÉTICA

Este princípio provém, principalmente, das observações de Werner Wolff sobre a expressão facial, os gestos e os movimentos comparados das duas metades corporais. Vários autores confirmaram que cada um de

nós tem uma metade corporal *dominante* (geralmente é a direita, que corresponde ao hemisfério cerebral esquerdo, no qual também se encontram os principais centros da linguagem oral). *Essa metade dominante* (direita nos destros e esquerda nos canhotos) *é a mais evoluída mas também a mais instável*, precisamente por ser a mais diretamente submetida às flutuações tensionais da consciência individual. Ao contrário, a metade dominada, submissa, esquecida e apenas evoluída, permanece quase igual desde a infância até a velhice.

As expressões motrizes do lado ou metade dominante manifestam as atitudes e propósitos de atuação e de caráter, enquanto as do lado dominado expressam perfeitamente os propósitos e atitudes instintivos, temperamentais, subconscientes e até certo ponto permanentes, mas *latentes* no indivíduo (W. Wolff propôs, por isso, qualificar de "inconsciente" a hemiface menos variável).

Assim se explica que os traçados correspondentes às crianças, aos débeis mentais e aos selvagens tendam a ser mais simétricos (em espelho) que os obtidos em adultos intelectuais e cultos.

### CONFIRMAÇÕES RECENTES DA TEORIA MOTRIZ DA CONSCIÊNCIA

Já assinalamos que, além dos autores clássicos, Nina Bull e Eisenck se ocuparam recentemente, com trabalhos experimentais, da teoria motriz. O segundo desses autores descreve (*Dimensions of personality*, p. 196): "Existe uma evidência experimental indiscutível, que confirma a associação existente entre a idéia ou imagem de um movimento e sua execução em escala mínima". É o que se chama tendência ideomotriz, variável segundo os indivíduos: em alguns casos essa tendência é tão forte que os movimentos são detectáveis à simples vista, enquanto em outros casos é preciso dispor de um dispositivo amplificador para torná-los evidentes.

Em seu livro sobre a psicologia do pensamento (*Psychology of thinking*, McGraw-Hill, 1952, p. 358), o professor W. E. Vinacke conclui: "Por outro lado, uma base experimental substancial e uma interpretação coerente confirmam a *teoria motriz* (do pensamento). Esta une os processos mentais a atividades somáticas implícitas, servindo o cérebro como meio centro seletor e integrador. Séries de movimentos musculares mínimos (estriados e lisos), contrações e impulsos quinestésicos organizados no sistema nervoso central são considerados como a base do pensamento.

#### COMENTÁRIO AO TEXTO 4:

*Manual de orientación profesional.* Buenos Aires. Kapelusz, 1952 (1ª edição, 1947). Trata-se de uma das referências mais elaboradas de Mira y López. Não importa se os psicólogos, hoje, têm outros interesses e privilegiam outros caminhos. O pequeno texto selecionado expressa o pensamento que fundamentou, teoricamente, a prática que, sob sua direção, se difundiu no ISOP no tocante ao estudo da inteligência.

#### TEXTO 4: IMPORTÂNCIA DA CLASSIFICAÇÃO TRIPARTITE DOS RENDIMENTOS INTELECTUAIS

Ao analisar as bases para classificar os trabalhos profissionais, com vistas à orientação no que lhes diz respeito, segundo as aptidões que implicavam, já assinalamos a conveniência de distinguir no complexo estrutural da inteligência três setores que, mesmo guardando entre si certa relação, se apresentam coerentemente integrados em sua individualidade funcional e condicionam o rendimento básico do indivíduo no trabalho. Esses setores se expressam estatisticamente em três fatores, diversamente designados pelos psicoestadígrafos, mas que nós chamamos de inteligência *espacial*, inteligência *verbal* e inteligência *abstrata*.

Com o primeiro qualificativo — *inteligência espacial* — designamos o conjunto de aptidões (não só cognitivas e intelectuais, como sensoriais e motrizes) que se integram para permitir que o indivíduo resolva, com menor ou maior facilidade, problemas que exigem o estabelecimento de relações de sentido entre diversos dados físicos, ou mudanças de posição de corpos. O material com que o indivíduo trabalha nos problemas espaciais é, geralmente, visível durante sua tarefa; mas também pode ser perceptível somente através da sensibilidade cutânea e quinestética, ou, inclusive, ter de ser evocado imaginativamente. Mas trata-se, em todo caso, de algo corpóreo, que se pode representar graficamente, e a solução há de consistir em dar a esse algo outra disposição, outra forma ou outra textura, igualmente representadas graficamente. A característica, pois, dos problemas ou situações e trabalhos que demandam uma boa inteligência espacial é sua *concreção*.

Esta é requerida em certo grau por todos os trabalhos manuais; mas é também indispensável em trabalhos predominantemente mentais, de

tipo técnico-industrial e científico, embora nestes geralmente se requeira sua combinação com as funções de abstração (cálculo matemático), constituindo um complexo funcional um tanto difícil de analisar. Se for considerada isoladamente, a inteligência espacial nos surge integrada, ao menos, por quatro aptidões fundamentais: a) capacidade de observação e *rápida integração diferencial de configurações visuais* (por sua vez, esta supõe uma boa *percepção de formas*, tamanhos, distâncias e uma boa *compreensão* de inter-relações mecânicas no campo visual em causa); b) capacidade de evocação e reprodução fiel das imagens correspondentes (*memória e juízo da realidade visual*); c) capacidade de inversão, transmutação e combinação, com referência a pautas previamente estabelecidas, de complexos dados visuais (*imaginação espacial*); d) capacidade de *transplante optoquinético* e *quinetovisual* (correlação entre os esquemas visuais e os movimentos, e vice-versa), que se conhece comumente pelo nome de *coordenação visuomotriz*.

A *inteligência verbal* é, com relação às palavras, o que a espacial é com respeito a formas e movimentos, isto é, a capacidade de elaborar com elas pautas reacionais, que sirvam para o ajuste interpessoal e para a melhor e mais adequada expressão dos estados e pensamentos pessoais.

Também é possível distinguir, no complexo de aptidões que integra o valor da inteligência verbal, alguns fatores suscetíveis de um estudo isolado. De fato, por um lado temos o que poderíamos chamar de "capital verbal" (vocabulário) do indivíduo. Por outro, o grau de perfeição sintática de sua construção gramatical. Por outro, ainda, o que poderíamos chamar de "gosto" ou "sensibilidade" de tipo *literário*, ou seja, a eficiência para dar às frases um torneio que não seja somente correto, mas agradável ou compreensível. Finalmente, podemos incluir também — mas de forma marginal — no âmbito da inteligência verbal o conjunto das *aptidões pantomímicas*, que garantem todo o acompanhamento habitual da fala: gestos, entonação, tiques e expressões faciais. Em suma, o *efeito* de toda tarefa de verbalização é função de todos esses componentes, e por isso se disse que "ter o dom de falar bem é possuir a mais difícil das artes" (Goethe).

Podemos dizer que a *inteligência verbal* é uma forte condicionante da sociabilidade e fundamental para os trabalhos que exijam contato com pessoas, tanto de comando como de ajuda ou transmissão de dados e ordens.

Quanto à *inteligência abstrata*, já a definimos como a capacidade de estabelecer abstrações e de criar (ou compreender) relações de sentido entre as mesmas; o material com que essa função opera pode ser verbal, gráfico, sensorial, imaginativo ou motor, indistintamente. O essencial é que mediante a mesma se *sintetiza e hierarquiza o pensamento*, e se orde-

na, avalia e universaliza o conhecimento. É a inteligência abstrata que permite adotar o *critério* — plano de ação judicativa e organizadora — diante de qualquer complexo de dados psíquicos. Seria incorreto pensar que essa função se apóia exclusivamente na lógica, pois tem muito de intuitiva e mesmo, se se quiser, de automática.

É importante lembrar que pode e deve ser explorada isoladamente, embora seu rendimento esteja relacionado com o dos outros aspectos da atividade inteligente. (A correlação obtida com as baterias de provas usadas em nossa pesquisa dos "normotipos" de estudantes adolescentes de Montevideú, que descreveremos a seguir, foi: entre inteligência abstrata e inteligência espacial, 63,5; entre inteligência abstrata e inteligência verbal, 47,5, em 600 casos.)

É óbvio lembrar que a inteligência abstrata condiciona a orientação profissional em todos os trabalhos de criação científica, de especulação filosófica, de elaboração teórica e, também, de compreensão matemática, psicológica, econômica etc.

### COMENTÁRIOS AOS TEXTOS 5, 6 E 7:

*Temas atuais de psicologia*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1969. Ao falecer, em 1964, Mira y López deixou prontos os originais de *Temas actuales de psicologia aplicada*. Por vários títulos, tem cabimento considerar o ensaio como uma síntese de seu pensamento na maturidade. A obra versa sobre as implicações psicológicas da educação, da filosofia, da medicina, da política, da sociologia e da tecnologia. Os três pequenos textos selecionados têm em comum "variações" sobre o medo — um dos "quatro gigantes da alma".

### TEXTO 5: O MEDO DA MORTE

Recentemente, foi publicado, pela Associação Internacional de Psicologia Científica, um volume contendo três estudos sobre a psicologia da morte — *Perspektiven der Personlichkeitsforschung* (Perspectivas da investigação da personalidade) —, realizados sob forma experimental por Irving

Alexander, com a colaboração de Arthur Adlerstein. Já era tempo de os psicólogos vencerem o tabu da morte e se apressar a estudar sua psicologia com a mesma naturalidade e despreendimento usados por Freud em relação ao tabu sexual. Por isso julgamos de interesse resumir para nossos leitores essa contribuição recém-aparecida, fazendo em seguida algumas anotações e comentários acerca de suas conclusões provisórias.

Os testes foram realizados por Alexander e Adlerstein, sendo aplicados a 31 jovens estudantes universitários de Princeton, 108 crianças e jovens (de cinco a 16 anos) que veraneavam num acampamento de férias e, finalmente, a um grupo de 25 estudantes "muito religiosos" e outro de 25 "não-religiosos", que foram cuidadosamente escolhidos entre 315 alunos da própria Universidade de Princeton. Nos três testes experimentais utilizou-se a conhecida técnica associativa de C. Jung, combinada ao registro da reação psicogalvânica. Os autores modificaram convenientemente os estímulos, de modo que no primeiro teste os 31 estudantes foram submetidos ao impacto de palavras mais ou menos neutras, umas referentes ao sexo (amor, beijo etc.), outras relacionadas com o trabalho escolar (lição, aluno, exame etc.) e outras referentes à morte (fim, morte, sepulcro etc.). É óbvio que não se disse a esses alunos o motivo real da experiência, comunicando-lhes, por outro lado, que se queria testar a sensibilidade de um aparelho que media as reações cutâneas do indivíduo durante os estudos. Os resultados foram altamente significativos e não deixaram lugar a dúvidas de que as palavras ligadas ao fenômeno da morte foram as que maior impacto emocional causaram no grupo.

No segundo teste, feito com crianças e jovens, modificaram-se algumas palavras e introduziram-se outras (mamãe, papai etc.), conservando-se no entanto a mesma estrutura e proporção nos estímulos. Os 108 alunos foram divididos em três grupos de idade (de cinco a oito anos, de nove a 12 e de 13 a 16 anos). A surpresa foi que o grupo de nove a 12 anos não pareceu, como os demais, impressionado diante das palavras relacionadas com a morte. Mas como é sabido, essa fase da infância foi chamada por Freud de fase da "latência", na qual os conflitos e os problemas derivados do impulso sexual parecem ter desaparecido da consciência, vivendo então o indivíduo num ambiente de íntima tranquilidade emocional.

A terceira experiência, comparativa da reação diante da morte (evocada pelas palavras estimulantes) em dois grupos, um religioso e outro ateu, levou à mesma conclusão de que não existiam diferenças significativas entre ambos, ou seja, que a existência de sentimentos religiosos não imuniza o sujeito contra o medo da morte. Esse ponto, de certa for-

ma, é bastante claro, e, se esses sentimentos se enquadram no credo cristão, o indivíduo não somente há de temer a morte por si mesma, mas também, como um júri de sua vida na Terra, segundo o qual terá que enfrentar então o purgatório, o inferno ou o céu.

Mas o que há de importante nesse relato é a unanimidade com que os jovens — que aparentemente são considerados despreocupados e cheios de ardor — se angustiam não tanto diante do perigo mortal imediato, mas diante de sua mera evocação através das palavras com ele relacionadas.

Podemos facilmente imaginar quais seriam os resultados se se houvesse aplicado tais testes em pessoas enfermas, débeis ou de idade avançada, pois nelas a perspectiva de sua morte é muito mais intensa que em crianças ou jovens sadios. Isso mostra que, com exceção do limitado grupo de nove a 12 anos, todo ser humano, desde que adquira consciência de sua finitude existencial, a teme e reprime, motivo pelo qual não pode deixar de se impressionar quando alguém, bruscamente, o faz recordar-se dela.

Duas incógnitas se apresentam diante dos resultados desses estudos: a) a que deve esse temor tão intenso e generalizado de um acontecimento que, afinal de contas, representa para todos um repouso completo e permanente? b) por que razão não sentem os pré-adolescentes esse mesmo temor?

A primeira incógnita acreditamos basear-se tanto na literatura e no folclore quanto na tradição e numa infinidade de crenças mágico-religiosas que associam a imagem da morte com a total imobilidade e impotência, mas não com a total ausência de consciência. Dessa maneira se introduz no subconsciente de todos nós a idéia de que a morte nos *paralisa*, mas não nos *faz repousar*, ou seja, nos entrega inertes para o desconhecido. Daí nossa angústia diante dela.

A segunda incógnita já é bem mais difícil de ser resolvida, e sem dúvida será preciso fazer novos testes para comprovar se as hipóteses que foram inicialmente formuladas a seu respeito são válidas ou não. Uma primeira e sedutora explicação consistiria em admitir que a criança pré-adolescente encontra-se mais imune a qualquer tipo de emoção justamente porque, como criança, já conseguiu dominar suficientemente seus problemas e por outro lado não descobriu ainda os que a preocuparão em sua próxima fase de evolução. Viveria assim, nesses três anos, uma paz afetiva semelhante à grande calma ambiental que precede as grandes tempestades.

Outra explicação seria a freudiana: não tendo pensamentos incestuosos nessa fase, a criança não tem medo de ser punida pelo trágico destino, supondo então que a morte vem para os outros, sem se angustiar com sua imagem.

Cabe, no entanto, uma terceira explicação: de acordo com nossa experiência, a criança de nove a 12 anos está em pleno domínio do pensamento que poderíamos denominar de realista e oportunista, mostrando uma escassa emotividade geral e impressionando-se muito menos que antes e depois dessa idade, pois também a inibição cortical alcançou nela o máximo de eficiência. Em tal situação, poderíamos afirmar que *nem a morte é capaz de suscitar nessa criança madura — como criança — uma reação tal que se acuse na agulha do galvanômetro.*

Deixemos, entretanto, de especular e limitemo-nos a esta prosaica e melancólica conclusão: o que mais tememos é, precisamente, o que menos conhecemos e sobre o que menos queremos pensar. Assim iniciamos o círculo vicioso, pois o temor reforça a ignorância, e esta, o temor.

Somente vencendo o tabu, difundindo a tanatologia e estimulando as conversações, informações e meditações acerca de tão grave problema de "nossa" morte poderemos vencer o que chamaremos de *angústia básica*, que tinge toda nossa vida de insegurança e de auto-engano.

## TEXTO 6: O MEDO DA REALIDADE

Acabamos de nos ocupar do medo da morte, manifestando a necessidade de estudá-lo a fim de que então possamos enfrentá-lo com êxito. Agora comentaremos outro dos medos que esperam ainda uma séria investigação: o medo da realidade, isto é, o temor diante dos acontecimentos tal como se apresentam na sua "prístina" e radical objetividade. Parece ter-se dado ao homem o triste privilégio de perceber mais do que resistir, de saber mais do que pode tolerar, de conhecer mais do que pode aceitar. Se de um lado se proclama nas escolas e na vida social a *necessidade* de que a verdade sempre triunfe, de outro se procura ocultar sua face verdadeira. Se de um lado se afirma que o "saber não ocupa lugar", de outro se proscree e até mesmo se castiga a curiosidade de alguém querer saber "demais da conta". Não só a Igreja proíbe determinadas leituras como uma infinidade de governos persegue a difusão de um considerável conjunto de conhecimentos e informações. Cria-se, assim, na maioria das pessoas uma cosmovisão parcial — e portanto insuficiente — da realidade, fomentando-se o chamado *medo do desconhecido*.

Mas como a natureza humana tem sempre uma tendência instintiva à compensação de seus próprios desequilíbrios (o que se chama de *homeostase*), trata logo de contrabalançar esse temor com seu desejo oposto, ou seja, no afã de se iludir, construiu uma realidade *ficícia*, que vem substituir aquela que não se deixa conhecer ou que não se atreve a descobrir. E como dizem que "nada existe de mais atrevido que a ignorância", uma vez solta a imaginação ("a louca da casa" como é chamada vulgarmente), esta não se limita só à compensação, mas tece fantasticamente uma série de idéias e crenças totalmente errôneas — mas que se dispõe a aceitar e difundir com maior paixão ainda (por serem suas) do que haveria feito com as correspondentes à realidade que não pôde, não soube ou não quis conhecer.

Freud procurou explicar essa "formação reativa" e esse "auto-engano" como sendo um elemento não somente compensador, mas defensivo contra a angústia que no *eu* individual determinaria uma oposição de conflitos entre as tendências instintivas naturais do *ser* e as obrigações a ele impostas pelo grupo social em que convive e do qual é membro. De acordo com ele, tudo quanto a "opinião pública" julgue censurável, imoral ou perverso seria censurado e reprimido, passando a integrar o material inconsciente do psiquismo. Dessa forma, o indivíduo *saberia sem saber que sabe* a verdade dos fatos, isto é, a realidade, preferindo convencer-se e fazer ver que sabe o que não sabe. Mas como o que chama a atenção é o fato de que o indivíduo não só torna falsa e deliberadamente ignora a realidade que possa angustiá-lo ou molestá-lo, mas também *aquela que lhe seria indiferente ou inclusive útil de conhecer*. Como explicar isso?

Não temos a pretensão de fazê-lo de modo satisfatório, mas numa tentativa de melhor explicação, recorramos a um exemplo muito comum: quando uma pessoa sente que a saúde não vai bem e procura um médico, este poderá pedir-lhe uma série de exames de laboratório — pois bem, essa pessoa aceita racionalmente fazê-los, mas os teme de todo coração e de tal maneira que freqüentemente cria pretextos que tardam a execução de tais exames. A razão é óbvia. Não são os exames que atormentam tal paciente, mas o *resultado que deles poderá advir*. Pois bem, essa pessoa sabe que não é pelo simples fato de deixar de fazer tais exames que se livrará da doença que possa *realmente* ter e que, não sendo diagnosticada, terá provavelmente pior conseqüência do que se descoberta e tratada a tempo.

O mesmo acontece com a maioria dos seres humanos nos mais diversos aspectos da vida: seguem a política do avestruz e o errôneo ditado de que "o que os olhos não vêem o coração não sente". Mas o pior é

que não confessam essa conduta e, para justificá-la e autojustificar-se, afirmam que "já viram tudo" — e do modo que mais lhes convém.

De todas as realidades, a que mais nos custa aceitar é a nossa. Nosso próprio modo de pensar, sentir e agir. Por isso é no campo autog-nóstico, que maiores distâncias nos separam da chamada verdade objetiva e fatídica. Quando criticamos os retratos dos passaportes e documentos de identidade, afirmando que são "ruins", pois neles geralmente aparecemos com cara de delinqüentes ou algo pior, estamos mentindo e fazendo esforço para ignorar que esses retratos sem retoques são os únicos que reproduzem fielmente a aparência que realmente temos. A verdade é quase sempre "amarga", e por isso tratamos de adoçá-la com a sacarina da ilusão — criando, ao fazê-lo, um novo problema: se todos aceitassem ou concordassem em aceitar tal ilusão, ninguém conseguiria fazê-lo criando sua mentira individual. Daí o triste paradoxo de que, quanto mais falamos, menos se entendem os homens de nosso mundo moderno. Não será somente com acordos sobre o desarmamento que se criarão as condições de uma paz mundial, mas com o ato heróico e individual de cada um de querer ser mais sincero, mais amigo da verdade — e desejar descobri-la e aceitá-la onde quer que se encontre, não a temendo, pois os *factos a obedecem*. Do ponto de vista prático, são idênticos o medo da realidade e o medo da verdade; ambos são contraproducentes e sobre eles se debruçam os aproveitadores, os sem caráter, os "vivos", que ainda continuam a se beneficiar desse privilégio, facilitando aos "sonsos" ou incautos toda sorte de ópios mentais (promessas, enganos etc.), para manter um *modus vivendi* que os favorece plenamente, a expensas do sofrimento, da fome, da ignorância e da miséria de dois terços da população mundial.

### TEXTO 7: DA NECESSIDADE E DO MEDO DE SABER

Um dos mais preclaros e fecundos psicólogos atuais, o professor H. Maslow, enviou-nos recentemente um de seus interessantes trabalhos, cujo título é mais ou menos o que encabeça este artigo. Na realidade, a língua inglesa permite uma exatidão maior, neste caso, que a portuguesa, e por isso, sem dúvida, acharão que minha tradução não é equiparável ao enunciado original: *The need to know and the fear of knowing*, mas espero conseguir superar esse hiato com a seguinte explicação, comentada, do trabalho em questão.

Afirma o professor Maslow que já em 1932 teve sua atenção despertada para o fato de que os macacos que eram utilizados nas experiências de psicologia animal esforçavam-se para resolver problemas que os

pesquisadores lhes apresentavam por alguma outra razão que não apenas o escasso prêmio em comida que recebiam ao final. Inclusive, às vezes, depois de terem trabalhado durante horas para solucionar a situação apresentada, alguns daqueles chimpanzés desprezavam a comida que então lhes era oferecida. Poder-se-ia pois afirmar que não era a obtenção desta um motivo suficiente para explicar o afã com que se lançavam à descoberta dos truques que os experimentadores lhes preparavam. Em suma, Maslow confirmou que também nos animais se cumpre o provérbio segundo o qual "a caça vale mais que a lebre", ou seja, que o prazer de descobrir vale mais que a descoberta.

Anos mais tarde — continua explicando Maslow — comprovou que homens e mulheres experimentam uma curiosidade crescente ante o ignorado, o oculto e o misterioso, sendo essa curiosidade proporcional ao grau de improbabilidade lógica que pode, *a priori*, ser atribuída ao fenómeno ou ao conteúdo ignoto. Por isso, já em 1943 lançou o conceito das "necessidades conotativas" (motivantes da curiosidade vulgar) como sendo tão intensas nos seres humanos que mereciam ser equiparadas às demais necessidades vitais primárias, já então catalogadas.

Paralelamente ao destaque do impulso ou tendência para o saber, convenceu-se Maslow de que existia também um medo ou temor das conseqüências de seu influxo. Assim como na história bíblica Adão e Eva foram castigados por sucumbir à curiosidade, são milhões os "adãos" e "evas" atuais que preferem um auto-engano a uma verdade objetiva. Qual seria a origem desse medo de enfrentar a verdade, isto é, o real saber? Segundo o autor que estamos comentando, são várias as origens de tal medo: uma delas encontra-se na identificação inconsciente entre os termos "oculto" e "pecaminoso". Para muitos povos primitivos — inclusive para alguns que não o eram —, o "saber" se confunde com "perder a inocência" (tal como ocorre também no ato simbólico de comer a maçã: esta era fruto da árvore do saber, as ao mesmo tempo representava um fruto "proibido", pois quem o provasse conheceria o mistério sexual e cometeria, por conseguinte, o chamado "pecado original", de acordo com a mais pura tradição bíblica). Outra raiz do medo da verdade reside no fato de que todo conhecimento novo implica a necessidade de um reajuste de atitude, isto é, uma revisão de conceitos e normas de conduta, ou então leva a quem o possui a uma frustração, pois dissocia seu saber e seu fazer, tornando-o, em parte, traidor de si mesmo.

O medo da "responsabilidade" é também outro freio ao impulso de saber e, em parte, se confunde com o medo da "liberdade", que tão magistralmente estudou Eric Fromm em seu primeiro e melhor livro. Sem

dúvida, quem ignora algo não pode ser considerado moralmente responsável por não levá-lo em conta, embora os juristas afirmem que a ignorância das leis não exime de seu cumprimento, pois partem do falso apriorismo de que é obrigação de todos os habitantes de um país conhecê-las.

Maslow considera necessário que educadores, sociólogos e psicólogos ajudem o ser humano a vencer esse temor de conhecer, de sorte que, assim, possa satisfazer seu inato desejo de vencer a ignorância e assumir uma posição mais aberta, flexível e eficiente ante a realidade de seu ambiente. Não há dúvida de que essa sugestão é boa, mas não será suficiente se não indicar os meios de realizá-la. O principal obstáculo a ser vencido está radicado no próprio medo que esses educadores, sociólogos e psicólogos têm dessa verdade que precisariam ensinar. É claro que estão capacitados a conhecê-la, *mas assustam-nos as conseqüências de sua explícita admissão*. Bem se diz que não há pior cego que aquele que não quer ver, nem pior surdo que aquele que não quer ouvir. Nesse caso, boa parte dos profissionais conclamados por Maslow são cegos e surdos voluntariamente, pois se por sua maior cultura e nível intelectual estão aptos a descobrir as grandes verdades biosociais, por sua menor coragem e generosidade encontram-se inabilitados a difundi-las e, desse modo, preferem equilibrar-se na corda bamba das chamadas "verdades convencionais", que não os comprometem perante aqueles que lhes asseguram o sustento.

Obviamente, não falta quem possua o desprendimento necessário para "pregar com o exemplo", e esses poucos mas admiráveis profissionais expõem-se a arrostar as iras daqueles a quem não convém que todos conheçam as grandes verdades do atual ciclo histórico-social da humanidade.

Eles merecem nossa admiração, mas o restante tampouco pode ser severamente censurado por "nadar entre duas águas", pois a vocação heróica é raramente observada em nossos meios culturais. Já o próprio Freud assinalou que o *eu* é profundamente egoísta e acomodaticio, daí porque os chamados intelectuais (os "crânios", como dizem os brasileiros, os *egg-men*, como os designam os norte-americanos) hão de ser ainda mais temerosos que o resto dos mortais e hão de procurar por todos os meios ao seu alcance ignorar esse apelo que lhes dirige no final de seu trabalho — inédito, pois será publicado somente no *Journal of General Psychology* — um dos mais lúcidos e íntegros psicólogos atuais, o professor H. Maslow, da Brandeis University.

# Produção intelectual de Mira y López

## LIVROS

- 1926 *Teoria y práctica del psicoanálisis*  
Barcelona, Arnau de Vilanova. (Monografies Mèdiques, 2 e 3.)  
2 ed., 1935  
3 ed. *La Psicoanàlisi*. Barcelona, Edicions 62, 1974

- 1932 *Manual de psicologia jurídica*  
1 ed. Barcelona, Salvat  
2 à 5 ed. Buenos Aires, El Ateneo  
6 ed. Buenos Aires, El Ateneo, 1985

Edição brasileira:

- Manual de psicologia jurídica*  
1 ed. Rio de Janeiro, Agir, 1947  
2 ed. São Paulo, Mestre Jou, 1955  
3 ed. São Paulo, Mestre Jou, 1967

Edição francesa:

- Manuel de psychologie juridique*  
Paris, Presses Universitaires, 1958

- 1935 *Manual de Psiquiatría*  
1 ed. Barcelona, Salvat  
2 ed., 1943; 3 ed. Buenos Aires, El Ateneo, 1946, 2v.  
4 ed. Buenos Aires, El Ateneo, 1952, 3v.
- Edição brasileira:  
*Manual de Psiquiatría*  
1 ed. Rio de Janeiro, Científica, 1944, 2v.  
2 ed., 1949; 3 ed., 1955  
4 ed. Rio de Janeiro, Científica, 1956, 3v.
- 1940 *Problemas psicológicos actuales*  
1 ed. Buenos Aires, El Ateneo  
2 à 6 ed.  
7 ed. Buenos Aires, El Ateneo, 1970
- Edição brasileira:  
*Problemas atuais de psicologia*  
1 ed. Rio de Janeiro, Científica, 1948  
2 ed., 1951  
3 ed. Rio de Janeiro, Científica, 1960
- 1941 *Manual de psicoterapia*  
Buenos Aires, Aniceto Lopez
- Edição brasileira:  
1 ed. Rio de Janeiro, Científica, 1942  
2 ed. Rio de Janeiro, Científica, 1949
- 1941 *Psicología evolutiva del niño y del adolescente*  
1 ed. Rosario (Argentina), Ruiz  
2 à 18 ed. Buenos Aires, El Ateneo  
19 ed. Buenos Aires, El Ateneo, 1995
- Edição brasileira:  
*Psicologia evolutiva da criança e do adolescente*  
1 ed. Rio de Janeiro, Científica, 1946  
2 e 3 ed., 1954  
4 ed. Rio de Janeiro, Científica, 1960

- 1943 *Instantaneas psicológicas*  
Buenos Aires, Bajel
- 1943 *Fundamentos del psicoanálisis*  
1 ed. Buenos Aires, Americalee
- Edição brasileira:  
1 ed. Rio de Janeiro, Científica, 1949  
2 ed. Rio de Janeiro, Científica, 1960
- 1943 *Psychiatry in war*  
New York, Norton
- Edição argentina:  
*La psiquiatría en la guerra*  
Buenos Aires, Médico Quirúrgica, 1944
- 1945 *Higiene mental del mundo postguerra*  
Buenos Aires, Mundo Atlántico
- 1947 *Manual de orientación profesional*  
1 ed. Buenos Aires, Kapelusz  
2 à 6 ed.  
7 ed. Buenos Aires, Kapelusz, 1986
- 1947 *El niño que no aprende*  
1 ed. Buenos Aires, Kapelusz  
2 à 8 ed.  
9 ed. Buenos Aires, Kapelusz, 1986
- Edição brasileira:  
*A criança que não aprende*  
1 ed. São Paulo, Mestre Jou, 1968
- 1947 *Cuatro gigantes del alma*  
1 ed. Buenos Aires, El Ateneo  
2 à 13 ed.  
14 ed. Buenos Aires, El Ateneo, 1995

Edição brasileira:

*Quatro gigantes da alma*

1 ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1949

2 à 16 ed.

17 ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1996

1948 *Psiquiatria básica*

1 ed. Buenos Aires, El Ateneo

2 ed.

3 ed. Buenos Aires, El Ateneo, 1953

Edição brasileira:

*Psiquiatria básica*

Rio de Janeiro, Guanabara, 1950

1948 *Como estudiar y como aprender*

1 ed. Buenos Aires, Kapelusz

2 à 8 ed.

9 ed. Buenos Aires, Kapelusz, 1986

Edição brasileira:

*Como estudar e como aprender*

1 ed. São Paulo, Mestre Jou, 1965

1950 *Psicologia militar*

Rio de Janeiro, Departamento da Imprensa Nacional. (Biblioteca do Exército.)

1951 *Le psychodiagnostic miocinétique*

1 ed. Paris, Centre de Psychologie Appliquée

2 ed. Paris, 1962

Edição argentina:

*Psicodiagnóstico miocinético (PMK)*

1 ed. Buenos Aires, Paidós, 1957

3 ed. Buenos Aires, 1991

Tradução inglesa do original francês:

New York, Logos Press, 1958

Tradução alemã:  
Berne, Hans Huber, 1964

Tradução italiana:  
Firenze, Organizzazioni Speciali, 1962

1953 *Manual de psicotécnica (psicologia aplicada ao trabalho)*  
Rio de Janeiro, Científica

1955 *Psicología experimental*  
1 ed. Buenos Aires, Kapelusz  
3 ed. Buenos Aires, Kapelusz, 1959

1956 *Roteiro de saúde mental*  
1 ed. Rio de Janeiro, José Olympio  
2 ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1961

Edição argentina:  
*Guía de la salud mental*  
1 ed. Buenos Aires, Oberon, 1956  
2 ed. Buenos Aires, Oberon, 1965

1958 *Compendio de psiquiatría*  
Buenos Aires, El Ateneo

1961 *Factores psicológicos de la productividad*  
Buenos Aires, El Ateneo

1961 *Hacia una vejez joven*  
Buenos Aires, Kapelusz

Edição brasileira:  
*A arte de envelhecer*  
1 ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1961  
2 ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966

1962 *La mente enferma*  
Montevideo (Uruguay), Servicio Científico Rocha

1963 *As vocações e como descobri-las*  
Rio de Janeiro, Selo de Ouro, 295

- 1963 *Doctrinas psicoanalíticas (exposición y valoración crítica)*  
Buenos Aires, Kapelusz

Edição brasileira:

*Avaliação crítica das doutrinas psicoanalíticas*

Rio de Janeiro, Fundação Getulio Vargas, 1964

- 1963 *Psicología de la vida moderna*  
1 ed. Buenos Aires, El Ateneo  
2 ed. Buenos Aires, El Ateneo, 1972

Edição brasileira:

*Psicologia da vida moderna*

1 ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1964

2 ed.

3 ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1969

- 1964 *Psicologia geral*  
1 ed. São Paulo, Melhoramentos  
2 à 5 ed.  
6 ed. São Paulo, Melhoramentos, 1974

Edição argentina:

*Manual de psicología general*

1 ed. Buenos Aires, Kapelusz, 1969

- 1964 *O pensamento*  
Rio de Janeiro, Selo de Ouro, 301

Edição argentina:

*El pensamiento*

Buenos Aires, Kapelusz, 1966

- 1964 *A escola dos pais*  
Rio de Janeiro, Selo de Ouro, 191

- 1964 *Psicologia e futebol*  
Rio de Janeiro, Civilização Brasileira

- 1965 *Temas actuales de psicología aplicada*  
Buenos Aires, Oberon

Edição brasileira:

*Temas atuais de psicologia*

Rio de Janeiro, José Olympio, 1969

*Psicologia laboral*

Obra inédita.

## ARTIGOS

1916 Ludotoxismo. *Tribuna Médica*. Barcelona.

1919 Nou model taquibradiscop. Colaboración con el dr. Augustin. *Anals del Institut Professional de Barcelona*.

1920 De la sensibilitat. *La Revista*. Barcelona.

Exploración de la mobilitat atentiva. *Anales de la Sociedade de Biologia Catalana*. Barcelona.

Funcionamiento del laboratorio psicológico del Instituto de Orientación Profesional de Barcelona. *Archivos de Neurología*. Madrid (2-4).

1921 Aplicabilidad della moderne metodos psicotécnicos a Catalunya. Barcelona.

Cas senzil de psicoanalysis. *Anals de Ciències Mèdiques*. Barcelona.

Exposición-comentário de la psicologia conductista. *Archivos de Neurología*. Madrid.

Iniciación de la infancia escolar en la vida social. Trabalho premiado pela Sociedad de Estudios Bascos, Bilbao.

Probes de cordinación óculo-manual. *Anals de L'Institut d'Orientación Profesional*. Barcelona (4).

Valor del questionario hetero-introspectius. *Anals de l'Institut d'Orientación Profesional*. Barcelona (4).

1922 Biopolaridad emocional. *Psiquiatría*. Barcelona (4).

Correlaciones somáticas del trabajo mental. *Anales de la Sociedad de Biología Catalana*. (Tese de Doutorado.)

Diferencias d'opinió dels mestres i psicologes respecte a l'intelligencia dels infants. *Bulleti dels Mestres*. Barcelona.

Estado actual de las pruebas mentales. *Revista de Pedagogía*. Madrid.

Pla de reforma de l'ensenyament normal. *Bulleti dels Mestres*. Barcelona.

Qué es la inteligencia? *Revista de Pedagogía*. Madrid.

1923 Investigación de la memoria. *Revista de Pedagogía*. Madrid.

Psicohigiene cultural. *Bulleti dels Mestres*. Barcelona.

Psicohigiene intelectual. *Bulleti dels Mestres*. Barcelona.

1924 Cardiovascular changes during mental work. *Proceedings of the International Congress of Psychology*. Cambridge.

Mal d'ull o mal donat. *Anals de Ciències Mèdiques*. Barcelona.

Pruebas de imaginación visual (espacial) en la escuela. *Revista de Pedagogía*. Madrid.

VII Congreso Internacional de Psicología. *Archivos de Neurobiología*. Madrid (4).

III Conferencia de Psicotecnia de Milán. *Archivos de Neurobiología*. Madrid (1).

- 1925      Algunas objeciones a la teoría tipológica de Kretschmer. *La Medicina Germano — Hispanoamericana*, Berlin.
- Aspecto pedagógico de la orientación profesional. *Revista de Pedagogía*. Madrid (40).
- Cas d'epilepsia psíquica de causa organica focal. *Anal de Ciències Mèdiques*. Barcelona.
- Caso de delirio persecutorio difícilmente clasificable. *Revista Médica de Barcelona*.
- Estado atual del concepto de las psiconeurosis. *Revista Médica de Barcelona*.
- Ideas modernas sobre los temperamentos. *Ars Médica*. Barcelona.
- Nouveau méthode d'exploració del subconscient. *Anal de Ciències Mèdiques*. Barcelona.
- Progresos de la Psiquiatría en el último bienio. Barcelona, Badiá. (Conferència pronunciada no Instituto Médico Farmacéutico.)
- Psicotécnica. *Enciclopedia Espasa-Calpe*. Madrid.
- Sobre el valor del psicodiagnóstico de Rorschach. *Los Procesos de la Clínica*.
- 1926      Algunas objeciones al tratamiento eléctrico de las psiconeurosis. *Revista de Medicina y Cirugía del Instituto Médico-Farmacéutico*. Barcelona (56).
- Algunas objeciones a la teoría tipológica de Kretschmer. *Revista de Psiquiatría y Medicina Legal*. Buenos Aires.
- Aplicaciones médicas y psicológicas del psicoanálisis. *Archivos de Medicina, Cirugía y Especialidades*. Madrid. (25):249-56, nov.

Aplicaciones practiques. Barcelona, 3.

Contribution à l'étude des relations entre la tuberculose et la esquizophrénie des alienistes français. Travaux du 30<sup>ème</sup> Congrès. Gênevè-Lausanne.

Lluita contra les toxicomanies. *Bulletin del sindicat de metges*. Barcelona.

Pruebas para la determinación de los tipos de inteligencia. *Actualidade Médica*. Granada.

Visión sintética del estado de la orientación profesional en los distintos países. *Revista de Escuelas Normales*. Madrid.

1927 Algunas notas inéditas de técnica para el tratamiento de las psiconeurosis. *Archivos de Medicina, Cirugía y Especialidades*. Madrid (26):775-9. *Revista Médica de Barcelona*. Madrid (8):162-7.

Las esquizofrenias. *Tratado Iberoamericano de Medicina Interna*. Granada.

Estado actual del concepto de las esquizofrenias. *Revista Médica de Barcelona*. Madrid (7).

Exploración de la afectividad en la escuela. *Monitor de la Educación Común*. Madrid.

Notas inéditas de técnica para el tratamiento de las psiconeurosis. *Archivos de Medicina, Cirugía y Especialidades*. Madrid.

Nuevo auxiliar de la clínica: la automorbografía. *Ars Médica*. Barcelona.

Pruebas para la determinación de los tipos de inteligencia en los niños. *Archivos de Neurobiología*. Madrid (7):3-37.

Psiconeurosis. *Tratado Iberoamericano de Medicina Interna*. Granada.

Tractament dels atacs histèrics per illur fragmentació voluntària. *Anals de Ciències Mèdiques*. Barcelona (5).

1928 Algunas notas inéditas de técnicas para el tratamiento de las psiconeurosis. *Boletín de la Asociación Médica de Puerto Rico*, 21(3-6).

Conducta que debe observarse ante un alienado furioso. *Archivos de Medicina, Cirugía y Especialidades*. Madrid (29):457-60, oct.

Desarrollo de las funciones mentales en el niño. *Revista de Pedagogía*. Madrid.

Diferències d'opinió dels mestres i psicòlegs respecte a l'intel·ligència dels infants. *Bulletí dels Mestres*. Barcelona.

Exploration du temperament et caractere. Utrecht.

Influencia de la personalidad psíquica en la fisiología y en la patología somáticas. *Revista Médica de Barcelona*. Madrid (10):425-38.

Valor terapèutic de las inyecciones endovenosas de soluciones hipertónicas en neuroPsiquiatría. *Archivos Médicos*. Madrid, 4:41-46.

1929 Les injections de solutions hypertoniques en neuro-psychiatrie. Nouvelles orientations dans le traitement de l'alcoolisme.

Comptes rendus du Congrès des médecins aliénistes et neurologistes de France et des pays de langue française. XXXIII session. Paris, Masson.

New directions in testing affectivity. *Proceedings of the 6th International Congress of Psychology*. Yale University.

Pruebas de la afectividad en la escuela. *Revista de Pedagogía*. Madrid.

- 1930 Exploración de la afectividad. *Revista Médica de Barcelona*. Madrid (14):222-59.
- 1931 Exploración de la afectividad. *Archivos de Neurobiología*. Madrid (3):337-414.
- Professiographie. Relatório da VII Conférence Internationale de Psychotechnie. Moscou, 8-14.
- Pruebas para el reconocimiento de la inteligencia abstracta. *Revista de Pedagogía*. Madrid.
- Psicosis traumáticas. *Archivos Médicos*. Barcelona (7):256-62.
- Psicoterapia. *Manual de Terapéutica de Marin*. Barcelona.
- Valor terapéutico de las inyecciones endovenosas de soluciones hipertónicas en neuropsiquiatría. *Archivos Médicos*. Madrid (4):41-6.
- 1932 Contribución al estudio patogénico del síndrome de despersonalización. *Revista Médica de Barcelona*. Barcelona (18):455-60.
- Cuatro casos de catástrofes operatoria en enfermos psiconeuróticos internados incidentalmente. *Revista de Cirugía de Barcelona*. Madrid (4):483-8.
- Neurosis compulsiva, amiasiasis e hiperglucemia. *Revista Médica de Barcelona*. Madrid (7):298-300.
- 1933 Cuatro casos de catástrofes operatoria en enfermos psiconeuróticos internados incidentalmente. *Archivos de Medicina, Cirugía y Especialidades*. Madrid (36):225-8.
- Nueva concepción experimental de la conducta moral. *Archivos de Neurobiología*. Madrid (13):1.059-80.
- Psicología del dolor. *Revista de Psicología Pedagógica*. Barcelona (1).

- 1934 Ensayos psicológicos acerca del dolor. *Archivos de Medicina Legal e Identificação*. Rio de Janeiro (4):5-24.
- New conception of moral behaviour. *Journal of Criminology* (24):860-79.
- 1935 Concepto general y sintomatología psiconeurótica y organoneurótica. *Revista de la Policlínica*. Caracas, 5(20):1.293-330.
- Método de Sakel para el tratamiento de la esquizofrenia. *Revista Médica de Barcelona* (24):529-30.
- Oligofrenias. *Revista de Psicología i Pedagogia*. Barcelona (9):19-41.
- 1938 Higiene mental del combatiente. *Revista de Sanidad de Guerra*. Madrid (2):138-42.
- Psicopedagogía de la sociabilidad. *Publicaciones de la Unión Panamericana*. Washington.
- Psicopatología del estats passionals. *Revista Universidad de la Habana*. Cuba.
- 1939 Prueba del zig-zag en neuropsiquiatría. *Revista de Neuropsiquiatría*. Lima (4).
- Psicología de la conducta revolucionaria. *Revista Universidad de la Habana*, Cuba.
- Psychiatric experience in Spanish War. *British Medical Journal*. London (1):1.217-20.
- 1940 Análisis estructural del miedo. *Revista de Neuropsiquiatría*. Buenos Aires (2):503-21.
- Cirugía y psicología. *Anales de Cirugía*. Buenos Aires (6):223-32.
- Un medio efectivo para suprimir los ataques histéricos. *Vida Médica*. Buenos Aires, 1(4).

Myokinetic psychodiagnosis: a new technique of exploring conative trends of personality. *Proceedings of the Royal Society of Medicine*. London (33):173-94.

Nueva técnica para la determinación de la peligrosidad en los delincuentes y en los enfermos mentales. *Revista de Medicina Legal y Jurisprudência Médica*. Buenos Aires (4):3-25.

Nuevo aparato para la exploración de las alteraciones estereogónicas: el axistereómetro. *Revista de Neurología*. Buenos Aires (5):113-21.

Orientaciones modernas en el tratamiento sanatorial de los enfermos mentales. *Archivos Clínicos* (1).

Psicotecnia hospitalar. *Revista Médica y Ciencias Afines*. Buenos Aires (2):530-7.

Psicoterapia. *Semana Médica*. Buenos Aires (2):973-8.

1941 Actual concepción psicopedagógica. *Educación*. Caracas (Venezuela).

Bases científicas de la psicoterapia. *Revista de Psiquiatría y Criminología*. Buenos Aires (6):271-82.

Concepción psicobiosocial del individuo humano. *Facultas*. Buenos Aires 1(9).

Estado actual del concepto de psicosis endocrina. *Actualidad Médica Mundial*. Buenos Aires, 11(109).

Estado actual del concepto de psicosis endocrina. Exposição ao II Congreso Panamericano de Endocrinología. Montevideo. Marzo.

Neuropsiquiatría infantil. *Archivo del Hospital de Niño*. Buenos Aires (10):139-47.

Normas generales de la psicoterapia en la infancia. *Archivo del Hospital de Niños*. Buenos Aires (10):194-202.

Nueva técnica para la determinación de la agresividad. *Revista de Psiquiatría y Criminología*. Buenos Aires (6):313-34.

Psicogenesis y concepto psicobiosocial del individuo humano. *Crónica Médica*. Lima (58):174-205.

Psicología normal y patológica. *Index de Neurología y Psiquiatría*, 3(3):114.

Qué puede hacer el médico práctico ante un alienado furioso. *Facultas*. Buenos Aires, 1(1).

1942 Estado actual del psicodiagnóstico miokinético. *Revista Index de NeuroPsiquiatría*. Buenos Aires.

Condiciones psicológicas a cumplir para la eficacia del trabajo clínico en equipos. *Semana Médica*. Buenos Aires (2):1.203-9.

Una nueva técnica para la determinación de la peligrosidad en los delincuentes y en los enfermos mentales. *Revista de Medicina Legal e Jurisprudencia Médica*. Rosario, Argentina, 4(1-2).

Orientación psicosomática en la medicina actual. *Semana Médica*. Buenos Aires, 1:1.079-86.

Psicoterapia de las neurosis sexuales. *Facultas*. Buenos Aires, 2(1-2).

1943 Derivaciones de la teoría de los reflejos condicionados en el cuerpo educativo. *Boletín del Laboratorio de Psicopedagogía Sebastian Morey Otero*. Montevideo.

Psicología del adolescente. *Boletín Interamericano de Protección de la Infancia*. Montevideo, 3(16):373-90; 505-20.

- 1944 Estado atual do conceito de psicose endócrina. *Jornal dos Clínicos*. Rio de Janeiro.
- La higiene mental de la postguerra. In: Jimenez de Asua, Luis. *El derecho penal del futuro*. Buenos Aires, Mundo Atlántico.
- El niño que no aprende. *Anales de Instrucción Primaria*. Montevideo.
- A taquigrafia e o taquígrafo. *Revista Taquigráfica*. Rio de Janeiro, 4(72).
- Técnica e interpretación del psicodiagnóstico miokinético. In: *La Psiquiatría en la guerra*. Buenos Aires, Médico-Quirúrgica. p. 211-27.
- 1945 Contribución del psicodiagnóstico miocinético al diagnóstico neurológico. *Actas del Congreso Sudamericano de Neurocirugía*. Montevideo.
- Coordinación de las enseñanzas. *Voluntad*. Montevideo, 6(6).
- Misión del Psicotécnico en la Universidad del Trabajo. *Universidad del Trabajo del Uruguay*. Montevideo, 6(4).
- Una nueva técnica para la determinación de la peligrosidad actual y potencial. *Manual de psicología jurídica*. Buenos Aires, El Ateneo. cap. 13, p. 295-321.
- Problemas vitales de la formación técnico-profesional. *Voluntad*. Montevideo, 6(6).
- Psicologia a serviço do trabalho profissional. *Revista do Serviço Público*. Rio de Janeiro, 8-4(3).
- Psicologia aplicada ao trabalho (resumo de preleções). São Paulo, Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial. Departamento Regional.

Resultados del PMK en adolescentes normales. In: *Temas actuales de psicología y patología normal e patológica*. Buenos Aires, Médico-Quirúrgica. p. 397-412.

1946 Aspectos psicotécnicos do processo de orientação profissional. *Revista do Serviço Público*. Rio de Janeiro, 9(4):11-5.

Contribución del PMK al diagnóstico neurológico. *Actas del Congreso Sudamericano de Neurocirugía*. Montevideo, 1:302-10.

Correlaciones de la pediatría, la pedagogía y la psiquiatría. *Cultura Médica*. Rio de Janeiro, 7(7).

Examen médico en la orientación profesional. *Revista Médica del Trabajo*, 1:35-42.

Gineroterapia. *Arquivos da Escola de Educação Física e Desportos*, Rio de Janeiro, 2(2).

Misión del psicotécnico en la Universidad del Trabajo. *Voluntad*. Montevideo, 6(6).

Noções de análise profissiográfica. *Revista do Serviço Público*. Rio de Janeiro, 9-6(2).

Normas para a classificação dos trabalhos profissionais segundo as aptidões. *Revista do Serviço Público*. Rio de Janeiro, 9-7(3):5-11.

Psicoanálisis y medicina. *Cultura Médica*. Rio de Janeiro, 7(10).

El psicodiagnóstico miokinético. In: *Psiquiatría*. Argentina, El Ateneo. v. 2, p. 824-66.

Quem deve realizar a orientação profissional. *Revista do Serviço Público*. Rio de Janeiro, 9-7(1):5-10.

1947 Bases psicológicas para a seleção dos técnicos de orçamento. *Revista do Serviço Público*. Rio de Janeiro, 2(1-2):5-8.

Escolhendo a função para o homem. Rio de Janeiro, Divisão de Higiene e Segurança do Trabalho, Imprensa Nacional.

Importancia de la prospección en el diagnóstico y el pronóstico psiquiátrico. *Arquivos da Assistência a Psicopatas do Estado de São Paulo*, 12:196-208.

A paradoxal concepção psiquiátrica da personalidade. *Reimpressões e Informes Técnicos*. Rio de Janeiro, (7):1-2.

Psicodiagnóstico miokinético. *Boletín del Laboratorio de Psicopedagogia Sebastian Morey Otero*. Montevideo, (3-4):342-9.

El psicodiagnóstico miokinético. In: *Manual de orientación profesional*. Buenos Aires, Kapelusz. p. 270-80.

Psicologia da adolescência. *Psyke*. Rio de Janeiro (2):32-42.

Psicotecnia hospitalar. *Psyke*. Rio de Janeiro (2):43-54.

Resultados del PMK en estudiantes montevideanos. *Boletín del Laboratorio de Psicopedagogía*. Montevideo, 342-419.

Seleção dos técnicos orçamentários. *Revista do Departamento Administrativo do Serviço Público*. Rio de Janeiro.

O teste PMK. *Revista do Serviço Público*. Rio de Janeiro, 17:3-4.

1948 Applications des tests mentaux a la psychiatrie clinique (contribution a la discussion des rapports officiels).

Importância do PMK no estudo da constelação familiar. In: *Atas do IV Congresso Brasileiro de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal*. São Paulo, Hospital Juqueri.

O papel das condições sociais na gênese das perturbações mentais. *Psyke*. Rio de Janeiro, 1(4).

Psicoterapia de la infelicidad. *Archivos Médicos Mexicanos*. Monterrey, Mexico, 6(6):252-67.

Valor diferencial del PMK en la profilaxia de la productividad delincinencial. In: *Records of the South American Congress on Criminology*. Rio de Janeiro, July.

1949 Aplicação do psicodiagnóstico miocinético ao estudo da agressividade. *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica*. Rio de Janeiro, 1(1):69-116.

La asistencia al alienado furioso. *Revista da Associação Médica de Minas Gerais*, 1(2):105-10.

Estudo da personalidade pelo método dos testes. *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica*. Rio de Janeiro, 1(2):7-18.

Métodos de exame experimental da personalidade. *Cultura*. Rio de Janeiro, 1(3):77-8.

Psicologia do adolescente. *Revista do Ensino*. Belo Horizonte, 17(192).

Psicologia do testemunho. *Revista do Idort*. São Paulo, 18(215):20.

1950 Definición de los conceptos psicológicos fundamentales. *Revista de Neurobiologia*. Recife, 13(2):95-102.

Estudio de los dispositivos de integración y síntesis de la conducta personal. *Revista Nacional de Cultura*. Caracas (81).

L'étude de la personnalité par le méthode des tests. *Pédagogie*. Paris, 5(2):84-95.

Étude sur la validité du PMK. *L'Année Psychologique*. Paris (50):575-84.

Métodos de exame experimental da personalidade. *Cultura*. Rio de Janeiro (3).

Misión del psicotécnico en la Universidad del Trabajo. *Boletim da CBAI*. Rio de Janeiro, 4(18):530-3.

A psicologia aplicada ao trabalho. *Boletim Semanal*. Rio de Janeiro, 17(38):213-4.

Psicologia da subordinação. Rio de Janeiro, Escola Superior de Guerra.

1951 Integración y síntesis de la conducta humana. *Revista Latinoamericana de Psiquiatría*. Buenos Aires, 1(1).

Psicopedagogia de la sociabilidad. *Boletim da CBAI*. Rio de Janeiro, 5(2):594-9.

1952 Trabalho experimental com aprendizes operários em sua aprendizagem motora. *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica*. Rio de Janeiro, 4(1):7-32.

Bases psicológicas para seleção dos técnicos em orçamento. *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica*. Rio de Janeiro, 4(2):35-40.

L'Etude de la personnalité par la méthode des tests. In: Baumgarten, F. *La psychotechnique dans le monde moderne*. Paris, Presses Universitaires de France. p. 81-93.

Problemas fundamentais da orientação profissional. *Boletim da CBAI*. Rio de Janeiro, 6(3):792-5.

Psicopatologia de las personas transplantadas. *Revista Latinoamericana de Psiquiatría*. Buenos Aires, 1(4).

Psychopathology of learning and habituation. *Journal of Clinical and Experimental Psychopathology*. New York, 13(3):195-200.

Seleção e orientação profissionais. *Boletim Semanal*. Rio de Janeiro, 3(49):316-9.

- 1953 Alguns problemas de síntese na orientação profissional. Comunicação apresentada ao XI Congresso Internacional de Psicotécnica. *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica*. Rio de Janeiro, 5(2):7-13.

Estado atual do psicodiagnóstico miocinético. *Revista do Senac*. Rio de Janeiro (3):15-22.

O jogador de xadrez. *Revista de Organização Científica*. São Paulo, 22(262).

Origens e modalidades da psicoterapia. *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica*. Rio de Janeiro, 5(3):69-72.

Problemas da educação infantil. *Revista do Ensino*. Porto Alegre, 2(16).

Traitement des personnalités psychopathiques à l'aide des données du psychodiagnostic myocinétique. *Bulletin de Psychologie*. Paris, 7(1).

Um ensaio de ortopsiquiatria no Brasil. *Arquivos de Neuropsiquiatria*. São Paulo, 2(3).

- 1954 Noções de psicologia da criança e desordens psicopatológicas na infância. In: Martinho da Rocha, José. *Tratado de Pediatria*.

A observação das aptidões motrizes dos escolares. *Revista do Ensino*. Porto Alegre, 3(24):5.

Psicogênese da autopercepção do eu — variações da autognose existencial — estudo experimental das mesmas. *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica*. Rio de Janeiro, 6(1):43-7.

Seven problems of synthesis in vocational guidance. *Occupational Psychology*. London, 28(1):34-9.

- Vie et l'oeuvre pédagogique de Madame Hélène Antipoff. *La Revue Internationale de Psycho-pedagogie*. Bruxelles (2):207-11.
- 1955 Aplicações da psicologia no campo das atividades estatais. *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica*. Rio de Janeiro, 7(2):115-26.
- Estudio especial del psicodiagnóstico miokinético y sus aplicaciones en la clínica psiquiátrica. In: *Psiquiatria*. 4 ed. Buenos Aires, El Ateneo. v. 3.
- Métodos modernos para la exploración de la verdad en el terreno de la delincuencia. In: *La Razón*. Buenos Aires.
- Problemas psicológicos de la rehabilitación profesional. Caracas. (Congreso Americano de Medicina do Trabalho.)
- Profilaxis del delito en la sociedad moderna. In: *La razón*. Buenos Aires.
- A profissiografia do administrador. Rio de Janeiro, Escola Brasileira de Administração Pública. (Cadernos de Administração Pública, 30.)
- Psicopatologia e psicagogia dos menores desajustados. Rio de Janeiro, Serviço de Assistência de Menores. (Súmulas.)
- 1956 A influência da previsão e da atitude sobre o rendimento mental. *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica*. Rio de Janeiro, 8(2):1-10.
- A investigação do somatotipo como meio de compreensão das cargas e declives delitogênicos. *Revista do Ensino*. Porto Alegre, 5(39):33-7.
- 1957 Características generales de las actividades psíquicas. *Acta Neuropsiquiátrica Argentina*. Buenos Aires, 3(3):217-22; jul./set.
- 1958 O XIII Congresso Internacional de Psicologia Aplicada. Roma, 9-14 de abril de 1958. *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica*. Rio de Janeiro, 10(3):5-9. *Mec*. Rio de Janeiro, 2(1): maio/jun.

Ensayo de diferenciación condicional en un caso de dicefalia. *Archivos Venezolanos de Psiquiatría y Neurología*. Venezuela, 4(11):1-10, jul./dic.

Eugeria. *Mec*. Rio de Janeiro (14):24-7.

El hombre y arquitetura. *Revista Mirador*. Buenos Aires (3).

Personalidad y psicoterapia. *Archivos de Neurología y Psiquiatría*. Cuba, 8(2):43-6.

A psicologia na formação do magistrado. *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica*. Rio de Janeiro, 10(3):35-41.

La psychologie dans la formation du magistrat. *Actes du XIII Congrès de l'Association Internationale de Psychologie Appliquée*. Rome, 9-14; avr. 1958. p.3-17.

1959 Considerações acerca do problema da seleção prévia no magistério. *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica*, 11(3-4):1-6.

La teoría "reacto — objectal" de la personalidad, de W.R. Fairban. *Cuadernos de Psicología*. Venezuela, 1(2): ene./jun.

1960 Aplicações atuais do PMK no diagnóstico e prognóstico psiquiátrico. *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica*. Rio de Janeiro, 12(1):17-22.

Correlations between mental attitudes and muscular tensions. XVI International Congress of Psychology. Bonn.

Impressões do XVI Congresso Mundial de Psicologia Científica. *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica*. Rio de Janeiro, 13(3):55-64.

Orientación psicológica de las relaciones humanas en el trabajo. *Revista Psicología Industrial*. Buenos Aires, 1(2).

Patogenia de la delincuencia juvenil. *Política*. Caracas (8):56-65.

El psicodiagnóstico miokinético. In: Székly, Bela. *Los tests*. 4 ed. Buenos Aires, Kapelusz. p. 1.421-34.

Relações humanas no trabalho. *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica*. Rio de Janeiro, 12(2):67-100.

1961 Influências da relação mestre-aluno no rendimento pedagógico. *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica*. Rio de Janeiro, 13(3):57-65.

Patogenia da delinqüência juvenil. *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica*. Rio de Janeiro, 13(1):27-34.

Psicosis y personalidad epiléptica. *Archivos de Criminología, Neurología y Disciplinas Conexas*. Quito, 9(34):329-54, abr./jun.

El niño y el sueño. *Nuestros hijos*. Buenos Aires (5):34-5.

Psicologia experimental da expressão motriz. *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica*. Rio de Janeiro, 14(1):41-5.

Segunda revolución pedagógica: la relación maestro-discípulo es factor esencial del proceso educativo. *Nuestro hijos*. Buenos Aires (87):12-4.

1963 Estado atual da psicologia do pensamento. *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica*. Rio de Janeiro, 15(2):33-43.

El niño que no duerme. *Nuestros hijos*. Buenos Aires (96):14-5.

A preparação dos pais. *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica*. Rio de Janeiro, 15(1):47-56.

Ruído e produtividade. *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica*. Rio de Janeiro, 15(1):67-8.

A vocação do médico. *O Plantão*. Rio de Janeiro, Faculdade de Ciências Médicas da Universidade do Estado da Guanabara, 1(1), jul./ago./set.

1964 Pensamento e cibernética. *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica*. Rio de Janeiro, 16(2-3):131-42.

Relações entre pensamento e inteligência, pensamento e linguagem, pensamento e caráter, pensamento e cultura. *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica*. Rio de Janeiro, 16(2-3):143-56.

1965 Influência da expectativa e da atitude individual no rendimento mental. *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica*. Rio de Janeiro, 17(4):95-106.

# Biografia de Emilio Mira y López

**1896** Nasce em 24 de outubro, em Santiago de Cuba (colônia espanhola na época).

Filho de Emilia López García e Rafael Mira Merino, subinspetor de saúde militar espanhola (especializado em medicina tropical) e médico-diretor, após a repatriação, do Hospital Geral de Barcelona. Ambos espanhóis.

**1898** Regresso à Espanha. Cinco anos na Coruña.

**1902** Mudança para Barcelona.

**1911** Barcelona. Curso de 2º grau com prêmio extraordinário (seção ciências).

**1914** Aluno interno do Laboratório de Fisiologia da Faculdade de Medicina. Discípulo de Augusto Pi-Sunyer.

**1917** Licenciado em medicina, com prêmio extraordinário, na Universidade de Barcelona.

Falando francês, inglês e alemão, fez numerosas traduções, especialmente de obras médico-psiquiátricas.

- 1918 Médico interno, por concurso, no Hospital Clínico.
- 1919 Chefe, por concurso, do Laboratório de Psicofisiologia no Instituto de Orientação Profissional da Mancomunitat de Catalunya.
- 1920 Expositor na I Conferência Internacional de Psicotécnica e Orientação Profissional (Genebra).
- Visita aos laboratórios de psicologia experimental e fisiologia da França, Inglaterra, Bélgica, Alemanha e Itália.
- 1921 Secretário da II Conferência Internacional de Psicotécnica e Orientação Profissional, realizada em Barcelona.
- Secretário da Societat de Biologia, de Barcelona.
- Professor de Verano del Consell de Pedagogía de la Mancomunitat de Catalunya.
- 1922 Defendeu tese de doutorado sobre "Las correlaciones somáticas del trabajo mental", na Universidade de Madri, obtendo louvor por unanimidade da banca examinadora.
- 1923 Prêmio extraordinário de doutorado outorgado pela Universidade Central de Madri.
- Conferencista oficial na III Conferência Internacional de Psicotécnica (Milão).
- Conferencista no VII Congresso Internacional de Psicologia de Oxford, onde foi nomeado membro do Comitê Internacional de Psicólogos.
- 1924 Co-fundador e diretor, juntamente com B. Rodriguez Arias, da *Revista Médica de Barcelona*.
- Recebeu o prêmio Ars Médica (Barcelona).
- 1925 Médico, por concurso, do Serviço Psiquiátrico da Prefeitura de Barcelona.
- Secretário da Academia de Ciencias Médiques de Catalunya.

- 1926 IV Conferência Internacional de Psicotécnica, realizada em Paris.
- Membro correspondente da Societé de Clinique Méntale.
- Ministra, em Barcelona, cursos sobre psicologia condutista, na Faculdade de Medicina, e sobre psicanálise, na Academia de Ciências Médicas.
- Nomeado diretor-geral do Instituto de Orientação e Seleção Profissional de Barcelona, organismo oficial do Estado espanhol. Desse instituto de Barcelona, juntamente com o de Madrid, dependiam os demais laboratórios da Espanha. Em 1931, transformou-se em Institut Psicotécnic de la Generalitat de Catalunya. Permaneceu na direção até 1938.
- 1927 Co-diretor da clínica Bonavista, em Sant Just Desvern, com Augusto Pi-Sunyer, B. Rodriguez Arias e Jacinto Vilardell.
- Conferencista oficial na V Conferência Internacional de Psicotécnica, em Utrecht.
- Membro do Comité Directivo de la Societé International de Psychotécniqne, de Paris.
- Conferências na Sociedade de Psicologia Médica de Viena.
- Secretário do XXXIII Congresso de Psiquiatria e Neurologia em Paris.
- Ministrou curso de psicologia jurídica na Faculdade de Direito da Universidade de Barcelona.
- 1928 Ministrou curso de psicologia no Ateneo Enciclopédico Popular.
- 1929 *Summer Professor* de psicologia na Universidade de Ohio (EUA). Representante espanhol na reunião da American Society for the Advancement of Science, em Chicago.
- Presidente de seção do IX Congresso Internacional de Psicologia, em Yale (EUA).

- 1930 Médico consultor dos institutos frenopáticos de Reus (Pedro Mata) e do de Sant Baudili de Llobregat (Sant Boi).  
Presidente da VI Conferência Internacional de Psicotécnica, realizada em Barcelona.
- 1931 Ministrou curso de psicologia na Universidade do Trabalho de Barcelona. Conferencista no VII Congresso Internacional de Psicotécnica (Moscou).
- 1932 Presidente eleito do XI Congresso Internacional de Psicologia de Copenhague. Ministrou curso de psicologia experimental na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Barcelona.
- 1933 Nomeado professor de psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade de Barcelona, por votação unânime da congregação, para ocupar a cátedra recém-criada.  
Convidado de honra e relator principal da reunião anual da American Society for Advancement of Science (seção Psicologia, junto com W. Koheler, W. Spearman e Henri Piéron) em Chicago.  
Vice-presidente da Asociación Española de Neuropsiquiatria. Presidente da Societat Catalan de Psiquiatria i Neurologia.  
Membro do Conselho Superior de Psiquiatria de Madri.  
Diretor do Instituto Psiquiátrico de Sant Boi (seção Mulheres). Desse instituto de Barcelona, juntamente com o de Madri, dependiam os demais laboratórios da Espanha. Diretor e proprietário da clínica psiquiátrica infantil La Sageta.
- 1934 VIII Congresso Internacional de Psicotécnica, em Praga.  
Professor de psicologia e psicopatologia infantil na Faculdade de Pedagogia da Universidade de Barcelona.
- 1935 Presidente da Liga Espanhola de Higiene Mental.

Diretor dos institutos frenopáticos de Reus (Pedro Mata) e Sant Baudili de Llobregat (Sant Boi).

Membro honorário da Sociedade de Neurologia e Psiquiatria do Chile.

Membro correspondente da Sociedade Argentina de Psiquiatria e Neurologia.

- 1936 Expositor no XXXIII Congresso de Médicos Alienistas e Neurologistas de língua francesa, realizado em Zurique.

No congresso, recebe a notícia da eclosão da guerra civil na Espanha e regressa imediatamente a Barcelona.

Designado professor extraordinário da Faculdade de Medicina da Universidade de Barcelona, junto com os médicos Carrascos Formiguera, Carulla Riera, Celis Pujol, Pedro Domingo, Joan Puig i Sureda, Belarmino Rodriguez Arias e Luís Sayé.

- 1937 Diretor do Instituto de Adaptação Profissional da Mulher, do Departamento de Trabalho e Obras Públicas da Generalitat de Catalunya.

Vice-presidente honorário da Liga Internacional de Higiene Mental de Paris.

Membro do Conselho Superior de Cultura da República Espanhola.

- 1938 Chefe dos serviços psiquiátricos do Exército Republicano Espanhol, com categoria de tenente-coronel (nomeação do Ministério de Defesa Nacional).

- 1939 Em 23 de janeiro, sua família parte para a França, e ele permanece na Catalunha, providenciando a evacuação dos doentes sobre seus cuidados.

Em Paris, providencia passaporte cubano para ele e sua família.

*Research Fellow* da British Society for Protection of Science and Learning. Trabalho de investigação no Maudsley Hospital e no Mill Hospital, de Londres, apresentado à Royal Academy of Sciences. Estruturação do psicodiagnóstico miocinético.

Conferências sobre psiquiatria de guerra nos Estados Unidos: universidades de Princeton, Harvard, Yale, Chicago e Washington. Professor convidado da Universidade de Havana.

1940 Argentina. Psiquiatra-consultor de La Chapelle (sanatório para doentes mentais). Conferências na Universidade Nacional de Buenos Aires e na Faculdade de Medicina da Universidad Nacional del Litoral (Rosário). Membro Honorário da Sociedade Argentina de Psiquiatria e do Círculo de Médicos Legistas de Rosário.

1941 Professor convidado dos cursos de verão da Universidade do Chile. Professor de psicologia no Colégio Livre de Estudos Superiores de Buenos Aires. Professor convidado de psicoterapia na Faculdade de Medicina da Universidade Nacional de Buenos Aires.

1942 *Salmon Lecturer* na Academia de Medicina de Nova York, designado por um comitê de seleção como o cientista que efetuou as maiores contribuições, no âmbito mundial, em seu campo (psiquiatria).

Nomeado *fellow* da American Psychiatric Association. Conferências em diversas universidades norte-americanas.

1943 Designado diretor dos Serviços Psiquiátricos e de Higiene Mental da Província de Santa Fé (Argentina).

Sócio honorário da Sociedade de Neurologia e Psiquiatria de Rosário.

1944 Contratado pelo Ministério da Educação do Uruguai para organizar as investigações no domínio da psicologia experimental no Laboratório Psicopedagógico Sebastian Morey Otero.

Recebeu convite para o cargo de médico-diretor do Sanatório Bluthgood em Greenwich (EUA).

1945 Contratado pelo Departamento de Administração dos Servidores Públicos (Dasp) para organizar o treinamento dos técnicos dos serviços civis brasileiros no campo da orientação, seleção e readaptação profissional. Radica-se no Brasil, onde ministra cursos e seminários e realiza investigações em São Paulo e Rio de Janeiro.

Sócio honorário do Centro de Estudos Franco da Rocha, de São Paulo, do Centro de Estudos Juliano Moreira, do Rio de Janeiro, e da Associação de Assistência à Infância e à Adolescência, de Salvador.

- 1946** Nomeado organizador e diretor-fundador do Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP) da Fundação Getúlio Vargas, com sede no Rio de Janeiro.
- 1947/48** Convidado para dar cursos na Guatemala, México, Cuba e Venezuela; doutor *Honoris Causa* da Universidade San Carlos, Guatemala, e sócio honorário da Juventude Médica. Professor titular honorário da Cátedra de Psiquiatria da Universidade de Yucatán, no México. Membro honorário da Sociedade Venezuelana de Psiquiatria.
- 1949** Nomeado organizador e supervisor do Serviço de Orientação Profissional do Ministério de Educação do Estado de Minas Gerais.
- Professor de psiquiatria e psicologia experimental no ISOP. Prêmio Idort — 1948, em São Paulo.
- 1950** Eleito por unanimidade secretário-geral da Associação Brasileira de Psicotécnica.
- Ministrou cursos na Escola de Aeronáutica do Ministério, na do Estado-Maior, na de Oficiais do Exército Brasileiro, no Ministério da Marinha e no Departamento Nacional da Criança.
- 1954** Cursos intensivos durante três meses na Universidade Central Marta Abreu de las Villas, Santa Clara, Cuba. Membro de honra da Sociedad Cubana de Neurología y Psiquiatria.
- 1955** Vice-presidente da Região Atlântica da Sociedade Interamericana de Psicologia.
- Membro de honra da Fundação Acadêmica de Pelotas, Rio Grande do Sul.
- Sócio honorário da Associação Paulista de Higiene Mental e Psiquiatria Infantil.

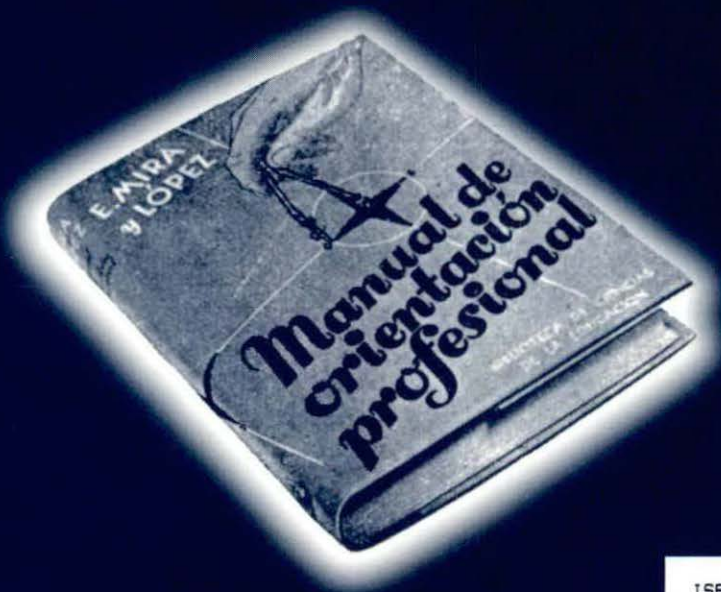
- 1956** Professor convidado de psicologia na Universidade Ignacio Agramonte de Camaguey, Cuba. Professor convidado pela comissão de aperfeiçoamento médico do Colégio Nacional de La Habana para ministrar cursos sobre medicina psicossomática e estatística médica.
- 1958** Convidado pela Universidade Central da Venezuela para reorganizar, durante três meses, o Departamento de Psicologia.
- Membro honorário da Sociedade Médica do Hospital Psiquiátrico de Caracas.
- Recebeu, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, homenagem oferecida pelos alunos diplomados em psicologia da Pontifícia Universidade Católica do estado.
- 1959** Organizador e supervisor do Instituto de Orientação Vocacional da Universidade da Bahia (Idov).
- 1960** *Expert* em psicologia experimental da Unesco para dar cursos no Departamento de Psicologia da Facultad de Humanidades de la Universidad Nacional de La Plata, Argentina.
- Membro honorário da Asociación Argentina de Medicina Psicossomática e da Sociedad de Psiquiatria, Neurología y Neurocirugía de Córdoba, Argentina.
- Membro honorário da Academy of Mental Health, de Nova York.
- 1961** Convidado especial do Instituto Cubano de Amistad de los Pueblos.
- 1962** Professor convidado para o Ciclo de Verano de la Universidad de Quito, Equador, para ministrar cursos de psicologia. Nomeado professor honorário da Faculdade de Filosofia e Letras daquela universidade. Convidado a participar do seminário internacional sobre La Psicología Científica en los Métodos Audiovisuales, patrocinado pela Unesco, em Caen, Normandia.

- 1963 Convidado pela Facultad de Ciencias Médicas de la Universidad Nacional de Cuyo, Argentina, para ministrar um curso intensivo de psicología médica.
- 1964 Falece em 16 de fevereiro, em Petrópolis, estado do Rio de Janeiro.

# MIRA Y LÓPEZ

E A PSICOLOGIA APLICADA NO BRASIL

Este é um livro comemorativo do centenário de nascimento de Emilio Mira y López, médico, professor de psiquiatria e um dos fundadores do Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP) da FGV.



FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
EDITORA

ISBN 85-225-0234-X



9 788522 502349